

SECRETARIA DA COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA
Siegfried Emanuel Heuser

ISSN 1676-1375
ISBN 85-7173-029-6

**AS RELAÇÕES DE COMÉRCIO DO RIO GRANDE
DO SUL — DO SÉCULO XIX A 1930**

Coordenação: Renato Antonio Dalmazo
Auxiliar: Roberto Roncheti Caravantes

Documentos FEE n. 60

Porto Alegre, outubro de 2004



FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA Siegfried Emanuel Heuser

CONSELHO DE PLANEJAMENTO: **Presidente:** Aod Cunha de Moraes Junior. **Membros:** André Meyer da Silva, Ernesto Dornelles Saraiva, Ery Bernardes, Eudes Antidis Missio, Nelson Machado Fagundes e Ricardo Dathein.

CONSELHO CURADOR: Fernando Luiz M. dos Santos, Maria Lúcia Leitão de Carvalho e Suzana de Medeiros Albano.

DIRETORIA:

PRESIDENTE: AOD CUNHA DE MORAES JUNIOR

DIRETOR TÉCNICO: ÁLVARO ANTÔNIO LOUZADA GARCIA

DIRETOR ADMINISTRATIVO: ANTONIO CESAR GARGIONI NERY

CENTROS:

ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS: Octavio Augusto Camargo Conceição

PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO: Roberto da Silva Wiltgen

INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS: Adalberto Alves Maia Neto

INFORMÁTICA: Antônio Ricardo Belo

EDITORAÇÃO: Valesca Casa Nova Nonnig

RECURSOS: Alfredo Crestani

D148

Dalmazo, Renato Antonio, 1948-
As relações de comércio do Rio Grande do Sul — do século XIX a 1930 / Renato Antonio Dalmazo, Roberto Ronchetti Caravantes. Porto Alegre: FEE, 2004.
p.: tab. (Documento FEE: n. 60)

ISBN 85-7173-030-X

ISSN 1676-1375

1. Comércio - Rio Grande do Sul. 2. Economia regional. 3. História. I. Caravantes, Roberto Ronchetti. II. Título. III. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. IV. Série.

CDU 339.55(816.5)

CIP Janira Lopes

CRB10/420

Tiragem: 100 exemplares.

Toda correspondência para esta publicação deverá ser endereçada à:
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA Siegfried Emanuel Heuser (FEE)

Rua Duque de Caxias, 1691 — Porto Alegre, RS — CEP 90010-283

Fone: (51) 3216-9049 — Fax: (51) 3225-0006

E-mail: diretoria@fee.tche.br

www.fee.rs.gov.br

Ao César Ricardo Dotto (o Chico), raro pesquisador empírico do parque paleontológico e das lutas entre Maragatos e Chimangos no Seival, em Caçapava do Sul. Bagual contador de causos e façanhas das cargas de cavalaria. O Chico soube tirar da prática a sabedoria; ouvir o rio para pegar sua paca; laborar o varzedo e os fundões da terra, onde vacas e touros comiam as coxilhas, transformando-os em arrozais; ser hospitaleiro no velho Casarão, onde todos conhecem suas virtudes e, sem retruca, não se metem no bolicho do gaudério.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho teve o apoio do Núcleo de História Econômica, Social e Política do Centro de Estudos Econômicos e Sociais da FEE na divulgação, especialmente, das informações estatísticas, cedendo, para tal, o Auxiliar Roberto Ronchetti Caravantes, para realizar o paciente trabalho de digitação e conferência dos dados. Por isso, devo agradecer o apoio do Coordenador e do Roberto. Porém o Núcleo está isento plenamente dos erros e das imprecisões que porventura existam. Devo agradecer a importante participação de Luiz Alberto Miranda na primeira versão dos itens 1.1 e 1.2 e nas discussões para a estruturação do trabalho. Ele, igualmente, está isento. Sou muito grato à Auxiliar Eliana Figueiredo da Silva, do Núcleo de Contabilidade Social, que participou da conferência e da consolidação dos dados da primeira versão. E, por fim, meu agradecimento carinhoso à Tamara e à Letícia Ribeiro Dalmazó pela tarefa de digitar e conferir o texto, inclusive renunciando, com muito pesar, a um fim de semana naquele paraíso da praia de Ibiraquera (SC).

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E QUADROS	9
INTRODUÇÃO	13
1 - AS RELAÇÕES DE COMÉRCIO NO SÉCULO XIX	15
1.1 - A formação do segmento pecuária-charqueada	15
1.2 - A formação da lavoura colonial	22
1.3 - As relações de comércio no século XIX	25
1.4 - O comportamento das exportações e das importações	27
2 - AS RELAÇÕES DE COMÉRCIO NA PRIMEIRA REPÚBLICA — 1889-930	37
2.1 - A dinâmica da economia regional e seus limites comerciais	37
2.2 - O comportamento das exportações e das importações	43
2.2.1 - As exportações	43
2.2.2 - As importações	55
REFERÊNCIAS	163

LISTA DE TABELAS E QUADRO

Século XIX

Tabela 1 - Exportações, importações e indicadores das relações de troca do RS — 1921-1939	58
Tabela 2 - Participação percentual do valor das exportações, por classes de produtos, do RS — 1920-1950	58
Tabela 3 - Composição percentual das exportações do RS para o Exterior — 1905-1930	59
Tabela 4 - Abate de bovinos nas charqueadas do RS — 1907-20	59
Tabela 5 - Número de reses abatidas para o charque no RS, no Uruguai e na Argentina — 1921-25	60
Tabela 6 - Valor das exportações, das importações e do Imposto de Exportação do RS — 1821-1900	61
Tabela 7 - Participação dos principais produtos nas exportações totais do RS — 1822-1860	63
Tabela 8 - Participação percentual dos principais produtos da pecuária e da lavoura nas exportações totais do RS — 1861-900	64
Tabela 9 - Valor dos principais produtos da pecuária do RS — 1822-1900	66
Tabela 10 - Quantidade e valor dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900	69
Tabela 11 - Quantidade e valor dos principais produtos da lavoura exportados pelo RS — 1871-900	73
Tabela 12 - Quantidade e valor das exportações de vinho e madeira do RS — 1861-920	75
Tabela 13 - Preços médios dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900	77
Tabela 14 - Quantidade, valor e preço médio da exportação de charque e Imposto de Exportação do RS — 1822-1900 ...	79
Tabela 15 - Número, valor, preço médio e Imposto de Exportação de couros crus do RS — 1822-1900	81
Tabela 16 - Número, valor e preço médio da exportação de couros curtidos do RS — 1871-900	83
Tabela 17 - Quantidade, valor e preço médio da exportação de lã do RS — 1861-900	84
Tabela 18 - Quantidade, valor e preço médio da exportação de banha do RS — 1866-900	85

Tabela 19 - Número de cabeças de gado vacum, eqüino e muar exportadas pelo RS — 1845-900	86
Tabela 20 - Valor das exportações para o Exterior, segundo o destino, do RS — 1854-1866	87
Tabela 21 - Valor das exportações por cabotagem, segundo o destino, do RS — 1863/66	87
Tabela 22 - Valor das importações por cabotagem, segundo a origem, do RS — 1863/66	88
Tabela 23 - Valor das importações do Exterior, segundo a origem, do RS — 1854-1866	89
Tabela 24 - Valor dos principais produtos importados pelo RS — 1858-59	90
Tabela 25 - Quantidade dos principais produtos importados pelo RS — 1866	91
Tabela 26 - Quantidade dos principais produtos importados pelo RS — 1873	92

Período 1889-930

Tabela 27 - Principais produtos importados pelo RS — jan.-nov./1901	95
Tabela 28 - Valor e percentual das exportações, segundo o destino, do RS — 1902	96
Tabela 29 - Quantidade e valor das exportações e das importações, do Exterior e por cabotagem, do RS — 1901-30	97
Tabela 30 - Participação percentual dos principais produtos nas exportações totais do RS — 1901-30	98
Tabela 31 - Principais produtos exportados, por classes, subclasses e grupos, do RS — 1920-1950	101
Tabela 32 - Total das exportações do RS para o Brasil e o Exterior — 1901-30	103
Tabela 33 - Quantidade e valor das exportações, segundo o estado de destino, do RS — 1913-1930	105
Tabela 34 - Quantidade e valor das exportações para o Exterior, segundo o país de destino, do RS — 1901-30	107
Tabela 35 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de charque do RS — 1901-30	109
Tabela 36 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de charque do RS — 1913-1926	111
Tabela 37 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de banha do RS — 1901-30	113

Tabela 38 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de banha do RS — 1913-1926	115
Tabela 39 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de couros salgados e secos do RS — 1901-30 ..	117
Tabela 40 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de lã do RS — 1901-30	119
Tabela 41 - Quantidade e valor, segundo os estados de destino, da exportação de lã do RS — 1913-1926	121
Tabela 42 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de carnes frigorificadas do RS — 1915-1930 ..	122
Tabela 43 - Quantidade, valor e preço médio das exportações de carne em conserva, de carne de porco e de couro curtido do RS — 1899-930	123
Tabela 44 - Quantidade e valor, segundo os estados de destino, das exportações de sebo do RS — 1913-1926	125
Tabela 45 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de arroz do RS — 1901-30	126
Tabela 46 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de arroz do RS — 1913-1926	128
Tabela 47 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de feijão do RS — 1901-30	130
Tabela 48 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de feijão do RS — 1913-1926	132
Tabela 49 - Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação de cebola do RS — 1901-30	134
Tabela 50 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de cebola do RS — 1913-1926	135
Tabela 51 - Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de fumo do RS — 1901-30	137
Tabela 52 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de fumo do RS — 1913-1926	139
Tabela 53 - Quantidade, valor e preço médio, segundo o destino, da exportação de farinha de mandioca do RS — 1901-30	140
Tabela 54 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de farinha de mandioca do RS — 1913-1926 ..	141
Tabela 55 - Quantidade, valor e preço médio da exportação, total e para o Brasil, de vinho do RS — 1901-30	143
Tabela 56 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de vinho do RS — 1913-1926	145
Tabela 57 - Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação, total e para o Brasil, de batata-inglesa do RS — 1901-30	147

Tabela 58 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de batata-inglesa do RS — 1913-1926	149
Tabela 59 - Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação de alfafa do RS — 1900-1930	151
Tabela 60 - Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de alfafa do RS — 1913-1926	152
Tabela 61 - Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação de milho do RS — 1901-30	154
Tabela 62 - Quantidade e valor da produção e da exportação de erva-mate do RS — 1901-30	155
Tabela 63 - Quantidade, valor e preço médio de alguns produtos exportados para o Brasil e o Exterior pelo RS — 1901-30 ..	156
Tabela 64 - Quantidade e valor das principais importações do Exterior pelo RS — 1910-12	158
Tabela 65 - Quantidade e valor dos principais produtos importados pelo RS — 1920-21	159
Tabela 66 - Quantidade e valor por produto importado do Brasil e do Exterior pelo RS — 1936	160
Quadro 1 - Principais produtos importados pelo RS — 1901-1936	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado durante os anos de 1981 e 1982, com base nas informações estatísticas disponíveis naquela época. A forma original do trabalho, mimeografada, foi e continua sendo utilizada como fonte de referência em diversas teses e em dissertações, bem como em pesquisas que têm por fim o comércio de mercadorias do Rio Grande do Sul. O trabalho disponibiliza um levantamento estatístico consolidado importante sobre o RS. Ele pode ser considerado único, pois muitas das fontes utilizadas para a sua confecção não mais existem, destruídas que foram pelo tempo e pela má conservação dos acervos históricos, fato que é do conhecimento de todos os pesquisadores da área.

Mantendo a sua versão original, o trabalho analisa as relações de comércio de mercadorias do Rio Grande do Sul com o Brasil e com o resto do mundo, fazendo uma leitura sumária de estatísticas que se encontravam dispersas, sobre o período de formação da economia regional até o fim da Primeira República. As séries históricas são indicadores valiosíssimos para os estudos da formação da economia regional, da evolução dos segmentos produtivos e de suas transformações e da diversificação socioeconômica desde os seus primórdios. Portanto, pretende-se fazer uma análise sumária das relações de comércio do RS e apresentar um precioso acervo estatístico.

O trabalho adota a periodização histórica conhecida. Um período abrange os tempos do Império (até 1888); o outro abarca o tempo da Primeira República (1889 a 1930). Porém as séries das exportações e das importações não se interrompem em 1889, mas se prolongam até 1900, por conta da ordenação das estatísticas nas fontes oficiais. A disponibilidade das estatísticas nas fontes originais determinou a formatação das séries, as quais não correspondem aos dois períodos analisados no texto. Isso significa que a forma de apresentação dos dados não cria nova periodização. Ao contrário, o comportamento dos dados evidencia que o movimento republicano, assim como representou uma ruptura política, também demarcou uma mudança nas relações de comércio da economia regional, ou seja, os dados de produção e de exportação reafirmam a periodização política, mormente os efeitos dessa ruptura ocorrerem mais defasados no plano econômico.

No essencial, o trabalho faz uma leitura singular do desenvolvimento capitalista na economia regional, apontando as características e as transformações gerais dos principais segmentos produtivos através dos fluxos comerciais. Não é uma reinterpretação da história econômica do Rio Grande

do Sul, mas é uma releitura sob a luz de informações reais e das análises interpretativas do capitalismo brasileiro e das especificidades que assume na economia sul-rio-grandense.

O trabalho defronta-se com questões complexas fundamentais, como a formação da pecuária-charqueada e da lavoura colonial e a forma de apropriação do excedente pelo capital mercantil. Vale dizer, a análise busca explicar o desenvolvimento do RS frente a diversos contextos históricos, que foi impulsionado por dois dinamismos: o setor interno, que consolidou uma diversificação socioeconômica pujante, integrado pela pecuária-charqueada exportadora, pela lavoura colonial de subsistência e mercantil de alimentos e de matérias-primas e pela indústria de bens leves de consumo; e o setor externo, formado pelos mercados nacional e internacional, que foi uma fonte importante de dinamismo.

O conceito de economia regional utilizado define-se pelas atividades socioeconômicas que se realizam no espaço geográfico do Estado do Rio Grande do Sul. A impropriedade conceitual, porém, fica atenuada pelo conteúdo das estatísticas sobre as relações de comércio, que se refere à produção e às exportações de mercadorias ocorridas nos limites da fronteira estadual, que também são os limites da economia regional.

O trabalho está organizado em dois capítulos. No Capítulo 1, desenvolvem-se os aspectos da formação dos principais segmentos produtivos. A disponibilidade dos dados estatísticos definiu o limite da pesquisa sobre as relações de comércio. A análise assume a forma de um texto sumário da formação da pecuária-charqueada e da lavoura colonial.

No Capítulo 2, trata-se do desenvolvimento capitalista da economia regional durante a Primeira República e de seus limites em relação ao movimento de integração com a economia nacional a partir das relações de comércio. A reflexão explicita as principais transformações da economia regional e constata existirem questões relevantes não explicadas na literatura de então, como o déficit comercial inédito nas relações comerciais do RS durante a década de 20 do século passado.

1 - AS RELAÇÕES DE COMÉRCIO NO SÉCULO XIX

1.1 - A formação do segmento pecuária-charqueada

A demarcação das fronteiras do Rio Grande do Sul foi uma conquista de Portugal. A instalação da Colônia de Sacramento, em 1680, às margens do Rio da Prata, oposta a Buenos Aires e no atual território do Uruguai, é explicada pela necessidade de ocupação da região que abrangia, inclusive, o atual território do Rio Grande do Sul. A necessidade de recursos materiais e humanos para combater os espanhóis, que lutavam contra os portugueses pela hegemonia da região, levou a que, em 1737, a expedição de José Silva Paes fundasse a Praça de Rio Grande e marcasse o caminho do sul com alguns fortins.¹

A doação de grandes extensões de terras a homens capazes de garantir sua posse, numa região de fronteiras indefinidas e em disputa com os castelhanos, teve por objetivo demarcar o domínio português e sua ocupação, bem como estabelecer um ponto de apoio de arregimentação humana e de material para a manutenção da Colônia de Sacramento. Foram cedidas grandes sesmarias na região da Campanha, cujos proprietários se dedicaram às atividades de pecuária, criar cavalos e arrebanhar o gado para povoar os campos. Antes, a atividade pecuária ocupava-se, basicamente, do apresamento do gado já existente e criado “*a la bicho solto*”, matreiro, “comendo as coxilhas” do pampa gaúcho. Sua origem remontava ao rebanho das reduções jesuíticas. Nos primórdios dos pampas gaúchos, o gado arrebanhado e apresado era conduzido em pé, por tropeiros a cavalo, até Sorocaba, em São Paulo. Ou, então, o gado era simplesmente abatido para extração do couro, que tinha valor comercial.² O gado vendido em pé supria a demanda de consumo de carne nas atividades de mineração na região de Minas Gerais. A necessidade da ocupação das terras bem ao sul até as margens do Prata tinha por objetivos garantir o domínio da região, a premência da formação de uma base de apoio

¹ Ver, sobre o assunto, Roche (1969, p. 13).

² Essa atividade de extração pura e simples do couro foi predominante na primeira fase da exploração pecuária.

para arregimentar guerreiros e prover bens materiais, especialmente cavalos de montaria, e a atividade de apresamento do gado. As campereadas e a coragem para lidar com o gado matreiro os portugueses aprenderam muito bem com ginetes e valentes charruas, elementos constitutivos da origem das estâncias.

Pelo Tratado de Madri (1750), a região das Missões passou a ser possessão portuguesa. Assim, foram enviados casais de imigrantes açorianos — colonos açorianos — para se estabelecerem no RS. A presença permanente dos açorianos tinha por objetivo povoar a região, garantir a produção de alimentos e criar contingentes de homens livres, para servirem nos destacamentos militares e para arregimentação de lutadores temporários para a resistência às freqüentes investidas dos gringos castelhanos. Porém ocorreram várias irregularidades na distribuição espacial dos casais na região das Missões, inclusive demorou excessivamente a doação de terras, prolongando-se até 1780, fato que frustrou o objetivo inicial da Coroa Portuguesa de ocupação dos campos devolutos. Por isso, os casais açorianos preferiram as regiões mais próximas às Cidades de Rio Grande e Porto Alegre. Os registros sobre a ocupação do RS relatam as primeiras lavouras e a produção de bens artesanais destinados não só à subsistência e ao comércio, como foi o caso da cultura do trigo.³

Até o início do século XIX, a produção de bens no Brasil foi complementar à produção da economia portuguesa, fornecendo-lhe produtos alimentares, matérias-primas e metais preciosos, demarcando relações comerciais tipo colônia-metrópole (comércio subordinado ao domínio da metrópole). Isso significa que o mercado da Europa só era acessível aos produtos brasileiros através da intermediação portuguesa, que, mediante proibições diversas, assegurava para si uma posição privilegiada: impedia que, na Colônia, se exercessem atividades econômicas autônomas, proibindo tanto a produção que concorresse com similares localizadas em Portugal como o comércio paralelo concorrente das companhias portuguesas. O domínio mercantil português, que impôs por muito tempo o comércio chamado “exclusivo metropolitano”, foi uma fonte inesgotável de acumulação primitiva pela Metrópole. Segundo Albuquerque (1981), “O monopólio comercial foi a prática prioritária para a realização primordial da Política Colonial Mercantilista: a acumulação de capital comercial na Formação Social Portuguesa. Pelo controle das relações de intercâmbio com o Brasil, o Estado português buscava manter um saldo positivo permanente nas trocas entre o centro dominante e a Colônia. As relações mercantis mais importantes eram realizadas com a Europa e a África e, secundariamente, com a América espanhola, a Ásia e entre as capitanias brasileiras”.

³ Ver, a esse respeito, o item 1.2.

O monopólio comercial foi estabelecido em 1580, pela associação de interesses entre Portugal e Espanha, e permaneceu até princípios do século XIX. O comércio exclusivo de mercadorias exercido pelas companhias marítimas privilegiadas pela Coroa possibilitou o exercício do princípio mercantilista de obter saldos comerciais positivos por séculos. Posteriormente, no final do século XVIII, Portugal alinhou-se à Inglaterra para fazer frente à política expansionista napoleônica. Em consequência, os freqüentes ataques das forças francesas aos bancos mercantis e aos portos portugueses desorganizaram os fluxos de comércio entre Brasil e Portugal. A instabilidade nas rotas comerciais explica tanto a falência das práticas monopolistas portuguesas no controle do comércio com a colônia quanto o crescente domínio da aliada Inglaterra. Efetivamente, o ato político da Coroa de abertura dos portos brasileiros às “nações amigas” transferiu, de fato, o monopólio comercial para a Inglaterra. Um efeito negativo do monopólio mercantil no RS ocorreu em relação à produção de trigo. A produção dos colonos açorianos fazia forte concorrência com a de Portugal, fato que levou as autoridades a imporem medidas contrárias à produção colonial, inclusive proibindo a exportação do cereal. Certamente, outros fatores contribuíram para a desagregação da lavoura de trigo, como a doença da ferrugem, a doença do trigão, os inços e o gafanhoto, etc., e algumas pragas atacavam também as demais lavouras. A desagregação da lavoura de trigo e a proibição de comercialização aos entrepostos do Brasil enfraqueceram a Colônia, e parte dos açorianos foi absorvida pelas atividades pecuárias. No período ao redor de 1780, a expansão significativa da pecuária decorria da fabricação regular do charque e, posteriormente, foi impulsionada em consequência da desorganização da charqueada do Prata e da incapacidade de a charqueada nordestina abastecer todo o mercado brasileiro.

As dificuldades da charqueada nordestina, tradicional abastecedora do mercado nacional, especialmente para suprir a crescente demanda das mineradoras do centro do País, colaboraram para transferir charqueadores para o Rio Grande do Sul. A mão-de-obra qualificada dos charqueadores chegados desenvolveu as verdadeiras charqueadas nas cidades-pólo da economia regional, as quais ganharam, paulatinamente, escalas de produção adequadas para atender ao novo mercado. Portanto, a consolidação da pecuária-charqueada explica-se pelas condições excepcionais propiciadas pelo mercado nacional, pelas condições adequadas das boas pastagens para criação “a campo aberto”, pela existência de grandes rebanhos de gado e, principalmente, pela crise da charqueada na região platina da Argentina e do Uruguai. Ela se desenvolveu com base nas vantagens naturais da matéria-prima abundante, pela incorporação de inovações e de mão-de-obra qualificada, pela expansão do consumo e pela crise da indústria saladeiril do Prata.

O florescimento da atividade pecuária distingue-se do da lavoura colonial açoriana. A atividade pecuária-charqueada não sofreu as restrições do domínio da Metrópole, pois não conflitava com seus interesses. Foi viabilizada pelo consumo do mercado nacional, onde operavam os interesses prioritários da Coroa na extração de metais preciosos.

A estância evoluiu como unidade produtiva por obra e bravura do estancieiro, proprietário de uma extensa área de terra que utilizava a mão-de-obra escrava e peões.⁴ Os escravos executavam as lides caseiras e os trabalhos de agricultura de subsistência e artesanais; os peões faziam as lides do gado, a vigilância contra o abigeato, o controle sanitário, os apartes do gado de cria e do gado de corte (o cercamento dos poteiros foi uma inovação introduzida no século XX), a doma de potros e as mangueiras; os guasqueiros faziam laços, boleadeiras e guascas, marcação, capa, descorno, extração do couro, sebo e outros derivados; o taieiro fazia as taipas das casas e ranchos, pois era a única produção comercializada. O baixo nível técnico da criação animal — a pecuária extensiva ou a campo aberto — e a baixa remuneração dos peões ou a ausência de pagamento monetizado, associados ao tipo de produção de subsistência no entorno da estância, resultavam numa atividade que fazia circular pouca renda e moeda, pois apenas os estancieiros constituíam o incipiente mercado de consumo mais exigente na região. Eles custeavam os meios de trabalho (cavalos, montarias, guascas, etc.) e também as necessidades de subsistência dos peões e dos escravos com bens, em geral, produzidos na estância. Assim, a estância era a ponta da atividade pecuária-charqueada que se vinculava ao mercado nacional do charque e de outros derivados através da intermediação comercial do capital mercantil.

A passagem do Brasil à condição de nação independente ocorreu no mesmo período em que florescia a expansão do capitalismo europeu, no início do século XIX. Então, a economia agroexportadora do Brasil articulava-se ao mercado europeu como compradora de bens manufaturados e vendedora de produtos primários. Essas relações comerciais estimularam a produção local para incorporar melhorias, porém não no grau esperado e necessário, pois aqui a lavoura e a pecuária utilizavam trabalho escravo e baixa monetização da força de trabalho, razões que dificultavam a incorporações de inovações. Nesse sentido, o trabalho não assalariado é computado apenas como valor

⁴ Peão de estância, nome dado ao empregado de nível inferior, cujas relações com o patrão evoluíram desde um estágio de tipo servil até o recebimento de vencimentos diários ou mensais. Inicialmente, esses indivíduos eram, em geral, de origem nativa — índios charruas — e notabilizavam-se pelo domínio das lidas campeiras, já que eram exímios cavaleiros, tinham relativa liberdade de ir e vir e, além de sua contribuição à produção pecuária, compunham uma reserva importante na formação de fileiras armadas, devido às características culturais e de adestramento pessoal. O importante é que suas relações com os patrões eram nitidamente diferentes do tipo de relação senhor-escravo.

de uso ou como custos fixos e não como custos variáveis. Assim, a economia colonial possibilitava a realização da acumulação primitiva do capital usuário e mercantil pelas companhias marítimas da Metrópole. A transformação radical na exploração colonizadora foi introduzida com as medidas imperiais de estímulo à emigração de mão-de-obra livre e trabalho remunerado. Tais medidas não superaram de pronto tais problemas, porque não era exatamente essa a intenção do Governo Imperial, mas elas evoluíram para a relação capital-trabalho.

Essas transformações aprofundaram-se com a rápida expansão da lavoura do café⁵ e com o início da industrialização a partir da década de 70 do século XIX. Elas também foram acompanhadas de outras modificações na economia brasileira, ocorridas especialmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, onde se processaram significativas alterações no perfil da demanda agregada.

Na pecuária-charqueada do Rio Grande do Sul, a grande modificação qualitativa ocorreu por conta do mercado nacional de charque e derivados, como destacado acima, e não apenas por aquelas medidas que mudaram as relações de trabalho. O mercado consumidor mais importante após a abolição da escravidão era a população trabalhadora livre atrelada à economia cafeeira e, em menor escala, a população pobre das áreas urbanas, para quem o charque era um alimento essencial e barato. O trabalho remunerado, então, expandiu o mercado do charque e dos produtos da lavoura muito além daquele restrito sustento dos escravos nas atividades de exportação, café e cana-de-açúcar.

O modo de produção escravista e a baixa remuneração não são argumentos para explicar, aqui, as dificuldades e o atraso da pecuária-charqueada ou da economia sul-rio-grandense. Ao contrário, a manutenção do regime escravista propiciava uma certa estabilidade no mercado do charque, uma vez que a alimentação representava custo fixo. Isso significa que o mercado era estável e que havia uma inelasticidade-renda da demanda por charque mesmo quando as exportações do Brasil enfrentavam as conjunturas desfavoráveis. Em outras palavras, um aumento no preço do charque acrescia, para os produtores de café e cana-de-açúcar, o custo de manutenção dos escravos. Nesse sentido, a tendência de manter preços competitivos para assegurar mercado interno e para a realização dos lucros rebatia nas relações de trabalho, impondo uma excessiva exploração. Em consequência disso gerava um efeito perverso sobre a reprodução do escravo e sobre o seu tempo de vida útil — o escravo era sua rês e fonte de braços para o trabalho.

⁵ O café adquiriu importância a partir de 1808, quando a família real se transferiu para o Brasil (cerca de 120.000 pessoas) e usou o café como substituto do chá (hábito europeu), que não era de boa qualidade aqui. As condições de solo e clima permitiram a rápida expansão do café, que começou a ter uma produção em escala empresarial, utilizando mão-de-obra escrava.

Por sua vez, a importância do mercado do charque nas áreas urbanas de baixo poder aquisitivo foi crescente, mesmo antes da intensificação do fluxo migratório. Em suma, esses fatores sugerem que não ocorriam significativas flutuações na demanda do charque. Porém, desde sempre, o enfrentamento dos pecuaristas e charqueadores gaúchos foi com a concorrência direta do charque do Prata no mercado nacional.

O centralismo político permanentemente imposto à sociedade brasileira, quer na condição de colônia, quer na condição de nação independente, estabeleceu leis e medidas que disciplinavam as relações de comércio internas e externas. O favorecimento dos interesses ligados ao segmento do café em detrimento dos interesses da pecuária-charqueada do Rio Grande do Sul foi uma das causas determinantes da Guerra dos Farrapos (1835-1845). O Governo Imperial penalizava duplamente as elites do sul, pois cobrava altas taxas sobre a importação do sal, matéria-prima básica para o charque, e também as onerava com impostos sobre a propriedade da terra.⁶ Se, por um lado, esses tributos elevavam os custos de produção do charque e, em decorrência, seu preço de venda, por outro, a necessidade de garantir alimentos a preços baixos para a manutenção da mão-de-obra escrava constituía motivo para o Governo Imperial baixar o imposto fixado sobre a importação do charque do Prata. Por isso, o RS ficava em desvantagem na concorrência com as importações de charque dos castelhanos.

Os conflitos armados na região do Prata, as incursões das brigadas de cavalarias castelhanas adentrando além dos limites, hoje, dos Municípios de Bagé, Santana do Livramento e Uruguaiana foram motivos para acelerar a pacificação política entre o Governo Imperial e os coronéis revolucionários da Guerra dos Farrapos. A luta em campo aberto da cavalaria imperial dos Caramurus impôs sucessivas derrotas aos aguerridos Farroupilhas. A guerra entre brasileiros na região — Farrapos e Caramurus — poderia enfraquecer a resistência às incursões das cavalarias dos gringos. O interstício foi o desejo de todos os generais farroupilhas, principalmente pela perspectiva futura de uma luta inglória e sem fim. Ele foi assinado, pelo tratado de Paz de Ponche Verde, em 28 de fevereiro de 1845, entre os generais farroupilhas e o General Duque de Caxias. Nos seus termos, o Império atendia a algumas reivindicações dos revolucionários, tanto políticas como econômicas. Porém as vantagens econômicas da economia regional resultaram muito mais da desagregação das charqueadas dos gringos do que das medidas imperiais facilitadoras. Os conflitos políticos na região platina refletiram-se sobre a economia do charque.

“O tratado de 1851, que assinalou a derrota de Oribe, sedimentou a desorganização da atividade saladeril uruguia: estabeleceu que

⁶ Ver, sobre o assunto, Pesavento (1980a, p. 26).

o gado uruguaio não pagaria imposto nas alfândegas brasileiras, enquanto o charque platino seria onerado com taxas para entrar no país. Desta forma, beneficiavam-se charqueadas sulinas, com a possibilidade de obtenção de matéria-prima abaixo do preço, tendo, por outro lado, dificultada a entrada do concorrente no mercado interno.” (Pesavento, 1980a, p. 29).

A partir da década de 60 do século XIX, a produção do Prata reorganizou-se e modernizou-se pela transformação da charqueada em empresa capitalista. A modernização gerou vantagens decisivas na concorrência e na conquista do mercado brasileiro. Defrontavam-se no mesmo mercado produtos resultantes de relações de produção distintas nas indústrias saladeiras: o produto-charque da charqueada escravista sul-rio-grandense e o produto-charque da charqueada capitalista do Prata. Essa era uma atividade hegemônica e dava sustentação econômica às classes dominantes na Argentina e no Uruguai, detentoras dos mecanismos decisórios de poder em prol de seus interesses. No RS, ao contrário, as classes dominantes tinham hegemonia local, porém não desfrutavam de poder político no Império para assegurar medidas que desigualassem a competição com o Prata.⁷

A condição desfavorável da pecuária-charqueada gerava grande instabilidade, incertezas, desestímulos e prejuízos aos charqueadores, que se transmitiam para os ganhos dos pecuaristas. A baixa lucratividade e a instabilidade do mercado foram as principais barreiras de desestímulos à modernização da pecuária-charqueada à época e, por suposto, para a manutenção das formas tradicionais de criação “a campo aberto” e extensiva. Para tal, a estância de grandes extensões de terras adequava-se aos baixos custos, para manter os estoques de gado em pé e, de certa forma, para controlar a oferta de gado para abate nas situações desfavoráveis. Assim, revela-se, na atividade de pecuária-charqueada, uma contradição entre a necessidade de aumentar a produtividade da terra e a rentabilidade e a adequação da estância tradicional para superar a baixa rentabilidade estrutural do mercado do charque. A própria racionalidade econômica dos pecuaristas levava-os a evitar a “modernização”.

Esses são os aspectos determinantes da formação da atividade pecuária-charqueada no Rio Grande do Sul até fins do século XIX. A modernização das atividades pastoris nas estâncias ocorreu lentamente, através da melhoria dos campos, do combate permanente de pestes e verminoses, do cercamento dos campos, dos banheiros sanitários para o gado, da importação de reprodutores e matrizes de raças puras e, principalmente, com a instalação dos frigoríficos.

⁷ Ver Pesavento (1980a, p. 32).

1.2 - A formação da lavoura colonial

A absorção dos colonos açorianos pela pecuária frustrou a primeira tentativa da Coroa portuguesa de criar uma lavoura próspera. A segunda tentativa ocorreu em 1824, quando foi criada a Colônia de São Leopoldo. Sucessivamente, outros projetos foram implementados. Porém a imigração dirigida e de grandes proporções ocorreu a partir da década de 60 do século XIX, quando se verificaram grandes transformações e prosperidade na lavoura colonial. Entre 1824 e 1872, imigraram 24.880 colonos, quase todos alemães.⁸ “Em 1872, ao término do período da imigração puramente germânica, o Presidente da Província calculava em 60.000, em algarismos redondos, o número de alemães e descendentes de alemães que viviam no Rio Grande do Sul.” (Roche, 1969, p. 168).

A população estimada do Rio Grande do Sul era de 434.819 habitantes em 1872, sendo 14% de colonos (e descendentes) alemães.⁹ A imigração italiana iniciava-se, e a de outras etnias era pouco significativa; por isso, os demais imigrantes não alcançariam percentual superior ao dos alemães. A formação da lavoura colonial constituiu-se como segmento produtivo importante em simultâneo ao processo de imigração dirigida. Por mão e obra dos laboriosos imigrantes europeus, a produção e as exportações tornaram-se economicamente valedouras.

A predominância das imigrações alemã e italiana que vieram para o Brasil e para o RS resultou particularmente das mudanças na política de acesso e posse da terra, pelo fato de esses países de origem não disporem de possessões coloniais para absorver os excedentes populacionais e pelos propalados atrativos oferecidos (como a posse da terra).

Nessa época, a produção de café também necessitava de trabalho mais qualificado para laborar as plantações e ganhar a competição externa, e, com a transição do trabalho escravo para o assalariado, defrontavam-se dois tipos de produção, uma laborada por escravos e outra por assalariamento. Então, as lavouras do café e de outros produtos agrícolas realizadas com trabalho assalariado eram mais lucrativas. Os braços escravos tornavam-se raros e muito caros fossem eles oriundos de fora ou de outras regiões do Brasil. Portanto, a dinâmica e a lucratividade da economia cafeeira exigiam muita mão-de-obra, especialmente para substituir o contingente recém-liberto e de baixa qualificação. Porém a condição da imigração do RS foi completamente distinta da das demais regiões do Brasil, pois os colonos foram atraídos para fundar

⁸ Ver Roche (1969, p. 146).

⁹ Ver, sobre o assunto, Roche (1969, p. 224).

núcleos de colonização, tendo acesso e posse da terra, e não para o trabalho assalariado.

O acesso e a posse da terra foram essenciais para a diversificação socioeconômica regional sul-rio-grandense, da qual emergiram diversas atividades de produção, um grande elenco de produtos agrícolas, manufaturas e atividades comerciais, características distintas daquelas que se constituíram nas regiões das lavouras modernas e especializadas de café, cana-de-açúcar, etc., pois a especialização, ou a monocultura, inviabilizava a ocupação de terras férteis para cultivo diversificado de bens de subsistência. Certamente, houve diversificação da lavoura nessas regiões, porém num nível de produção insuficiente para as necessidades de consumo dos assalariados, que necessitavam importar os gêneros escassos.

Os interesses pelas possessões de terra tinham muita influência junto ao Império e restringiam os projetos de colonização nas áreas potenciais de expansão das lavouras de café e cana-de-açúcar, bem como nas áreas das pradarias no sul, reservadas à pecuária. A lavoura cafeeira e a de cana-de-açúcar demandavam trabalhadores, não produtores autônomos concorrentes. Por isso, três condições existentes privilegiaram a grande área localizada ao norte do RS (Metade Norte) como potencial para abrigar projetos de colonização: situava-se distante e numa região imprópria para a cultura do café devido ao clima semelhante ao europeu; a pecuária não a ocupava; e, por último, o relevo geográfico acidentado naturalmente impediria futuras disputas por espaço com os pecuaristas do sul (Metade Sul).

As razões da ocupação colonial relativamente rápida das extensas áreas na Metade Norte do Estado foram essas basicamente. Além disso, sabe-se que a imigração teve objetivos distintos e outros similares. A imigração alemã teve três objetivos complementares para sua fixação: povoamento e colonização de novas fronteiras agrícolas, fornecer bens de subsistência aos postos militares e facilitar os deslocamentos das caravanas comerciais. A imigração italiana foi incentivada a partir de 1872, pelo Governo Imperial, para promover o abastecimento do mercado interno com bens alimentares coloniais e formar núcleos coloniais de imigrantes bem-sucedidos, para servir de exemplo e foco de atração para aumentar a imigração estrangeira.

Era a fase da imigração dirigida e da transição da produção colonial de subsistência para a mercantil, e um dos fatores da mudança foi, além da virtude laboriosa dos colonos, o fato de eles não mais terem acesso a terras doadas, mas precisarem comprá-las. O mesmo ocorreu com o acesso às ferramentas e aos equipamentos para trabalhar o solo. Nessa condição de endividamento do colono mesmo antes de começar a produzir, criou-se a necessidade de gerar excedentes, monetários ou não, para amortizar as dívidas. Os excedentes quitavam as dívidas e abasteciam o mercado interno do

RS e do Brasil. O mercado interno encontrava-se em franca expansão pela crescente urbanização, atrelada ao surgimento da indústria, ao comércio e a serviços, ao aparecimento do trabalho assalariado e à crescente monetarização dos ganhos.

Portanto, a lavoura colonial teve uma importante fonte de dinamismo no mercado interno. Antes, no tempo da imigração dos casais açorianos, ela fracassou nos seus objetivos primordiais por falta de mercado para os produtos ou porque foram proibidos pela Metrópole. Semelhante situação amargaram os pólos de colonização alemã do Vale do Sinos, então situados bem distantes dos entrepostos de venda e consumo, permanecendo estagnados por 50 anos, laborando para a subsistência e comercializando pequena parte da produção.

As dificuldades de monetarização da produção enfrentadas pelos colonos eram grandes, devido à desorganização e à carência de meios, armazéns e sistema de transportes, o que limitava o acesso aos demais bens não agrícolas e meios de produção. Por consequência, elas também estimularam os empreendimentos artesanais, utilizando trabalho familiar, para satisfazer as necessidades locais tanto de bens de consumo como de meios de trabalho.

Embora a pecuária-charqueada estabelecesse relações comerciais com e através da região do Prata, o desenvolvimento dos centros comerciais de Pelotas e de Rio Grande deslocou o eixo das exportações para fora do RS. Por isso, os fluxos de comercialização dos produtos oriundos das regiões coloniais distantes eram escoados pelos vários rios que deságuam no Lago Guaíba. Por essa razão, Porto Alegre tornou-se a praça comercial mais desenvolvida, porque desfrutava de localização privilegiada de entreposto comercial, cujas vantagens no sistema de trocas beneficiavam os grandes comerciantes ali estabelecidos.¹⁰

A rede de comerciantes rurais, distribuída por todas as colônias e entrepostos ao longo dos rios Jacuí, Sinos, Vacacaí, Taquari, Gravataí, etc., já era controlada por imigrantes alemães quando da chegada dos primeiros italianos. Formou-se uma rede de comércio de entrepostos receptadores de produtos, e poucas empresas conseguiram se estabelecer em ou além de Porto Alegre.¹¹ Poucos estendiam seus interesses aos centros comerciais das Cidades de Rio Grande e Pelotas para a intermediação das exportações e das importações.¹² O domínio mercantil nas colônias, pelos alemães, ampliava-se também pelos fluxos de comércio Brasil e Exterior, favorecido pelo estreitamento das relações comerciais já existentes com a Alemanha. A descrição dos dois domínios do capital mercantil na região não esgota o

¹⁰ Ver, sobre o assunto, Pesavento (1980a, p. 141; 145) e Singer (1974).

¹¹ Ver, sobre o assunto, Roche (1969, p. 439).

¹² Essa característica se prolongou no tempo e foi bastante visível por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Ver, sobre o assunto, Roche (1969, p. 455).

assunto, pois operavam companhias estrangeiras com entrepostos em Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.

Em suma, a formação da lavoura colonial consolidou-se no RS atrelada ao processo de intensificação do fluxo imigratório dirigido e à expansão do mercado nacional da produção colonial. Sua contribuição socioeconômica à economia regional foi singular, no RS, no que se refere à diversificação da produção, à forma de ocupação das áreas de fronteira do Estado e das regiões devolutas da Metade Norte, ao aumento demográfico, à preservação cultural, etc. Portanto, dois segmentos produtivos consolidaram-se e bem caracterizaram a economia regional do RS: um, o mais importante, as atividades de pecuária-charqueada; e o outro, a lavoura colonial.

1.3 - As relações de comércio no século XIX

Acima, procurou-se caracterizar a pecuária-charqueada e a lavoura colonial e apontar as transformações socioeconômicas e espaciais no desenvolvimento da economia regional do Rio Grande do Sul. Frente aos objetivos do trabalho, busca-se, a seguir, investigar dois aspectos sobre as relações de comércio: primeiro, as bases do desenvolvimento do capitalismo no Rio Grande do Sul que possibilitaram o aparecimento de um setor industrial de relativa importância¹³; segundo, as especificidades e a diversificação socioeconômica, bem como as modificações nos segmentos produtivos, tomando como referência o conteúdo das relações comerciais sul-rio-grandenses.

A inexistência de estradas e meios de transporte adequados foi uma constante durante o século XIX, o que dificultava sobremaneira as trocas com os diferentes núcleos de colonização, com o mercado interno urbano e das estâncias da Campanha com os mercados externos. Na verdade, para o desenvolvimento das trocas era necessário desbravar uma barreira geográfica e enfrentar a raridade dos transportes, que se constituíram em grandes obstáculos aos comércios interno e externo da Província.

Em meados do século XIX, existiam somente três vias de ligação do Rio Grande do Sul com o Exterior:

“A estrada de Lages para Sorocaba, pelos planaltos interiores, que os tropeiros seguiam; a estrada do litoral, cortada ao sul pela fronteira

¹³ Evidentemente, a compreensão desse processo só seria completa com a análise das formas com que se realiza a acumulação do capital, o que dificilmente pode ser avaliado a partir do exame tão-somente da circulação de mercadorias. No decorrer do presente trabalho, ficou evidente a necessidade de um estudo naquele campo.

política com um país concorrente e que, depois de 1776, só desempenhava ao norte um papel esporádico, pois recebia antes viajantes — alguns ilustres como Saint Hilaire ou o Imperador D. Pedro I — do que mercadorias; enfim, a via marítima que utilizava a passagem de Rio Grande, que ligava os portos da lagoa dos Patos ao Rio de Janeiro, ao resto do Brasil e à Europa. Permaneceu, até o século XX, a única via econômica que atraía todas as trocas rio-grandenses, com a única exceção de dois ou três municípios ribeirinhos do Uruguai, entre Uruguiana e Quaraí, que podiam operar diretamente com o Rio da Prata” (Roche, 1969, p. 31).

O Relatório Provincial do ano de 1866 expressa com clareza a preocupação com as dificuldades do transporte, justificando essa citação longa.

“Marcha desassombrado pelo caminho do futuro e da prosperidade o comércio desta província. O seu desenvolvimento é devido à produção de nossas ricas e florescentes colônias e à criação. A prosperidade e a grandeza comercial de um país dependem na razão direta de sua produção e das suas vias de comunicação: o primeiro elemento vimos prosperar nesta província sob o impulso do trabalho livre, aplicado à agricultura, o segundo é nulo, e vemos os nossos transportes se efetuarem pelos caminhos primitivos traçados pela natureza. Há um fato digno de notar-se e que põe em relevo os inconvenientes que resultaram da falta de boas e francas vias de comunicação. Em todas as colônias, linhas e centros de produção agrícola, existem pontos de entrepostos que recebem os produtos para exportá-los. Em quase todos os centros coloniais, as linhas mais afastadas e as colônias mais internas, ou distantes dos centros de exportação, ficam privadas, especialmente nos tempos chuvosos, de enviarem seus produtos ao entreposto, visto terem de transitar por íngremes e escabrosos caminhos. Não é raro ver-se o celeiro do colono repleto de suas produções, que, muitas vezes, deterioram-se pelas dificuldades das más estradas ou péssimas picadas. Apesar de todos os inconvenientes e obstáculos que se referem ao mau sistema de viação que possuímos, prospera e floresce o comércio desta província pela sua produção, enquanto a falta de vias de comunicação impede o seu rápido e crescente desenvolvimento. Todos os mercados da província, os do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, de outras províncias e até os do Prata são abastecidos pelos gêneros de nossas colônias, tais como: o feijão, o milho, a farinha, etc. Esta exportação seria realmente considerável se o sistema de transportes efetuados em carretas, carretões e cargueiros e os maus caminhos não lhe embargassem os passos.” (Roche, 1969, p.100-101).

O sistema de transporte da produção colonial pelos rios que desembocam no estuário do lago Guaíba e pelas estradas de ferro, naturalmente, guindaram Porto Alegre a principal centro econômico para as colônias. As Cidades de Pelotas e Rio Grande — e outras com menor valor na fronteira com o Uruguai — distinguiram-se como principais praças comerciais dos produtos da pecuária-charqueada. Formaram, então, dois fluxos comerciais importantes. Nos principais centros urbanos, operavam os comerciantes líderes nas atividades de exportação e importação, que, juntamente com os comerciantes das regiões coloniais, representavam um segmento social muito próspero da Província. Aos comerciantes influentes juntavam-se grandes proprietários de terras também influentes, os charqueadores.

Ainda se distinguiu, em meados do século XIX, a atuação importante de agentes intermediários financeiros nacionais e estrangeiros. Porém as atividades bancárias iniciaram com a instalação de filiais de casas bancárias e de representações de bancos estrangeiros e com a fundação, em 1858, do primeiro banco regional — o Banco da Província do Rio Grande do Sul —, ocorrendo associadas aos comerciantes mercantis e por eles sendo dominadas, pois controlavam os fluxos de exportações e importações e as casas de comércio.¹⁴

Portanto, na formação da economia sul-rio-grandense encontram-se os segmentos produtivos de comércio e serviços, capital mercantil, indústrias de pequeno e médio portes e o capital bancário. Porém as atividades comerciais eram determinantes, como afirma a citação seguinte:

“(...) fizeram-se fortunas rápidas, jogando com a importação tanto como com a exportação, que eles [os comerciantes] eram os únicos a poder financiar. Indispensáveis à economia da Província, formavam um grupo à parte. Levavam uma outra vida e possuíam uma outra mentalidade que não a dos habitantes da campanha” (Roche, 1969, p. 32).

1.4 - O comportamento das exportações e das importações

Dados inéditos permitem apreender as grandes linhas das relações de comércio até 1889 e os resultados das modificações no RS. Os dados sobre origem e destino das mercadorias são precários, especialmente os de importações, dificultando a comprovação de argumentos propalados na literatura existente, devido à centralização exercida pelas praças do Rio de Janeiro e de Pernambuco na circulação das mercadorias.

¹⁴ Ver **Governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul** (1866, p. 100-101).

Os fluxos de exportações e importações mostram repetidos e amplos déficits comerciais. Eles foram mais freqüentes no período 1841-66, nem sempre coincidindo com a queda do valor das exportações. Nos períodos 1850-51 e 1861-62, os déficits foram mais acentuados por conta da queda nos preços de quase todos os principais produtos exportados. Nos anos até 1880, o saldo favorável foi, em média, uma vez e meia superior ao valor das importações (Tabela 6). A partir daí, entre 1881 e 1890, o valor das exportações manteve-se em torno de 16.223:864\$,000 (valor em réis). Na década de 90 do século XIX, ele evoluiu para uma média de 42.278:212\$, tendo um incremento de 260,59%. O comportamento dinâmico das exportações — crescimento anual de 10,73% — na última década do século XIX comprova que o RS manteve o superávit comercial.

As exportações destinavam-se aos mercados de São Paulo, Rio de Janeiro, à Região Nordeste e ao mercado externo. Em meados do século XIX (1854), as vendas para o Exterior representavam 47,2% do valor exportado pelo Rio Grande do Sul, aumentando essa participação para 50,9% em 1865. Os dados de exportações foram crescentes no período, especialmente para os países europeus, notadamente Grã-Bretanha, França, Portugal, Espanha e cidades hanseáticas (que se tornaram, mais tarde, cidades alemãs, com a unificação daquele país) e Estados Unidos. Os destinos para Estados Unidos e Grã-Bretanha lideraram os fluxos de valor comercializado (Tabelas 20 e 23 do Capítulo 2). Em relação às importações, elas tinham origem, em geral, no Exterior. Porém seus registros identificavam as praças do Rio de Janeiro e de Pernambuco, pois eram entrepostos obrigatórios dos fluxos de importações. Assim, em geral, as importações passavam pelos entrepostos antes de virem para o RS. Elas representavam 39,3% e 69,0% do valor em 1854 e 1858 respectivamente. Caíram para 48,3% do valor das compras em 1865.

O estudo da composição das importações ou as espécies de produtos importados revelam as demandas de bens de produção e de matérias-primas, bem como os bens incorporados aos hábitos de consumo. Porém a carência de dados limita comprovar tais relações com precisão, mas não põe em dúvida as necessidades de provisão de instrumentos de trabalho e de matérias-primas para manejo do solo, de indústrias e de bens de consumo para os colonos. Certamente, muitos bens foram, paulatinamente, substituídos por produção local. Outros produtos raros, como manufaturas de algodão, de lã, de linho, de sedas, de couro, de madeiras, artigos de metais em geral, carvão-de-pedra, querosene e combustíveis, louças, papelaria e artigos para alimentação permaneceram pesando na pauta de importações (Tabelas 24, 26 e 27 do Capítulo 2).

Roche estimava que:

“(…) os comerciantes rio-grandenses recebiam aproximadamente dois terços de seus produtos fabricados da Inglaterra (tecelagem,

metalurgia), ou da França (roupas e objetos de luxo). Mesmo quando não possuíam o monopólio deles (como Inglaterra, no que diz respeito aos tecidos de algodão), esses dois países forneciam produtos mais variados, superiores e de melhor apresentação: os acondicionamentos alemães eram defeituosos, e os produtores alemães não se preocupavam com a evolução do gosto e do mercado rio-grandense. Esta lacuna foi preenchida pelo estabelecimento de entrepostos e casa de comissão em Hamburgo e nos principais portos alemães” (Roche, 1969, p.439).

O controle do comércio pelos comerciantes alemães (também os portugueses, os ingleses e os franceses) foi crescente até a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Eles controlavam o comércio colonial através de armazéns, companhias de navegação fluvial, fábricas de ferramentas, etc. Assim, os imigrantes e suas ligações na Europa dirigiam, de modo mais ou menos exclusivo, o grande comércio nas praças de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.

Numa notável observação, Roche (1969, p. 32-33) diz que a composição das importações fornece importantes indicadores da estrutura socioeconômica da Província.

“A origem lusitana da população aparece na procura do bacalhau, de azeitonas, de azeite, de vinho; a insuficiência da produção local, na parte de legumes e de numerosos produtos alimentícios, que constituem a parte mais considerável das importações; a ausência de indústria, na compra de todos os artigos fabricados, dos biscoitos aos licores, dos fósforos às vassouras, dos pregos às painéis, dos sapatos aos chapéus; a desigualdade das classes sociais, enfim, na justaposição das ferramentas e das louças aos charutos e ao champanha: ao mesmo tempo em que importava os mais comuns, o Rio Grande já tinha uma clientela para os produtos de luxo, quer nas cidades, quer entre os grandes proprietários.”¹⁵

Evidentemente, pelo menos a partir de meados do século XIX, as transformações das pautas de exportações e importações do Rio Grande do Sul evidenciam as mudanças que ocorreram no seu aparelho produtivo, o que provocou, também, alterações significativas nos perfis da demanda. Dentre os fatores característicos desse processo, cumpre destacar o desenvolvimento

¹⁵ Segundo o autor citado, as importações podiam ser classificadas por categorias, conforme sua importância no conjunto do comércio. Primeira categoria: açúcar, sal, vinho, arroz, café, farinha, fumo, tecidos, ferramentas, aguardentes, velas, quinquilharias. Segunda categoria: azeite, bacalhau, azeitonas, canela, carvão, chá, cimento, manteiga, sabão, louça, banha, massas, garrafas, drogas. Terceira categoria: champanha, baldes, charutos, alcatrão, óleo de linhaça, sardinhas, rapé, vinagre, papel, queijo, vassouras, álcool, máquinas, etc.

de um segmento industrial que, embora de pouca importância no início, cresceu de forma significativa até o começo do século XX.

Segundo a Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, a situação do setor industrial em meados do século XIX era a seguinte:

“As indústrias ainda se encontravam em estado rudimentar. Existiam algumas refinarias, 30 fábricas de azeite em São Leopoldo, muitos moinhos e atafonas, serrarias e estabelecimentos para a preparação de erva-mate, salientando-se, dentre estes, pela perfeição do seu processo, o de Nicolao Hasslocher, na Cidade do Rio Pardo, 1 fábrica de vinagre em São Leopoldo, 6 de cerveja e 5 de charutos. De produtos industriais animais, encontravam-se, além das charqueadas, diferentes fábricas de velas e de chapéus, curtumes e fábricas de atanados, couros envernizados e artefatos de couro, bem como diversas fábricas de sabão. No Distrito de Mostardas, já existia a indústria de tecidos grossos de lã. Havia ainda uma fundição e alguns pequenos estaleiros de construção naval em Porto Alegre e nas Cidades de Pelotas e Rio Grande. Em 1864, existiam 5 fábricas de chapéu, 3 de cola, 4 de sabão, 4 de louça, 30 curtumes, 69 olarias e 28 serrarias. Em fins do período monárquico, funda-se a grande fábrica de tecidos de Rheingartz & Cia, na Cidade de Rio Grande. Por este tempo, já ali trabalhavam 100 operários, entre os quais muitas mulheres e crianças, que recebiam instrução numa escola instalada pelos empresários no próprio estabelecimento. Fabricava cobertores (que eram fornecidos ao exército), chales, baetas e flanelas. A lã produzida na Província já também se empregava ali com grande proveito. A indústria fabril daí em diante desenvolve-se progressivamente, tomando notável incremento a partir de 1900. As manufaturas de lã e algodão exportam seus produtos para os mercados do Prata e conquistam a preferência nos do norte do País” (Revista do Arquivo Público, 1922, p. 314-316).

Os produtos da pecuária-charqueada representavam a quase-totalidade do valor das exportações. A importância econômica deles só foi alterada a partir de 1889, quando se consolidou imigração dirigida. Os principais produtos exportados foram charque, couros crus, lã e couros curtidos, cujo valor exportado era preponderante. A produção da lavoura colonial passou a ter importância significativa nas exportações somente a partir de 1848, apesar de a imigração dirigida ter-se iniciado em 1824 (Tabela 8 do Capítulo 2).

As exportações de charque e couros crus lideravam as vendas externas. Em 1822, o valor do charque representava 51%, e o dos couros crus 28,4% do total exportado. Essa importância se manteve por muito tempo, apesar dos altos e baixos nos fluxos das mercadorias (Tabela 7 do Capítulo 2).

O ano de 1837 é um exemplo, pois o valor do charque exportado foi de 234:079\$, e o dos couros, de 957:223\$, instabilidade causada pelo conflito farroupilha. Em geral, a participação dos produtos da pecuária-charqueada nas exportações compunha em torno de dois terços do total, e a desses dois produtos nunca foi inferior a 50% (exceto em 1887 e 1889). A seguir, examina-se a evolução dos principais produtos exportados.

No início da Guerra dos Farrapos (1835), o valor das exportações de charque reduziu-se a quase um terço, tendo-se recuperado paulatinamente tanto o volume quanto os preços de exportação durante o conflito farroupilha. Findo o conflito e selado o armistício, as exportações de charque ganharam novo impulso por um longo período, até 1868. Nesse ano, saíram da fronteira sul-rio-grandense 43.748 toneladas de charque, volume nunca alcançado antes e nem posteriormente. No ano seguinte, o RS exportou apenas a metade daquela tonelagem, e, nos demais anos, ela oscilou entre 20 mil e 33 mil toneladas por ano. Os preços de exportação oscilavam muito, apresentando tendência de queda e de alta em distintos períodos. Como exemplo, entre 1844 e 1847, o preço nominal por tonelada obteve uma grande alta, atingindo o nível de 440\$000, vindo a cair e a estabilizar-se, até 1856, em torno de 264\$000. Na década de 60 do século XIX, eles voltaram a cair violentamente, atingindo níveis dos tempos do conflito farroupilha, precisamente quando a tonelagem exportada alcançou seu maior volume no século. Assim, a instabilidade no preço nominal do charque foi uma constante, mas a recuperação ocorreu no final do século, chegando a 699\$023 a tonelada exportada (Tabela 14 do Capítulo 2).

O couro cru (seco) foi o principal produto exportado durante o conflito Farroupilha e representou 65,9% da pauta em 1844. Porém, durante os primeiros anos de tempos de paz entre os caramurus legalistas e os farrapos revolucionários, o preço por unidade de couro caiu de 4\$000 (1845) para 2\$667 (1846). A redução do preço refletiu-se no aumento do volume das exportações de couro até 1855. O Tratado de Ponche Verde, que estabeleceu o acordo de paz daquela luta inglória e a anistia plena para o descanso dos guerreiros, teve como consequência também uma redução de impostos sobre produtos exportados e importados (sal). O despertar do comércio veio a ocorrer mais tarde, no período 1856-81, quando os exportadores faturaram 7\$517 por unidade de couro cru, cuja apreciação puxou as exportações ao longo do período. De fato, eles foram novamente para 3\$548 a unidade em 1882, passando a oscilar e só se recuperando na virada do século, no nível de 8\$635 (Tabela 15).

Os couros curtidos aparecem nas exportações, em 1871, diversificando a pauta com mais um produto beneficiado de origem na pecuária. O seu beneficiamento nos curtumes possibilitou sua utilização como matéria-prima na produção de calçados, bolsas, selas, arreios, badanas, tapetes, etc. feitos

em pequenas oficinas. Essas manufaturas eram vendidas em todo o Rio Grande do Sul e também passaram a compor a pauta de exportações (Roche, 1969, p. 482). As vendas de couros curtidos tiveram uma grande aceitação no mercado externo, principalmente no período 1878-92, pois as exportações aumentaram de 9.098 para 88.115 unidades.

A lã teve um comércio insignificante na primeira metade do século XIX, refletindo a situação existente de um rebanho de ovelhas reduzido e degenerado. Essa atividade estava emperrada e evoluía lentamente, apesar de haver uma clara preocupação dos fazendeiros e do Governo Provincial em aperfeiçoar a ovinocultura, introduzindo novas raças e técnicas de criação para obter uma melhor classificação da lã.¹⁶ Essa preocupação permanece com destaque em todos os relatórios provinciais posteriores.

Com relação às exportações de lã, já em 1861, a Província de São Pedro exportou 28.782 arrobas ao preço de 5\$210 por arroba (igual a 15kg). Entretanto o volume exportado evoluiu muito além dessa base nos anos seguintes. O valor da arroba, embora tenha oscilado em alguns anos, manteve-se um pouco acima do daquela base até o final do período, exceto em 1888/89. A partir de 1891, ele se elevou para patamar bem superior ou 6\$925 a arroba (Tabela 17). Nessa época, o desenvolvimento do rebanho permitia atender à demanda das indústrias têxteis locais e exportar a outra parte.

A lavoura do Rio Grande do Sul floresceu pela mão laboriosa dos colonos. Embora a colonização alemã tenha se iniciado em 1824, o **Relatório Provincial** de 1858 registra que

“(...) os documentos dos anos anteriores a essa época demonstram que esta província recebia de diferentes portos, como os do Rio de Janeiro, da Bahia, de Santa Catarina, e de Paranaguá, diversos cereais e principalmente a farinha de mandioca, cuja importação anual nos sete anos decorridos de 1816 a 1822 regulou termo médio 143,295 alqueires”.¹⁷

Em 1842, a Colônia de São Leopoldo exportava esse produto para Porto Alegre e, em seguida, liberou o Rio Grande do Sul das importações do norte do País. A produção agrícola era uma atividade quase desconhecida na Província de São Pedro. Muito antes, quando ainda era capitania, a qualidade do solo e o clima propício caracterizavam a região como local de riqueza potencial para a produção, pelos imigrantes açorianos, de trigo, milho, centeio, linho, cevada, alpiste, cana-de-açúcar, mandioca, arroz, fumo, batata-inglesa, banha, algodão, uva, cânhamo, melão, melancia, legumes verdes, etc. Os primeiros registros estatísticos sobre exportações de alguns produtos

¹⁶ Ver **Relatório do Presidente...** (1853, p. 41-42).

¹⁷ Ver **Relatório do Presidente ...** (1858, p. 32).

agrícolas, de meados do século XIX, revelam ter existido uma fase de transição que desagregou aquela produção, como se viu antes.

Em suma, o segmento da lavoura colonial floresceu no Rio Grande do Sul simultaneamente ao processo de intensificação do fluxo migratório e à formação do mercado em nível nacional,¹⁸ sob o impulso do trabalho e das técnicas produtivas dos colonos laboriosos. “Hoje, esta província é essencialmente agrícola. Além dos diferentes produtos com que são abastecidos nossos mercados, anualmente exporta uma não mesquinha quantidade de cereais para diferentes portos do Império” (Relatório do Presidente..., 1858, p. 32). A seguir, registram-se os indicadores dos grandes traços das relações de comércio da produção excedente colonial no período em que se intensificou a colonização no Rio Grande do Sul.

As exportações agrícolas aparecem como registros sistemáticos dos documentos históricos a partir de 1848. Os primeiros registros são de feijão, milho, farinha de mandioca e erva-mate, que compunham apenas 0,32% do valor das exportações. Mas elas aumentaram para em torno de 13% entre 1860 e 1888, incluindo agora novos produtos, como banha, batata-inglesa, fumo e madeiras. Exportações de madeira sempre houve, porém seus registros dependiam da publicação de documentos oficiais. Os excedentes coloniais, de maneira geral, cresceram até fins da década de 60 do século XIX, cumprindo destacar a importância de alguns, como banha, erva-mate, feijão, farinha de mandioca, milho, batata-inglesa e fumo. Posteriormente, em 1871, as mesas de rendas (exatorias coletoras de tributos) da Província de São Pedro registravam exportações de um elenco de produtos, como cebolas e cebolinhas, vinho, amendoim, cevada, alpiste, laranja e ervilha. Na verdade, nesse último quartel de século, as exportações compunham-se de uma variedade de produtos. O desempenho da lavoura colonial foi pujante no período, pois abasteceu o mercado local e passou a exportar parte significativa para outros mercados.

¹⁸ Efetivamente, antecedeu esse processo uma série de dificuldades que tendiam a quebrar as forças dessa “indústria”, algumas das quais, referentes à agricultura, constam no **Relatório da Província** (1858, p. 50): “(a) os processos até aqui usados no amanho das terras, nas colheitas e na preparação dos produtos da lavoura são ultrapassados; (b) a falta do emprego de máquinas e de outros instrumentos, que, suprimindo e multiplicando o trabalho do homem e utilizando as forças da natureza, concorram para aumentar a produção com economia de tempo e de capitais; (c) a falta de um bom regime hipotecário e de instituições de crédito rural que facilitem empréstimos lucrativos aos proprietários do solo; (d) a pouca extensão dos meios de consumo que experimenta a Província para os seus produtos, devido à natureza, à insuficiente variedade e à imperfeita preparação destes; (e) a falta de instrução profissional; (f) as tendências da população, mais inclinada ao ramo da criação do gado do que à cultura da terra; (g) finalmente e sobretudo, a falta de vias de comunicação, que dificulta e torna muito dispendiosos os transportes entre os centros produtores e os consumidores” (Relatório do Presidente..., 1864).

A exportação de banha de porco passou a ter estatística a partir de 1866, momento em que a colônia se organizou e a tornou um produto de exportação mais importante. Nessa época, a banha de porco passou a substituir as importações de óleos e azeites no RS e no Brasil. Entretanto consolidou-se em torno de 1881, quando o produto experimentou um fluxo anual significativo e crescente de comércio externo. Os preços por arroba de banha surpreendentemente se mantiveram estáveis por 27 anos e só se elevaram em 1894, precisamente quando se verificou uma queda e retração do volume exportado.

A exportação da banha denota uma relação inversa com a exportação de milho, produto básico para a engorda de animais. Os volumes exportados de milho caíram drasticamente a partir de 1880, tempo em que cresceu o fluxo de comércio da banha. Os colonos conseguiam um maior valor agregado com a venda da banha refinada ou com a engorda de suínos para extraí-la do que comercializando o milho por um preço por saca já estagnado (Tabelas 8, 10, 13 e 18 do Capítulo 2).¹⁹

O comportamento dos preços das exportações de origem na lavoura colonial foi bastante instável entre 1848 e 1888. A instabilidade nos preços explica-se, em parte, pelas dificuldades existentes para escoar a produção das colônias, que, em geral, estavam localizadas em regiões íngremes. As estradas eram ineficientes, ou as tais vias não passavam de simples carreiros nas matas e trilhas ao longo das coxilhas; também eram insuficientes os outros meios de transportes, como já foi destacado (vias navegáveis e ferrovias). As dificuldades de transporte representavam barreiras às comunicações e ao comércio de mercadorias e impunham alto grau de isolamento às colônias, que ficavam na dependência dos comerciantes que se aventuravam a negociar com as colônias distantes e dos “comerciantes de linha”, situados em pontos estratégicos das rotas fluviais de comércio. A baixa cotação do valor dos produtos de exportação foi o mote que permitiu assegurar aos comerciantes se apropriarem de bons ganhos relativos e

¹⁹ Numa conversa memorável no casarão “Del Caran”, Seu Agostinho Dalmazo (1899), em Caçapava do Sul, que é filho de imigrante da Colônia Ribeirão, então Município de Cachoeira do Sul, recordou as formas de produção da banha. Numa, os porcos eram abatidos para autoconsumo dos derivados e refino da banha, que era vendida acondicionada em latas (de 18kg ou 20kg), as embalagens do querosene reutilizadas. Na outra forma, vendiam os animais vivos e gordos para abate nas casas de refino de banha (demais derivados). O milho, por sua produção abundante (tendo preço depreciado), era utilizado na engorda de varas de porcos. Os bichos gordos eram conduzidos, vivos, por longas caminhadas até um ponto de embarque no rio Jacuí, ou um ponto da via férrea, e conduzidos até as casas de banha. Entre a Colônia Ribeirão e o ponto de embarque, a vara era conduzida lentamente, arrastando-se pelas trilhas, com carretas ou carroças de milho para alimentá-los nas paradas.

transferir o maior ônus aos colonos entre 1856 e 1888. Os colonos suportavam esse ônus porque o modo de produção colonial autônoma gerava a maior parte dos bens necessários ao autoconsumo, e os demais provinham do próprio local. A venda do excedente ou as vendas externas geravam rendas complementares, cujo poder de compra supria os meios de trabalho para cultivar a terra (arado, enxada, etc.) e demais produtos de fora. Assim, a unidade colonial suportava a instabilidade dos preços, sem que isso criasse problemas imediatos na sua capacidade de produção. Portanto, a formação da lavoura colonial ocorreu de forma perversa, tendo em vista os objetivos que incentivaram as imigrações. Foi exatamente na fase de intensificação da colonização que se acentuou a instabilidade dos preços nominais dos produtos coloniais, ocorreu a desorganização do comércio dos excedentes e pouco foi feito para melhorar as péssimas condições do transporte de mercadorias, que oneravam a produção e reduziam as rendas do novo setor.

No essencial, as grandes linhas da formação dos principais segmentos produtivos do RS, até fins do regime imperial são descritas a seguir. Inicialmente, o processo foi determinado pela instalação das atividades de pecuária-charqueada, e sua dinâmica foi impulsionada pelas relações de comércio de mercadorias com as demais regiões do Brasil e com o Exterior. Os produtos da pecuária-charqueada formavam a quase-totalidade das exportações e dois terços delas no final do período; suas principais mercadorias eram o charque e os couros crus, seguidos dos novos produtos, como a lã, os couros curtidos e outros derivados.

A evolução da comercialização desses produtos no mercado nacional sempre foi instável, devido à influência direta de vários fatores que atenuavam a sua competitividade. Dentre os fatores negativos, citam-se o emprego de trabalho escravo, a carência de trabalhadores assalariados e de mão-de-obra qualificada, a disputa pela matéria-prima (gado em pé), que elevou seu preço, a baixa qualidade do gado para corte, o Imposto de Exportação, a taxação sobre o sal importado e, por último, a concorrência com o charque das modernas charqueadas da região do Prata, que operavam em escala de produção superior e empregavam o trabalho assalariado, beneficiadas, ainda, pela isenção dos direitos de alfândega. Essas dificuldades atenuariam por completo as vantagens competitivas do principal segmento produtivo, se não existissem as vantagens locais da criação a campo aberto nos pampas. Porém a crise no setor afetava os principais interesses socioeconômicos, servindo de pretexto para os conflitos políticos e para a guerra dos Farrroupilhas revolucionários contra os Caramurus imperiais e legalistas. Nem os conflitos políticos, nem o armistício do conflito armado trouxeram a paz aos campos sulinos. Ao contrário, os baixos preços das exportações, a tributação e a concorrência dos saladeiros do Prata geraram incertezas e desestímulos à produção da pecuária-charqueada.

Por sua vez, os produtos coloniais passaram a ter exportações crescentes na segunda metade do século XIX, simultaneamente à intensificação do processo de imigração dirigida. A instalação desse novo setor se consolidou concomitantemente ao estabelecimento das relações comerciais permanentes com o País e com o Exterior. Um indicador significativo do seu desenvolvimento foi a participação dos produtos coloniais, de 26,5%, nas exportações totais, em 1889; não se considera, nesse indicador, a produção voltada para o abastecimento do mercado interno sul-rio-grandense. Outro aspecto que revela sua evolução no período é a mudança tanto na oferta de produtos coloniais como no perfil da demanda por produtos importados.

Junto às colônias e aos centros comerciais, inicialmente, instalou-se um incipiente parque manufatureiro, com predominância de estabelecimentos de tipo artesanal. Dentre os produtos originários dessa manufatura, citam-se, como exemplo, a banha, a farinha de mandioca, o fumo, a madeira e a erva-mate, que foram produtos importantes da pauta de exportações. Mesmo que nessas atividades de manufatura predominassem estabelecimentos de tipo familiar, o tipo de produção resultava de uma transformação ou de um beneficiamento, mesmo levando-se em conta serem intensivos em mão-de-obra e de baixa capitalização. Não obstante, nelas se desenvolviam relações de produção e de trabalho capitalistas.

No contexto do desenvolvimento dos três segmentos produtivos arrolados — lavoura colonial, pecuária-charqueada e comércio —, outros tipos de produtos de consumo e de capital também já eram fabricados na região (tecidos, utensílios pessoais e domésticos, ferramentas, máquinas rudimentares, etc.) e, em alguns casos, exportados para outros estados do Brasil. Os dados sobre as importações são reveladores das modificações no RS de então. Tomou-se por base a informação de que a quase-totalidade dos produtos importados eram bens de consumo, porém, no final do século XIX, as importações restringiam-se, basicamente, a produtos industriais, como têxteis, bens de capital e bens intermediários para a indústria regional. O argumento sugere que a economia sul-rio-grandense sofreu um novo surto de desenvolvimento sustentado pelo crescimento agrícola e industrial e pela modernização da pecuária-charqueada no início da Primeira República.

2 - AS RELAÇÕES DE COMÉRCIO NA PRIMEIRA REPÚBLICA — 1889-930

2.1 - A dinâmica da economia regional e seus limites comerciais

Neste capítulo, destacam-se as modificações socioeconômicas mais gerais e importantes da economia regional do RS, através da análise da evolução das relações de comércio de mercadorias durante a Primeira República. As transformações constituíram uma diversificação econômica e uma diversificação social que marcaram a singularidade do desenvolvimento regional. Também se destacam os limites da sua relação competitiva com o capital mercantil.

A produção e o comércio de mercadorias foram impulsionados por uma rápida expansão no período da Nova República, resultante das modificações ocorridas nos principais segmentos produtivos. Na pecuária-charqueada, o trabalho escravo foi substituído por trabalho assalariado (peão de estância e trabalhadores agregados), contribuindo para sua modernização. A modernização do campo veio através de melhorias introduzidas na criação, como o cercamento dos campos, o aparte do gado de cria do de corte, o controle sanitário e a construção de banheiros, mangueira e brete, a compra de touros de raças puras (importados da Europa ou da região do Prata), os frigoríficos, etc. No segmento da lavoura colonial, as melhorias foram introduzidas através de sementes selecionadas, irrigação, curvas de níveis, controles de pragas e inços, orientação agrônômica, ferramentas, mudas selecionadas de frutas, etc., bem como a introdução de raças puras de gado leiteiro, de suínos, de aves, etc.

Os movimentos de modernização paulatina e de diferenciação da economia regional processaram-se de forma simultânea ao reatamento dos vínculos comerciais e ao acesso aos mercados através do capital mercantil e financeiro que controlava o comércio interno local e o comércio exportador. O capital ligado à charqueada e o capital local nascente tinham também como elemento dinâmico o capital mercantil exportador, para assegurar a realização dos seus lucros no mercado do além fronteiras.

A produção colonial agroexportadora estava condicionada a entrar nos fluxos de comércio de circulação nacional e internacional, sempre subordinada ao capital mercantil, para realizar o valor nos mercados distantes. Esse movimento descolado da base produtiva semi-isolada pela “tarifa da distância” era uma condição primordial para o capital mercantil dominar e apropriar-se do valor gerado. Ou seja, os mercados dos produtos coloniais agroexportadores distavam das colônias e também distavam internamente dos mercados dos produtores diretos e dos centros comerciais. Portanto, a subordinação da produção colonial e do principal núcleo industrial aos interesses mercantis implicava, para sua reprodução endógena, a renúncia de uma magna parte do excedente.

No que se refere ao mercado interno dos bens de consumo não agrícolas, este também estava dominado pelo capital comercial das grandes casas de comércio e das casas chamadas de vendas. Sua dominação fazia-se pelo controle do comércio nos centros e no Interior do próprio Estado. No mercado interiorano, ele atuava através das casas de vendas (casas de compra e venda de produtos), pelos caixeiros-viajantes e pelo controle das empresas de navegação — que administravam o principal meio de transporte. Assim, o capital mercantil operava, em geral, de forma segmentada: um segmento controlava o fluxo de mercadorias com os mercados externos ao RS; outro operava nas rotas internas, associado, ou não, às casas de vendas e à manufatura; no último segmento, operavam grandes casas de comércio, oferecendo ferramentas e máquinas em geral e secos e molhados.

Portanto, os monopólios mercantes realizavam o valor da produção vendida no mercado interno e no exportador. Em outras palavras, significa que o valor gerado ou o produto excedente não poderiam ser apropriados e repostos senão através dos mecanismos de financiamento externo, comprometendo, assim, uma parcela substancial do mesmo. Por sua vez, a dependência do mercado distante criava formalmente uma vulnerabilidade perniciosa em relação às oscilações dos preços e à concorrência, além da apropriação voraz do capital mercantil. Além disso, o capital mercantil e o financeiro sub-repassavam uma parcela de capital-dinheiro à agroindústria regional nascente de bens de consumo, do tipo indústrias de alimentos, de banha, de calçados, de têxteis, de bens intermediários, etc. O financiamento desses segmentos novos não comprometia sua expansão, mas ampliava seu controle sobre novas bases de reprodução, estabelecendo uma resistência regional à concorrência. O fato de os setores mais dinâmicos da agroindústria colonial estarem dependentes do mercado externo numa primeira etapa não implicava a existência de resistências insuperáveis frente aos interesses do capital industrial nascente e à voracidade do capital mercantil. Porém, nos períodos de acirramento das crises e das oscilações para baixo dos preços,

foi precisamente nesses segmentos de intermediação que se pôs em xeque a forma de apropriação do excedente, contradição característica do modelo agroexportador. No caso da agroindústria, ela buscou resistência no emprego de trabalho assalariado e barato, na imigração de mão-de-obra qualificada e no acesso à importação de bens de capital, que tornavam esses novos segmentos competitivos, além de já estarem protegidos pela tarifa da distância. Não obstante existir uma indústria local de bens de consumo, é importante registrar que as demandas mais exigentes da classe média e das burguesias rural e urbana continuaram sendo atendidas por importações.

Com relação ao mercado interno sul-rio-grandense, ele se expandiu a partir da intensificação da imigração dirigida, tanto alemã como italiana. A Cidade de Porto Alegre exercia a função de centro comercial e bancário a princípio e de centro industrial posteriormente. A diversificação de suas atividades de comércio, governo e serviços criou as precondições para o desenvolvimento de um parque industrial de bens de consumo de relativa importância, ou que viesse ser o mais importante da economia regional.

O parque industrial de Rio Grande e Pelotas, principalmente as charqueadas, dependia do capital mercantil para a colocação do charque e derivados nos mercados nacional e internacional. Além disso, as condições diferenciadas do mercado local dessas cidades possibilitaram a instalação de empresas de maior porte e uma certa produção diversificada (charutos, tecelagem, conservas alimentícias, moinhos, curtumes, etc.). Porém a expansão em direção a outros produtos pelas indústrias locais estava limitada, devido à existência de grande concentração de renda ali e na região de entorno. Por isso, essas indústrias sofreram mais a concorrência de produtos similares importados devido à sua vinculação, como cidades portuárias, com os demais mercados. Nesse sentido, à medida que as comunicações entre o centro e o sul melhoravam, a concorrência aumentava e agravava a condição da indústria de bens de consumo.

O desenvolvimento capitalista no RS, na Nova República, exceto o do segmento agroexportador, apresentava avanços e recuos sem autoterminação, por não contar com as bases mínimas indispensáveis para sustentar uma indústria de porte (o mercado era restrito, o assalariamento era baixo e faltava trabalho qualificado), além de ser vulnerável às estocadas da concorrência dos produtos vindos de fora. Por isso, a evolução da economia regional no período sofria constantes transformações, muitas vezes impostas por situações extremamente instáveis, como os interesses mercantilistas, o processo de integração nacional, o conflito bélico, a depressão econômica dos anos 30, etc. Tais fatos desencadeavam processos de mudanças que desigualavam as tradicionais condições da competição em prol ou contra a economia regional, os quais determinavam, também, os limites da capacidade

de produção e de competição dos principais segmentos no movimento de integração nacional.

O conteúdo dos dados sobre as relações de comércio evidencia esse movimento de avanço e recuo nos dois subperíodos seguintes: o primeiro abrange a última década do século XIX até o término da Primeira Grande Guerra; o segundo período inicia-se na década de 20 do século passado e caracteriza-se pela intensificação do processo de integração da economia regional com as demais regiões do País e com o Exterior. Durante o primeiro período (1889-919), apesar de a economia regional ter ampliado suas relações comerciais com as demais regiões do País,²⁰ ela se mantinha num isolamento geográfico.²¹

A pecuária-charqueada passou todo o período em crise, diante da oscilação de preços e da concorrência, apesar das transformações tecnológicas introduzidas no manejo dos campos e nas lides da criação bovina, nas charqueadas e nos transportes, até mesmo na fase mais avançada da modernização, que ocorreu com a instalação das primeiras indústrias frigoríficas na década de 20 do século passado.

A elevação do preço do gado e a abertura de um amplo espaço econômico no mercado internacional de carnes incentivaram a melhoria do rebanho e a implementação de um projeto antigo: montagem de um frigorífico com capital local. Preço bom e mercado promissor somados à legislação protecionista da política externa do Estado regional, que buscava incentivar a iniciativa privada na instalação de frigoríficos, atraíram capitais estrangeiros para o RS. Identificam-se, na longa crise do setor, aspectos essenciais que a explicam, como a dependência dos mercados, particularmente o nacional (evolução do mercado do café e do açúcar), e as vicissitudes das políticas adversas tanto nacionais republicanas quanto estaduais republicanas, que impunham tributos, ordens centralizadoras e favorecimento de monopólios privados. Cabe lembrar que a pecuária-charqueada-frigorífico sofreu uma crise que se arrastou no tempo, mas resistiu e manteve-se como principal atividade da economia regional, assentada nas suas vantagens locais, apesar dos entraves no sistema de transporte ferroviário, precário e oneroso, e na barra obstruída para acesso de navios de grande calado.

²⁰ Até 1910, quando se inaugurou a ligação ferroviária com o centro do País, o fluxo de mercadorias com as demais regiões tinha no transporte marítimo de cabotagem sua única opção, seja pelo porto de Rio Grande, seja pelo porto de Montevideú.

²¹ Tanto as razões políticas e econômicas como a própria situação geográfica condicionavam o subsistema econômico do Rio Grande do Sul a ter características autônomas, bem como suas transações comerciais mais importantes a se realizarem com ou através das economias platinas.

Nesse período, ganharam importância os resultados do processo migratório de origem europeia, contribuindo para a formação de uma base produtiva diversificada. O desenvolvimento da produção agrícola e a expansão do capital comercial próspero e dominante, este estava associado ao capital financeiro, formaram uma estrutura industrial de bens leves de consumo relativamente diversificada. As características básicas dessa indústria derivavam da agroindústria, que utilizava matérias-primas locais e mão-de-obra barata, produzindo bens de consumo, principalmente bens alimentares. Sua implantação foi feita de forma atomizada numa imensidão de pequenas e médias empresas, em sua maioria de tipo familiar²². A indústria voltada para o mercado local estava apenas em esboço, e sua expressão mais adiantada encontrava-se na tecelagem. Sua importância econômica no período da Primeira República transparece na produção de manufaturas de lã e algodão (brins, cobertores, panos e baetas, casimiras, sarja, ponchos e palas, meias, aniagem, etc.), exportadas para os mercados do Prata e para o norte do País. Sua expansão foi favorecida pela drástica diminuição da capacidade de importar, decorrente das péssimas condições do comércio internacional para produtos como o café, o que gerou uma reserva de mercado.

No espaço da economia regional, a passagem da produção colonial de subsistência para a produção voltada para o mercado teve duas condicionantes principais: a primeira foi o desenvolvimento agroindustrial acompanhado pelo movimento de urbanização crescente;²³ a segunda foi a expansão dos mercados externos pelos incentivos e isenções fiscais e pela redução de alíquotas incidentes sobre o valor das exportações agrícolas e das demais exportações, estabelecidos pela reforma tributária estadual de 1903.²⁴ Cabe lembrar que a então principal fonte de receita do RS provinha do Imposto de Exportação, e a da União, do Imposto de Importação. Os desestímulos não eram poucos, como as precárias condições de estoque e escoamento da safra, os baixos preços pagos aos colonos pelos comerciantes nos períodos de safra abundante e, por último, a concorrência da produção agrícola oriunda das zonas até então cafeeiras. Essa produção fazia forte concorrência com a produção do sul, por estar situada próxima aos mercados e por beneficiar-se da boa infra-estrutura de escoamento da produção cafeeira.

²² Entende-se por empresa de tipo familiar aquela cujo capital e atividades de administração e direção estavam sob controle de uma família. Isso era característico da maioria das empresas locais. Aquelas de maior vulto, tanto na indústria de transformação (por exemplo, a indústria de carne) como em serviços, eram de capital estrangeiro, sobretudo inglês.

²³ Em fins do século XIX, nota-se um franco desenvolvimento das atividades industriais e de serviços, principalmente na região de Porto Alegre, cuja população, na virada do século, se aproximava de 80.000 habitantes.

²⁴ Ver, sobre o assunto, Lagemann (1985, p. 249-255).

A segunda metade dos anos 20 do século passado, caracterizou-se pela intensificação da integração do Rio Grande do Sul com as demais regiões do País e com o Exterior. As atividades produtivas foram influenciadas pelas situações decorrentes da economia de guerra na Europa, eliminando totalmente a concorrência das manufaturas estrangeiras e aumentando as exportações para os países aliados. Formou-se uma corrente de comércio que se intensificou com as ligações do transporte ferroviário — principalmente com a exploração da ligação Porto Alegre—São Paulo —, e, posteriormente, em 1921, com a inauguração do novo porto da Cidade de Porto Alegre. Nessa época, concretizaram-se as negociações para a encampação da Viação Férrea (1919) e do porto de Rio Grande (1920), como também a centralização dos serviços portuários em Porto Alegre.

No início da década de 20 do século XIX, houve uma recuperação da economia internacional, e, em consequência, aumentaram os fluxos do comércio agroexportador. É verdade que, então, a ampla liberdade de comércio vigente facilitava a modernização do parque industrial pela importação de máquinas, mas também restringia o mercado para essa mesma indústria pela concorrência dos bens de consumo importados.²⁵ “O Estado não foi mobilizado para propiciar incentivos à industrialização, exceto através de tarifas, e sua força não é suficiente porque ela é muito indireta e descontínua” (Fishlow, 1972, p. 20).

Segundo o mesmo autor,

“(…) a indústria brasileira tinha atingido, por volta de 1919, uma autonomia substancial na produção de bens de consumo. Os alimentos eram protegidos pela tarifa da distância, que trabalhava contra o transporte de produtos processados, e dependia principalmente dos insumos primários da agricultura interna (…)” (Idem, p. 20).

Nesse contexto, o baixo nível de proteção trouxe como consequência a elevação do índice das importações, principalmente de bens de consumo duráveis e não duráveis, e comprometeu a realização da acumulação de capital esperada até o final dos anos 20.

No Rio Grande do Sul, as indústrias que resistiram à concorrência durante o processo de integração nacional, excluindo as charqueadas, não sofreram grandes modificações a princípio. Desfrutavam de vantagens locais competitivas e do modesto mercado local, porém não se restringiram a ele, pois absorveram cotas do mercado da região do Prata. Entretanto a crise

²⁵ Observa-se que só em 1926 o Governo brasileiro adotou uma política de estabilização monetária, criando o cruzeiro como nova unidade de medida de valor. Até então, praticava-se no Brasil o absoluto livre cambismo, isto é, as operações financeiras ou de comércio exterior independiam de qualquer licença, controle ou fiscalização do Governo.

geral do final dos anos 20 afetou as exportações, e determinados ramos industriais passaram a sofrer forte concorrência no próprio mercado regional e meridional do Brasil.

Concluindo, estas notas sobre a evolução da economia regional durante a Primeira República tiveram a preocupação de fazer uma reflexão introdutória sobre a diversificação e a singularidade do desenvolvimento capitalista na região e de levantar questões sobre sua transformação no período. Essa reflexão sumária, por um lado, foi orientada pelo exame da literatura interpretativa conhecida e disponível quando este texto foi elaborado (1982 e 1983), por outro, pautou-se no conteúdo das estatísticas sobre as relações de comércio do RS.

2.2 - O comportamento das exportações e das importações

Neste item, analisa-se a evolução do comércio de mercadorias do RS com os mercados nacional e internacional, demonstrando-se suas principais características e transformações capitalistas na economia regional. Trata-se de tarefa desafiadora apreender os objetivos na farta documentação e nas informações estatísticas consolidadas nas Tabelas 28 a 66. Novamente, a carência de dados encontra-se nas importações. Na abordagem do tema, primeiro, examina-se a balança comercial do RS, que manteve o superávit esperado, porém o período termina com um déficit surpreendente. O saldo favorável e o déficit são qualificados através dos fluxos de produtos. Segue-se por uma investigação dos mercados dos produtos, organizando-se quadros dos principais estados importadores e países. Os fluxos de comércio alteram-se com o conflito bélico e com a grande crise internacional, bem como pela perda dos tradicionais mercados de exportação do RS. Por último, faz-se uma análise específica do desempenho dos principais produtos, confrontando-se a produção interna com a produção exportada e o respectivo mercado. Também se observou o movimento dos preços nominais de produção e de exportação no período.

2.2.1 - As exportações

Os dados sobre o valor das exportações e das importações entre 1889 e 1930 possibilitam delimitar dois subperíodos diferenciados no comportamento do saldo da balança comercial. Entre 1889 e 1920, o saldo registrou um superávit no valor comercializado, em geral sempre superior a

40% do valor importado, exceto para poucos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. O maior saldo ocorreu durante os anos de conflito bélico; particularmente em 1917, o valor exportado foi três vezes superior ao das mercadorias importadas (Tabela 29). Não existem estatísticas sobre as importações entre 1881 e 1899, mas a tendência, anterior e posterior, permite afirmar com segurança que o saldo comercial do RS nesse período também foi superavitário. Para sustentar essa ousada afirmação, cita-se o argumento de que as exportações representavam 50% a mais que as importações e triplicaram no período 1889-900.

O valor nominal das exportações e das importações teve uma variação anual extremamente oscilante, com um crescimento espetacular de ambos os fluxos de mercadorias no período, sendo de 2.768,5% e de 613,8% em 1901 e em 1930 respectivamente. Entre 1889 e 1913, as exportações cresceram 592,6%, reduziram-se nos anos de guerra e superaram em 83%, no imediato pós-guerra, o patamar de 1913. No caso das importações, os dados denotam um acentuado aumento do seu valor intrínseco — seus preços (Tabelas 6 e 29).

O superávit comercial do RS corrobora os argumentos enfatizados acima sobre o desenvolvimento do capitalismo no extremo meridional do Brasil. A consolidação da imigração dirigida determinou um aumento da produção exportada, sendo liderada pelas vendas do arroz e da pecuária-charqueada. As exportações coloniais foram influenciadas pelos seguintes fatores: a reforma fiscal, que isentou ou reduziu o Imposto de Exportação, a melhoria dos meios de transporte no escoamento da produção e o aumento da produtividade do trabalho. Cita-se ainda o abastecimento de bens alimentares, tradicionais ou não, aos países aliados do Brasil durante a conjuntura dos anos da Primeira Grande Guerra.

No segundo subperíodo, entre 1921 e 1930, o RS passou a apresentar um déficit no comércio de mercadorias gerado por um ciclo decrescente de seus negócios, tendo como sua maior expressão a perda relativa das exportações para o mercado internacional. O saldo comercial desfavorável de importações chegou a representar, em 1921, um valor 30% superior ao valor das exportações. O resultado comercial negativo do RS foi surpreendente, pois os preços médios constantes das exportações cresceram, em termos reais, muito pouco (4%), com um valor médio de Cr\$ 1.580 a tonelada em 1921 e de Cr\$ 1.643 em 1930 (Tabela 1). Já os preços médios reais das importações eram de Cr\$ 2.239 a tonelada em 1921 e de Cr\$ 1.547 em 1930, apresentando uma queda de 31%. O índice relativo dos preços de ambos os fluxos, de saída e de entrada de mercadorias, foi crescente até 1925, caindo posteriormente. As alterações de alta nos preços médios das exportações asseguram ganhos nas relações de troca do Rio Grande do Sul,

cujo poder de compra foi 12% superior no início do período e aumentou para 67% em 1930. Isso equivale a um crescimento no valor real das exportações de 47,5% contra um decréscimo de menos 4,2% no das importações.

O desempenho das relações de comércio da economia regional demonstra que ela manteve sua tendência de expansão e de exportação dos excedentes obtendo ganhos reais, pois tanto o volume total exportado se elevou no período como também todos os respectivos preços médios dos produtos. O volume comercializado entre 1921 e 1930 denota que as exportações cresceram 43,7%, e as importações, 38,6%. Em termos de composição da pauta dos dois segmentos, constata-se apenas uma leve queda da participação do segmento pecuária-charqueada.

No essencial, a análise evidencia um paradoxo nas relações comerciais do Rio Grande do Sul: um saldo negativo na balança comercial, forjado pela manutenção da tendência de crescimento das exportações e por um ganho real nas relações de troca contra-arrestado pelo surpreendente aumento das importações de mercadorias.

A explicação dessa questão essencial revelada exige uma investigação mais profunda dos fluxos de mercadorias. Inicia-se a tarefa identificando os principais produtos exportados pelo RS. A estrutura da pauta modificou-se ao longo do período, tanto pela influência das novas condições do mercado para seus produtos tradicionais e novos produtos (arroz, etc.) como pelas transformações na base produtiva conexas ao uso de novas técnicas e emprego de trabalho assalariado. A seguir, analisam-se essas modificações nas relações de comércio.

Viu-se acima que, até 1886, os produtos da pecuária-charqueada eram majoritários na pauta de exportações, tendo participação percentual superior a três quartos dela. Porém, a partir de 1889, sua participação caiu para em torno de dois terços, e cresceram em importância os produtos da lavoura colonial (Tabela 8). Tomando-se um ano não atípico como o de 1883, constata-se que o peso de ambos era 85% e 13,5% respectivamente. No ano de 1901, os principais produtos apresentavam a seguinte composição na pauta: charque, couros secos e salgados, lãs, couros curtidos, carnes em conserva, representando 50,9% das exportações; banha, fumo em folha, feijão, arroz, cebolas e alhos, farinha de mandioca, vinhos, batata-inglesa, alfafa, milho e erva-mate, todos produtos coloniais, representando 29,5% (Tabela 30). Esses mesmos produtos compunham 42,7% e 39,3% da pauta em 1920. Portanto, houve uma sensível modificação, propiciada pelo grande aumento das vendas de alguns produtos (banha, etc.) e pelo surgimento de novos produtos, como carnes frigorificadas (9,7%) e arroz (9,0%), que, pelas suas características de produção, exigiam maior qualificação do processo de trabalho.

A pauta, no subperíodo 1921-30, era formada pelos principais produtos da pecuária-charqueada, com uma participação de 44,6%, e os mesmos

produtos coloniais citados acima representavam em torno de 43,5% das exportações, destacando-se a drástica queda nas vendas de charque — de uma participação de média de 30% até 1920 para apenas 15,8% em 1930 —, a redução das vendas de couros e o aumento da participação das carnes frigorificadas e das carnes em conserva.

O centro dinâmico da economia regional do RS estava na sua função exportadora. Esse dinamismo transparece mais claramente examinando-se a classificação da produção exportada. As matérias-primas (Classe II) e os produtos para alimentação e forragem (Classe III), que respondiam por mais de 90% das exportações, aumentaram suas participações relativas entre 1920 e 1930 (Tabelas 2 e 31). No nível das subclasses, percebe-se que esse desempenho se explica precisamente pelos produtos de origem vegetal, como madeiras, matérias-primas para a indústria (Classe II), bebidas, cereais, etc. (Classe III). As manufaturas (Classe IV) em geral com origem nas indústrias tradicionais, cujas atividades apresentam baixa produtividade e são intensivas em trabalho, perderam posição relativa entre 1921 e 1930, embora alguns produtos, como calçados, aumentassem suas vendas externas. As manufaturas exportadas por essa indústria eram, na sua maioria, produtos de tecidos de lã, artefatos de tecidos, capas, cobertores, móveis de madeira, calçados e máquinas e acessórios.

A diversificação socioeconômica foi sua principal característica, a qual se refletiu na diversidade de produtos encontrados na pauta de exportações. Dentre eles, a participação do charque e dos couros liderava as exportações, com cerca de 50% da pauta desde o início do período. Porém, ela se reduziu para em torno de 25% a partir de 1918. Outros produtos tradicionais, como banha, fumo, madeiras e batatas, ganharam importância nas exportações totais. Destacam-se também os produtos novos nas vendas externas, como arroz, carne congelada e outras manufaturas que, relativamente, simbolizam o desenvolvimento regional e as modificações na estrutura produtiva, adequando-se às novas técnicas e às exigências dos mercados durante a conjuntura extremamente favorável às exportações.

O principal mercado da economia regional era o nacional, que absorvia a maior parcela das exportações. Até 1912, mais de 70% das mercadorias eram destinadas para esse mercado. A Primeira Guerra causou queda e desorganização dos fluxos de comércio entre 1913 e 1916. Eles se recuperaram entre 1917 e 1925, seguidos por uma conjuntura favorável dos preços, porém o mercado externo passou a ser o destino de mais de 40% das vendas do Estado. Nos demais anos da década de 20, o Brasil voltou a ser o grande mercado para a realização dos excedentes da economia sul-rio-grandense (Tabela 32).

As exportações para o mercado internacional somavam participação próxima de 30% das vendas externas. Como dito acima, no período da Primeira

Guerra Mundial, esse mercado absorveu maiores parcelas, próximas de 43%, e a tonelagem e o valor exportados dobraram, num volume de 62.284 toneladas ao valor de Cr\$ 28.265 mil em 1916 para 118.382 toneladas equivalentes a Cr\$ 69.522 mil em 1917. Resta saber, a seguir, quais os principais países importadores. Antes, destacam-se algumas características dos produtos destinados ao mercado nacional.

Os portos do Rio de Janeiro e de Santos, em São Paulo, foram os destinos de mais da metade dos fluxos das exportações para o mercado interno pelas razões seguintes. Parte do comércio registrado para esses portos tinha outro destino, figurando apenas como ponto de passagem para outros estados ou países. A condição de entreposto dos fluxos das mercadorias certamente pode distorcer os registros de destinos das exportações, porém o fator que justifica o crescimento do mercado interno é o processo de urbanização mais ou menos intenso nesses dois estados, delineado e resultante do desenvolvimento da economia cafeeira. Trata-se de um mercado de exportações de bens alimentares e de matérias-primas de origem animal e vegetal (Tabela 32). Assim, os principais mercados foram o Rio de Janeiro, que comprava em torno de 50%, e São Paulo, que importava mais ou menos 20%. A parcela restante era vendida para Pernambuco e Bahia, seguidos de outros estados, como Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo.

As exportações para o mercado internacional destinavam-se à Inglaterra, à Alemanha, ao Uruguai, à Argentina, aos Estados Unidos e à França. A Tabela 3 ilustra o destino das mercadorias da economia regional em alguns anos selecionados.

O crescimento do mercado internacional coincidiu com o período da Primeira Guerra Mundial. Os mercados da Inglaterra, dos Estados Unidos, do Uruguai, da França, da Argentina e dos demais países aliados aumentaram significativamente a participação nas exportações (Tabela 34). Por suposto, destaca-se também a interrupção das relações de comércio entre o RS e a Alemanha nesses anos de guerra. Findo o conflito armado, na década de 20, a Alemanha tornou-se novamente o terceiro maior mercado externo para o RS, quando, então, os demais países, notadamente do mercado europeu, reduziram paulatinamente suas importações, cujas perdas para a economia sul-rio-grandense foram compensadas pelo aumento das vendas aos países da América, como Uruguai, Argentina e Cuba.

O Uruguai foi o principal importador. A relevância desse mercado até 1919 e a leve oscilação sofrida nos anos que precederam o ano de 1930 possibilitam tecer algumas considerações sobre as estatísticas oficiais de exportação. Primeiramente, os registros divulgados referem-se às saídas legais das fronteiras do RS. Sabidamente, grande parte da produção do oeste sul-rio-grandense foi escoada para os mercados de forma clandestina. Nesse

sentido, curiosamente, a maior parte das importações do Uruguai foi de produtos de origem animal, em especial o charque, não obstante a produção desse país também se concentrar, então, nas atividades de pecuária-charqueada e de industrialização da carne. Conclui-se que o charque, os couros, as lãs e os demais produtos contrabandeados, ou não, faziam um simples trânsito pelo porto de Montevideu para reexportação para outros mercados.²⁶

A encampação do porto de Rio Grande em 1919 possibilitou a redução das tarifas, além de introduzir melhorias administrativas e técnicas, as quais alteraram aquela condição clandestina de entreposto dos fluxos de produtos em direção a Montevideu²⁷. Desse modo, o porto de Rio Grande pôde ampliar a sua participação no embarque de produtos exportados da economia sul-rio-grandense. À essa época, no ano de 1920, a viação férrea, que foi encampada no início do século XX, passou para o controle do Governo do RS.

A seguir, examinam-se as relações de comércio do Estado, investigando-se os fluxos de exportações em nível de produto, com o objetivo de explicar as proposições deste texto. A investigação das estatísticas sobre o desempenho dos principais produtos em termos de produção e exportação objetiva melhor elucidar a necessidade e a importância dos mercados nacional e exterior para a realização do excedente. Utilizam-se indicadores da participação relativa de cada produto nas exportações totais, dados sobre produção e exportação e evolução dos preços nominais.

O charque foi a principal mercadoria exportada pelo Rio Grande do Sul no período. O valor exportado oscilou entre um quarto e um terço das exportações totais até 1917, mas sofreu uma queda acentuada de sua participação a partir de 1919, reduzindo-se do patamar de 30% para o de 19%. A produção de charque cresceu até 1912, puxada pela comercialização externa, que teve uma performance de 12,8% ao ano, nesse período (Tabelas 30 e 35). A quase-totalidade da produção foi exportada para o mercado nacional, e o preço, nesses anos, apenas teria recuperado os níveis alcançados em 1901, em torno de Cr\$ 0,50 a tonelada produzida e exportada. Seguiu-se uma fase de redução e estagnação dos fluxos para o mercado interno entre os anos de 1913 e 1921. A retração da pecuária-charqueada configurou, por um lado, uma sensível perda do abastecimento do mercado nacional e, por outro, um movimento crescente das vendas para o mercado

²⁶ Ver Domingues (1929, p. 45-48).

²⁷ O Uruguai, além de estar provido de um importante porto, também tinha vias férreas até a fronteira gaúcha — as linhas da Ferrocarril Central del Uruguay —, que ofereciam transporte mais barato (Pesavento, 1980, p. 38).

internacional. Também foi atrativo e crescente o preço médio da tonelada, de Cr\$ 0,50 para Cr\$ 1,20 naqueles respectivos anos.

A charqueada reduziu suas atividades drasticamente nesse período crítico. Um indicador da sua retração é a estagnação do abate para charque e a proporção do desfrute no efetivo de bovinos, no RS. O patamar de desfrute do rebanho bovino efetivo situava-se em torno de 9,9% a.a. e foi reduzido para 4,7% em 1920 (Tabela 4).

Cabe precisar essas mudanças nesse segmento. Existiam dois fluxos definidos para o comércio do charque do RS: um que abastecia os mercados centrais e do norte do País, e outro destinado ao Uruguai, que encaminhava para Cuba. Todavia o charque uruguaio tinha também boa aceitação no mercado nacional.

Qual o significado do crescimento das vendas para o mercado internacional? Essas observações constam nos **Anais da Assembléia**. Quando rompeu a guerra européia, a indústria frigorífica argentina não só se desenvolveu, como investiu também no Uruguai, substituindo quase totalmente as charqueadas por frigoríficos. O desafio da concorrência do Prata pressionou a charqueada do RS para ampliar o comércio do charque com Cuba, já existente em pequena escala.²⁸ Em 1917, foram vendidas 5.422 toneladas no valor de Cr\$ 5.092. Entre 1911 e 1915, o RS abateu para charque 3.213.595 cabeças, e o Uruguai, 1.303.000. Nos anos seguintes, entre 1916 e 1920, o Uruguai abateu apenas 345.000 reses contra as 2.579.842 cabeças no RS. Isso significa, efetivamente, que desaparecia a concorrência do Prata mesmo para os mercados do norte do Brasil. Consta nos **Anais da Assembléia** que as importações brasileiras do charque proveniente do Uruguai, basicamente, se reduziram muito em volume, na dimensão de 33.710 toneladas em 1910 para 23.061 toneladas em 1912, 3.936 toneladas em 1913 e 782 toneladas em 1914.

Afinal, a redução das importações de charque do Prata deveu-se à redução do mercado brasileiro? Apresenta-se apenas um argumento para explicar os fatos perturbadores do comércio de charque. Já existia, nessa época, um rebanho bovino significativo em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina, Goiás, Paraná e nos estados do norte do País. O rebanho provia matéria-prima para as emergentes charqueadas concorrentes, pois, segundo a fonte dos **Anais da Assembléia** referida acima, existiam em Minas Gerais, então, 19 estabelecimentos, em Mato Grosso, mais 19, em Goiás, mais seis, no Paraná, mais cinco e, em Santa Catarina, duas charqueadas. O argumento explica também a retração da produção e da exportação do RS a partir de 1927.

²⁸ Ver Assembléia... (1931, p.17-19).

A retração das importações do Prata poderia ser a redenção das charqueadas do RS, se não fosse a transformação inevitável desse tipo de indústria, apesar de o peso do charque manter-se deveras importante nas exportações totais até os anos 40. Se não houve redenção da pecuária-charqueada, cabe à análise qualificar a crise do setor. Para tal, recorre-se aos **Anais da Assembléia** novamente. Uma das razões citadas foi o desenvolvimento da pecuária e da indústria saladeiril no centro e no norte do País, na década de 20 do século passado. Outra razão referida foi ter se acentuado a crise na indústria da carne, no período *post-bellum*, tanto no Uruguai como na Argentina. Para enfrentá-la, essas indústrias modernas retornaram às velhas atividades saladeiris, diminuindo as matanças para os frigoríficos e reativando-as para o charque. O aumento do abate no Prata ilustra o argumento (Tabela 5).

Não é apenas isso que explica a crise da charqueada do RS. Havia outras vantagens que sobrelevaram o charque do Prata, tais como: a localização dos saladeiros próxima aos portos de embarque, que reduzia custos, ao contrário da do RS, cujos fretes ferroviário e marítimo oneravam o produto; o custo da tonelada do sal de cadiz no Uruguai era de Cr\$ 76,50 em 1928, porém seu custo mais impostos e fretes, etc. era de Cr\$ 375,00 no RS; os uruguaios tinham um custo de Cr\$ 35,00 para salgar uma tonelada de charque (em 1928) e aqui custava Cr\$ 168,00; o rendimento, em carne, do gado uruguaio era muito superior ao do rebanho do RS; o melhor aproveitamento do couro, do sebo e de subprodutos que também eram exportados; o abastecimento do mercado brasileiro através da burla de guias falsas de trânsito pela indústria uruguaia; e as barreiras impostas à importação de charque em Cuba. Em razão disso, as exportações uruguaias cresceram. Os **Anais da Assembléia** registram que o Uruguai exportou 4.180 toneladas de charque em 1920, 22.220 toneladas em 1922, 14.479 toneladas em 1924, 12.654 toneladas em 1926 e 9.503 toneladas em 1927. A Argentina exportou 1.120 toneladas de charque em 1916, 2.529 toneladas em 1920, 6.022 toneladas em 1922 e 14.479 toneladas em 1924.

Portanto, tendo vantagens competitivas, a indústria saladeira do Prata retomou a sua antiga posição de principal supridora do mercado cubano e, ao mesmo tempo, restabeleceu o comércio no mercado do norte brasileiro. Conclui-se que esses fatores neutralizavam as vantagens locais da charqueada-frigorífico do RS, agravando a crise no principal segmento da economia regional.

O aumento das exportações de carne congelada é o mais importante indicador das transformações na pecuária-charqueada-frigorífico. A partir de 1919, o principal produto secular sul-rio-grandense — o charque — paulatinamente passou a ser substituído pela carne congelada na produção e

na exportação. A elevação do preço do gado e a abertura de um amplo espaço no mercado internacional de carnes incentivaram a melhoria do rebanho e a implantação de um projeto antigo: montagem de um frigorífico com o capital gaúcho. Essas melhorias na oferta do gado em pé para corte somadas aos incentivos da legislação protecionista do RS atraíram a instalação de quatro frigoríficos estrangeiros. Porém a indústria moderna da carne, surgida à mercê do mercado gerado pelo conflito bélico, sofreu uma crise de realização já na década de 20. Num clima de paz e de normalização dos fluxos de comércio internacional, os interesses dos grandes grupos monopólicos reorganizaram-se, tendo como efeito uma superprodução no mercado internacional.

Os dados sobre o comércio de carnes congeladas ilustram esse movimento (Tabelas 30 e 42). No ano de 1921, o valor das vendas representava 12,1% do valor das exportações totais, correspondentes a 32.548 toneladas. No ano seguinte, as exportações não ultrapassavam 2.933 toneladas e só se recuperaram em 1930, com a venda de 53.097 toneladas. O grande mercado do novo produto da pauta do RS era o Exterior.

As exportações de couro em geral tiveram um movimento similar ao do charque, já que dependiam do abate. Entre 1889 e 1904, o couro foi o principal produto exportado — em torno de 30% do valor total —, mas reduziu sua importância ao longo dos anos, alcançando apenas 9,4% em 1917 e 7,6% em 1930, apesar da curta recuperação no início dos anos 20 (Tabelas 30 e 39). O grande destino dos couros secos e salgados foi o mercado internacional, em torno de 80% das exportações. A outra parcela encontrava mercado no próprio RS. O preço da unidade de couro foi instável em geral, teve alta entre 1889 e 1900, teve queda com oscilações até 1921 e recuperação nos anos 20. As cotações dos preços, ora em baixa, ora em alta, foram características do mercado desse produto derivado.

A ovinocultura consolidou-se como atividade na pecuária, especialmente na Metade Sul, e a produção de lã sempre teve uma parcela significativa exportada, não inferior a 30% até 1920, embora a participação na pauta fosse inferior a 3%. O volume exportado foi muito oscilante no período. Ainda que os preços nominais se elevassem, o volume exportado permaneceu estagnado até 1917, e seus preços no mercado externo também, registrando recuperação permanente até o final dos anos 20. O RS absorvia cerca de 50% da produção de lã, a outra metade se destinava, no início e no final do período, basicamente ao mercado internacional. Os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro passaram a ser os principais importadores (Tabelas 8, 30, 40 e 41).

As demais exportações da pecuária compõem um elenco de produtos, como carne em conserva, couros curtidos, gado em pé, graxa, crinas, ossos, chifres, etc., aos quais não se fará referência no texto (Tabelas 7 a 9 e 42 a 44).

A análise das exportações agrícolas no período conta com um apreciável levantamento estatístico em nível de produto, produção, exportação, mercado e preços. Optou-se por uma análise sobre as tendências mais gerais do setor, destacando-se aspectos essenciais para argumentar os objetivos do texto e remetendo o leitor também à leitura das séries estatísticas inéditas contidas nas Tabelas 30 e 45 a 61.

A produção da lavoura exportada foi crescente no período 1889-1930. No início, os principais produtos, que representavam em torno de 13%, passaram a compor em torno de 32,4% da pauta até 1900 (Tabela 6). Avançando no tempo, os produtos exportados, como arroz, feijão, fumo em folha, farinha de mandioca, vinhos, cebola, erva-mate, batata-inglesa, alface e banha, representavam 25,8% em 1901, 36,5% em 1919 e 48,4% em 1927. O desempenho das vendas coloniais foi sustentado pelo crescimento da banha e do arroz, assim como pelo de vinhos e batata-inglesa. Observa-se, por exemplo, que o arroz era um produto inexpressivo no início do século (0,01%) e passou a compor 12,9% do valor das exportações totais em 1927. Um montante de 11,7% da produção física foi exportado em 1914, pulando para 40,7% em 1927. As vendas de vinho e batata-inglesa tiveram um desempenho mais modesto. Dentre aqueles produtos, o fumo, o feijão e as cebolas mantiveram sua ponderação na pauta, ocorrendo o contrário com os demais, o que não significa afirmar que a produção interna tenha diminuído (Tabela 30).

A banha foi o mais importante produto colonial exportado. Resultava da associação entre a produção familiar de subsistência e a criação de suínos para a fabricação da banha. A princípio, a banha era produzida na unidade familiar, que vendia ao comerciante intermediário o excedente das necessidades de consumo. No início do século XX, ocorreu um processo de separação entre o criador de suínos e produtor de banha bruta e os refinadores de banha, passando esta a ser transformada por indústrias situadas próximas às regiões coloniais, junto com os demais produtos derivados, como as carnes preparadas, os embutidos, o sabão e os defumados. Roche (1969, p. 442) cita o desenvolvimento do comércio da banha pelas empresas teuto-brasileiras, que, a partir da década de 20, controlavam a quase-totalidade das exportações. Em 1915, sete refinarias de Porto Alegre controlavam 43,6% do capital do setor, 63,2% do valor total da produção e 48,1% do número de operários. Em geral, a produção de banha ocupava a terceira posição no valor da produção industrial, segundo informações do **Censo Industrial de 1917**.

As exportações de banha foram crescentes na economia regional, pois representavam apenas 3,4% em 1888 e passaram para 12,2% em 1889, subindo para 16,2% em 1895, reduzindo-se até o início do século para 9,8%

e tornando-se o principal produto exportado em 1929-30. Nesse intervalo, elas alcançaram dois picos no comércio total: participação de 20,3% em 1914 e de 21,7% em 1926. A produção exportada foi de 3.373 toneladas em 1889 e de 8.346 toneladas em 1896. A produção física, em 1907, foi de 21.944 toneladas e dela se exportaram 31,79%. Por sua vez, em 1927, o montante exportado da produção (67%) destinou-se ao mercado nacional (Tabelas 8, 30, 37 e 38). Portanto, primeiro a produção abastecia o mercado do Rio Grande do Sul e, posteriormente, destinava-se às praças do Rio de Janeiro e de São Paulo basicamente. O mercado internacional só foi importante entre os anos de 1917 e 1923, chegando a comprar em torno de 18% das exportações. No período 1925-30, o mercado restringiu-se à Alemanha, à Argentina, à Itália, a Portugal e ao Uruguai. Nessa época, os Estados Unidos retomaram sua posição de primeiro produtor de milho do mundo e abasteceram de banha o mercado europeu.

As exportações desses bens alimentares era voltada quase totalmente para o abastecimento do mercado nacional. O maior importador era o Rio de Janeiro, seguido, em menor importância, pelos Estados de São Paulo, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Paraná e outros. A comercialização para outros países só foi representativa para alguns produtos, como arroz, fumo, feijão e batatas, nos anos da Primeira Grande Guerra e no início dos anos 20. Por sua vez, produtos como vinho, cebola, alfafa e milho se voltavam apenas para o mercado nacional. Pelos dados, pode-se inferir que as exportações coloniais para o mercado interno caíram a partir de 1913 e tiveram uma evolução positiva na década de 20. Todavia produtos como vinho, cebola e alfafa não passaram por essa crise nesse mercado. Essa perda de negócios nem sempre foi compensada, para todos os produtos, por um ganho no mercado internacional. Efetivamente, ficou muito mais por conta dos acréscimos nas exportações de arroz do que da recuperação de outro bem alimentar. Aliás, tal queda, no mínimo, estagnou a produção física dos demais produtos. No caso do arroz, para ilustrar, exportaram-se apenas 66 toneladas para o Exterior em 1913, volume que cresceu para 38.090 toneladas em 1921. Precisamente nessa fase, o grande mercado da produção colonial exportada passou a ser o mercado interno. O indicador é a relação entre a produção física de cada produto na economia regional e a produção exportada, que oscilava na década de 20. Do arroz, foi exportada entre 25% e 40% da produção interna; da cebola e do fumo, mais de 60%; dos vinhos, entre 30% e 43%; da batata-inglesa, entre 11% e 21%; e de erva-mate, alfafa e milho foram exportadas parcelas abaixo de 7% de suas produções. Esses parâmetros indicam a crescente importância do mercado nacional para a produção colonial. Por sua vez, os preços nominais de exportação foram francamente favoráveis, exceto pelo comportamento atípico dos preços do

fumo. Porém esse desempenho expressivo foi precedido, no início do século, por uma queda ou estagnação das suas exportações (menos para arroz, batata-inglesa e alfafa) e por uma drástica baixa de seus preços.

A produção colonial do RS e suas relações de comércio sofreram diretamente a concorrência da produção crescente dos respectivos produtos em outros estados. Notadamente, Minas Gerais e São Paulo foram os mais competitivos, pois utilizavam terras desbravadas pelo café, assim como Paraná e Santa Catarina, onde a colonização também estava em curso. O desempenho do arroz teve como empuxe, desde o início, por ser cultivado pela lavoura empresarial, utilizando o trabalho assalariado, a mecanização de seu cultivo e a irrigação. O produto não aparece nas exportações até 1900, porém seu cultivo adaptou-se às áreas de várzea nas regiões distantes da Metade Sul e contava com mercado cativo para a venda da produção. O milho, por sua vez, era um produto que quase não representava 1% das exportações e o principal da unidade familiar do colonato; de certa forma, aparece incorporado aos demais produtos da lavoura colonial exportados. O vinho, a princípio, era um produto artesanal e restringia-se ao autoconsumo e ao mercado regional. Voltou-se para o mercado nacional, nesse período, com o surgimento das cooperativas e das empresas industriais especializadas e com a conseqüente separação entre a produção agrícola da uva e a produção industrial do vinho. Nessa época, com a ligação ferroviária até São Paulo, criaram-se as condições objetivas para sua comercialização.

No essencial, a evolução histórica das relações de comércio do RS foi a expressão maior do desenvolvimento crescente e das transformações da economia regional. O processo de desenvolvimento dos segmentos da pecuária-charqueada-frigorífico e da lavoura colonial foi fundado com características específicas em relação às demais regiões do Brasil, que configuraram a formação de uma grande diversificação social e econômica na economia do RS. O movimento dos fluxos de mercadorias buscava, principalmente, a realização no mercado nacional. O mercado externo cresceu em importância apenas em um período curto de tempo, especialmente para os produtos da pecuária, mais para o arroz e a banha. O desenvolvimento da economia regional teve como maior expressão o crescente elenco de produtos exportáveis que aparecem na composição das exportações. Por último, o déficit na balança comercial entre 1921 e 1929 foi o fato mais surpreendente evidenciado nas relações de comércio durante a Primeira República, porque as exportações dos produtos da lavoura e da pecuária-charqueada sofreram uma significativa expansão tanto no volume como nos valores comercializados, bem como obtiveram ganhos reais nas relações de troca. O volume comercializado das exportações cresceu 43,7%, e o das importações, 38,6%.

No essencial, evidencia-se um paradoxo nas relações comerciais: a manutenção da tendência de expansão das exportações, guindadas por um

impulso adicional na década de 20 e por ganhos reais nas relações de troca, bem como pela normalização dos fluxos de comércio nos mercados nacional e externo. Porém o desempenho virtuoso da economia regional não foi suficiente para contra-arrestar o espetacular aumento das importações no período, forjando, assim, um saldo negativo na balança comercial. Portanto, o enfoque da análise nas relações de comércio para explicar o desenvolvimento capitalista na economia regional não permite esclarecer adequadamente a questão do déficit comercial. A constatação sugere investigação mais profunda sobre os segmentos produtivos, sobre as políticas do Estado regional sul-rio-grandense na promoção do desenvolvimento e sobre os elementos dinâmicos internos das modificações internas.

A seguir, examinar-se-ão as informações sobre as importações para complementar o entendimento das relações de comércio do Estado.

2.2.2 - As importações

As importações de mercadorias sempre foram complementares à produção interna no suprimento das necessidades de bens de consumo e de bens de produção. O exame do tipo de mercadorias importadas certamente pode qualificar a compreensão do desenvolvimento local e das relações de comércio da economia regional. Na análise do fluxo de exportações, destacam-se a diversificação de produtos que passaram a compor a pauta e as grandes transformações nos segmentos produtivos. A mesma abordagem aplica-se na análise das importações. Porém as pretensões da análise ficam muito prejudicadas pelas pouquíssimas informações disponíveis.

Primeiramente, apresentam-se algumas características sobre o parque industrial instalado no Rio Grande do Sul, no período. Busca-se, com isso, enfatizar a capacidade produtiva instalada e a relevância que assumem os produtos manufaturados nas exportações. A economia contava com outros importantes ramos industriais, cujos produtos não apareciam nas exportações, pois se destinavam ao consumo local. Do mesmo modo, destacavam-se produtos manufaturados, produtos padronizados ou transformados, que tinham origem na agricultura e cuja maior parte se destinava ao mercado nacional. O tipo de produção local sugere que existia um alto grau de autonomia na economia regional, pelo menos até a constatação do déficit comercial, e que as importações tinham função complementar no abastecimento interno.

Mesmo existindo diversificação produtiva e economia com alto grau de autonomia, as restritas informações sobre importações também dão conta da presença de produtos industrializados complexos e de bens de luxo, voltados para o atendimento de demandas sofisticadas de consumo, para a

modernização do parque produtivo e de outras atividades de serviços. O desenvolvimento industrial e da economia em geral e a conseqüente intensificação do processo de urbanização explicam o surgimento de novos produtos nas importações. O desenvolvimento e a urbanização geraram uma massa de trabalhadores assalariada e a formação da classe média autônoma ou assalariada do Estado regional, que criou demandas não atendidas plenamente pela produção local ou de produtos para transformação local. As estatísticas disponíveis para alguns anos permitem formar um quadro-resumo dos principais produtos importados. Porém não se dispõe de qualquer estatística para o início do período (1889 a 1900).

Quadro 1

Principais produtos importados pelo RS — 1901-1936

1901	1910	1920	1936
Farinha de trigo	Ferro e aço	Farinha de trigo	Tecidos de algodão
Arroz	Farinha de trigo	Automóveis	Açúcar
Gado vacum	Manufatura de algodão	Peles e couros	Máquinas, aparelhos e ferramentas
Vinhos	Carvão-de-pedra	Carvão-de-pedra	Trigo em grão
Trigo em grão	Trigo em grão	Folha-de-fladres	Produtos farmacêuticos
Sal bruto	Vinhos comuns	Arame farpado	Gasolina
	Manufatura de lã	Tecido de algodão	Ferro e aço
	Peles e couros	Cimento	Carvão-de-pedra
	Algodão	Querosene	Manufaturas de ferro e aço
	Azeite de oliva	Gasolina	Automóveis
		Trigo em grão	Artigos de armamento
		Vinhos comuns	Sal comum
		Soda cáustica	Fios de algodão

FONTE: Tabelas 64, 65 e 66.

MENSAGEM À ASSEMBLÉIA DE REPRESENTANTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM 20 DE SETEMBRO DE 1902. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1902. p. 23.

Nas listas dos principais produtos importados, identificam-se bens de consumo, como a farinha de trigo, trigo em grão, arroz, vinhos, manufaturas de algodão, manufaturas de lã, azeite de oliva, querosene e açúcar, que participavam com 32,8% do valor total importado em 1901, 23,8% em 1910,

13,1% em 1920 e 32,5% em 1936. Os demais produtos podem ser considerados bens de capital, compondo em torno de 20% das importações, notadamente formados por insumos para transformação.

Em relação à origem das importações, também se constata ausência de informações. Porém as relações de comércio do RS e o destino das exportações permitem especular sobre a procedência das mercadorias, supondo que estas tinham origem precisamente naqueles estados brasileiros e naqueles países com os quais o RS comercializava seus produtos. Por ordem de importância, elas tiveram origem nos estados do Brasil, na Inglaterra, na Alemanha, no Uruguai, nos EUA e em outros países (Tabela 28). Admite-se também que os bens de capital e os produtos de consumo mais complexos e sofisticados eram oriundos do mercado internacional, como as importações de máquinas, aparelhos, ferramentas, trigo em grão, carvão-de-pedra, ferro e aço em barras e chapas, gasolina, máquinas de costura, querosene, cimento, farinha de trigo, automóveis, soda cáustica, peles e couros, azeite de oliva, vinho, arame farpado, tecidos de algodão, etc.

As importações nacionais basicamente têm origem nos portos do Rio de Janeiro e de Santos, que eram os principais entrepostos comerciais do País, além de Pernambuco e Bahia. Destacam-se importações dessas praças de produtos, como tecidos de algodão, açúcar, produtos farmacêuticos, gasolina, café em grão, tecido de lã, manufaturas de ferro e aço, sal comum, etc. Certamente, os produtos como sal comum e açúcar tinham origem nos estados da Região Nordeste. Os demais produtos provinham daqueles entrepostos referidos.

Sob condições precárias de informações, conclui-se, sumariamente, que os fluxos de importações revelam existir uma demanda de bens de consumo sofisticados e de bens de produção, tipo máquinas e matérias-primas para transformação, reveladora da pujança da economia regional, caracterizada por grande diversificação social e econômica. No início do período, elas eram compostas principalmente por bens de consumo, além de matérias-primas e bens de capital. Porém, no final do período, a maior parte era constituída por bens finais e complexos ou industrializados, que causaram o déficit comercial na década de 20 do século passado.

Tabela 1

Exportações, importações e indicadores das relações de troca do RS — 1921-1939

ANOS	EXPORTAÇÕES (FOB)		IMPORTAÇÕES (CIF) (1)		ÍNDICE DE TROCA	NÚMERO-ÍNDICE (2)
	Valor (Cr\$ 1 000/t)	Relativo dos Preços (3)	Valor (Cr\$ 1 000/t)	Relativo dos Preços (3)		
1921	1 580	149,76	2 239	135,28	1,12	38,9
1922	1 594	151,09	1 658	100,18	1,51	42,7
1923	1 508	142,93	2 147	129,72	1,10	51,0
1924	1 771	167,86	2 315	139,88	1,20	53,3
1925	2 132	202,08	2 447	147,85	1,37	54,5
1926	1 399	132,60	1 860	112,38	1,18	55,5
1927	1 265	119,90	1 893	114,38	1,05	60,6
1928	1 533	145,31	1 683	101,69	1,43	67,9
1929	1 595	151,18	1 559	94,19	1,60	67,3
1930	1 643	155,73	1 547	93,47	1,67	61,5
1939	1 055	100,00	1 655	100,00	1,00	100,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico de exportações do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre, DEE, 1942.

(1) Os dados incluem as importações do Exterior e por cabotagem. (2) Dados corrigidos pelo deflator implícito do PIB. (3) Base dos dados: 1939 = 100.

Tabela 2

Participação percentual do valor das exportações, por classes de produtos, do RS — 1920-1950

CLASSES DE PRODUTOS	1920	1930	1940	1950
Classe I - animais vivos	1,6	0,2	0,1	0,4
Classe II - matérias-primas	21,8	22,4	27,4	30,5
Classe III - produtos para alimentação e forragem	70,3	71,5	60,4	47,8
Classe IV - manufaturas	6,3	5,9	12,1	21,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: Tabela 31.

Tabela 3

Composição percentual das exportações do RS para o Exterior — 1905-1930

PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES	1905	1912	1919	1922	1925	1930
Alemanha	26,57	28,18	0,31	16,14	23,39	15,84
Inglaterra	29,14	21,34	20,63	4,52	10,41	10,43
Uruguai	27,47	23,87	45,38	35,38	32,03	37,39
Argentina	5,76	9,97	13,60	21,89	6,57	10,60
Portugal	1,98	3,37	5,62	5,27	0,28	0,01
Estados Unidos	1,85	-	-	4,06	-	0,73
Bélgica	0,94	4,52	7,33	5,47	9,13	8,91
França	0,33	-	-	3,07	-	3,40
Itália	-	-	-	0,67	-	5,50
Holanda	-	-	-	-	-	1,23
Rússia	-	-	-	-	-	1,33
Cuba	-	-	-	2,96	-	0,96
Outros países	-	-	-	0,37	-	3,60
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: Tabela 34.

Tabela 4

Abate de bovinos nas charqueadas do RS — 1907-20

ANOS	NÚMERO DE CABEÇAS ABATIDAS	ABATE EFETIVO (1)	ANOS	NÚMERO DE CABEÇAS ABATIDAS	ABATE EFETIVO (1)
1907	598 080	8,79	1914	510 885	6,78
1908	593 059	8,36	1915	483 514	5,84
1909	588 703	8,21	1916	469 327	5,50
1910	673 986	9,16	1917	667 932	7,33
1911	727 852	9,39	1918	535 988	5,82
1912	795 596	9,94	1919	454 076	4,83
1913	695 748	8,45	1920	452 519	4,70

FONTE DOS DADOS BRUTOS: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: n. 8, dez. 1922.

(1) Relação entre o abate nas charqueadas dividido pelo efetivo de bovinos mais os abates nas charqueadas.

Tabela 5

Número de reses abatidas para o charque no RS, no Uruguai e na Argentina — 1921-25

ANOS	RIO GRANDE DO SUL	URUGUAI	ARGENTINA
1921	511 700	123 200	17 000
1922	602 800	218 500	28 600
1923	758 900	219 600	50 800
1924	686 800	126 100	218 100
1925	818 535	120 350	173 300

FONTE: ASSEMBLÉIA DOS REPRESENTANTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1930, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1931.

Tabela 6

Valor das exportações, das importações e do Imposto de Exportação do RS — 1821-1900

ANOS	EXPORTAÇÕES (1 000 réis) (A)	IMPORTAÇÕES (1 000 réis) (B)	SALDO COMERCIAL (1 000 réis) (A - B)	PARTICI- PAÇÃO % A/B	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (1 000 réis)
1821	(1) 1.489:660\$	940:800\$	548:860\$	1,58	...
1822	(1) 1.562:432\$	1.088:613\$	473:819\$	1,44	...
1837	1.555:692\$	-	...
1838	1.644:342\$	1.603:046\$	41:296\$	1,03	...
1839	3.065:469\$	2.080:524\$	984:945\$	1,47	...
1840	3.133:382\$	2.049:081\$	1.084:301\$	1,53	...
1841	4.192:041\$	4.288:720\$	-96:679\$	0,98	...
1842	4.387:377\$	5.606:256\$	-1.218:879\$	0,78	...
1843	7.272:676\$	5.360:361\$	1.912:315\$	1,36	...
1844	7.073:566\$	8.772:137\$	-1.698:571\$	0,81	...
1845	9.861:939\$	5.956:362\$	3.905:577\$	1,66	257:058\$
1846	9.802:060\$	-	303:252\$
1847	9.591:119\$	-	299:213\$
1848	7.694:618\$	-	207:518\$
1849	3.508:491\$	-	92:218\$
1850	5.387:150\$	14.934:399\$	-9.547:249\$	0,36	172:485\$
1851	7.202:537\$	19.872:814\$	-12.670:277\$	0,36	185:443\$
1852	6.194:263\$	8.368:874\$	-2.174:611\$	0,74	153:764\$
1853	8.563:938\$	9.259:597\$	-695:659\$	0,92	215:763\$
1854	10.393:715\$	9.145:968\$	1.247:747\$	1,14	207:819\$
1855	10.778:045\$	7.452:447\$	-3.325:598\$	1,45	270:232\$
1856	12.720:214\$	10.339:680\$	2.380:534\$	1,23	326:673\$
1857	14.923:868\$	14.783:748\$	140:120\$	1,01	372:041\$
1858	10.141:319\$	6.562:320\$	3.578:999\$	1,55	271:712\$
1859	16.651:334\$	5.734:445\$	10.916:889\$	2,90	233:255\$
1860	15.787:694\$	7.467:756\$	8.319:938\$	2,11	210:497\$
1861	(2)13.244:240\$	16.710:521\$	-3.466:281\$	0,79	310:565\$
1862	11.406:329\$	16.141:352\$	-4.735:023\$	0,71	404:145\$
1863	11.933:044\$	11.267:968\$	665:076\$	1,06	373:571\$
1864	(2)12.621:730\$	11.088:128\$	1.533:602\$	1,14	402:503\$
1865	14.730:435\$	12.504:000\$	2.226:435\$	1,18	462:725\$
1866	17.918:109\$	18.364:000\$	-445:891\$	0,98	410:902\$
1867	(2)17.192:879\$	-	434:624\$
1868	(2)22.100:860\$	15.195:254\$	6.905:606\$	1,45	524:823\$

(continua)

Tabela 6

Valor das exportações, das importações e do Imposto de Exportação do RS — 1821-1900

ANOS	EXPORTAÇÕES (1 000 réis) (A)	IMPORTAÇÕES (1 000 réis) (B)	SALDO COMERCIAL (1 000 réis) (A - B)	PARTICI- PAÇÃO % A/B	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (1 000 réis)
1869	22.374:551\$	14.782:867\$	7.591:684\$	1,51	731:097\$
1870	20.231:194\$	6.310:363\$	13.920:831\$	3,21	664:381\$
1871	(2)19.438:907\$	11.724:407\$	7.714:500\$	1,66	589:319\$
1872	(2)19.852:179\$	12.638:979\$	7.213:200\$	1,57	658:594\$
1873	20.195:000\$	8.932:030\$	11.262:970\$	2,26	700:853\$
1874	16.218:741\$	8.935:676\$	7.283:065\$	1,82	522:422\$
1875	15.507:094\$	10.164:901\$	5.342:193\$	1,53	492:135\$
1876	(2)14.947:373\$	10.084:221\$	4.863:152\$	1,48	494:646\$
1877	(2)20.344:723\$	9.592:280\$	10.752:443\$	2,12	473:648\$
1878	20.686:626\$	8.778:632\$	11.907:994\$	2,36	718:545\$
1879	20.536:827\$	13.479:464\$	7.057:363\$	1,52	735:640\$
1880	18.968:991\$	12.422:434\$	6.546:557\$	1,53	684:702\$
1881	18.058:855\$	-	655:059\$
1882	(2)16.690:942\$	-	710:088\$
1883	16.892:870\$	-	742:439\$
1884	18.046:618\$	-	796:875\$
1885	18.351:004\$	-	784:962\$
1886	18.263:345\$	-	760:133\$
1887	19.533:306\$	-	813:027\$
1888	18.953:220\$	-	572:408\$
1889	18.240:617\$	-	709:026\$
1890	17.266:724\$	-	711:812\$
1891	27.469:410\$	-	1.210:993\$
1892	39.823:844\$	-	1.640:344\$
1893	40.670:120\$	-	2.606:078\$
1894	40.873:160\$	-	2.723:271\$
1895	41.474:835\$	-	2.896:542\$
1896	41.587:868\$	-	2.800:099\$
1897	52.936:225\$	-	3.732:268\$
1898	62.583:129\$	-	4.528:017\$
1899	58.096:800\$	-	4.114:992\$
1900	50.034:171\$	-	3.609:941\$

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

(1) Exportações realizadas pelas fronteiras do Município de Rio Grande. (2) Somatório do valor dos produtos exportados constantes na Tabela 8.

Tabela 7

Participação dos principais produtos nas exportações totais do RS — 1822-1860

ANOS	TOTAL DAS EXPORTAÇÕES (1 000 réis)	CHARQUE (%)	COUROS CRUS (%)	OUTROS DERIVADOS (%)
1822	1.562:432\$	51,0	28,4	9,8
1837	1.555:692\$	15,1	61,5	23,4
1838	1.644:342\$	14,4	45,2	27,9
1839	3.065:469\$	21,2	56,0	22,8
1840	3.133:382\$	19,0	48,9	23,4
1841	4.192:041\$	21,5	56,3	22,2
1842	4.387:377\$	24,9	58,0	13,3
1843	7.272:676\$	23,0	55,4	21,6
1844	7.073:566\$	20,2	65,9	13,9
1845	9.861:939\$	45,9	33,1	21,0
1846	9.802:060\$	65,1	34,9	...
1847	9.591:119\$	67,3	32,7	...
1848	7.694:618\$	45,1	39,5	15,1
1849	3.508:491\$	38,1	36,1	25,7
1850	5.387:150\$	51,5	28,3	19,4
1851	7.202:537\$	45,4	33,7	19,1
1852	6.194:263\$	44,9	30,9	20,5
1853	8.563:938\$	52,8	23,1	19,4
1854	10.393:715\$	41,6	17,5	15,4
1855	10.778:045\$	40,7	31,4	15,4
1856	12.720:214\$	38,3	40,0	11,7
1857	14.923:868\$	39,7	36,9	11,4
1858	10.141:319\$	44,1	30,6	10,6
1859	16.651:334\$	16,0	37,4	12,6
1860	15.787:694\$	37,3	37,4	10,4

FONTE: Tabelas 8 e 9.

Tabela 8

Participação percentual dos principais produtos da pecuária e da lavoura nas exportações totais do RS — 1861-900

ANOS	EXPOR- TAÇÕES TOTAIS	PRODU- TOS DA PECUÁ- RIA	MADEIRAS	PRODU- TOS DA LAVOURA	CHARQUE	COUROS CRUS	COUROS CURTIDOS
1861	100,0	89,6	0,2	10,2	44,9	43,6	...
1862	100,0	74,0	0,2	9,9	31,1	41,2	...
1863	100,0	76,3	0,2	6,6	30,3	43,7	...
1864	100,0	90,4	0,2	9,4	48,0	40,2	...
1865	100,0	64,8	0,2	8,6	26,0	36,9	...
1866	100,0	54,0	0,3	7,6	22,2	30,0	...
1867	100,0	90,6	0,4	9,0	36,1	51,1	...
1868	100,0	90,8	0,4	8,8	29,9	40,7	...
1869	100,0	67,1	0,2	7,8	24,9	40,1	...
1870	100,0	66,8	0,1	9,2	27,5	36,7	...
1871	100,0	92,9	0,3	6,8	30,0	44,9	0,0
1872	100,0	91,9	0,5	7,6	27,3	48,2	0,0
1873	100,0	70,1	0,4	8,5	22,9	35,4	0,1
1874	100,0	81,5	0,2	12,2	27,9	42,2	0,1
1875	100,0	82,6	0,1	12,1	35,8	32,2	0,1
1876	100,0	90,2	0,1	9,7	39,5	38,7	0,1
1877	100,0	82,9	0,1	17,0	39,1	31,4	0,0
1878	100,0	80,5	0,1	15,7	38,3	31,0	0,1
1879	100,0	81,8	0,2	10,7	33,0	35,5	0,4
1880	100,0	85,0	0,1	8,3	40,2	32,4	0,8
1881	100,0	74,7	0,2	15,8	28,8	32,0	1,3
1882	100,0	83,8	0,2	16,0	28,7	37,0	0,6
1883	100,0	82,6	0,2	15,8	32,7	38,3	0,7
1884	100,0	79,4	0,1	14,0	27,8	40,8	0,7
1885	100,0	71,1	0,1	18,1	26,8	35,5	0,9
1886	100,0	87,6	0,0	12,3	45,4	31,5	1,1
1887	100,0	18,3	0,0	6,0	7,3	7,2	0,5
1888	100,0	45,3	0,0	13,1	25,0	17,0	0,1
1889	100,0	50,3	0,1	38,7	26,1	16,4	0,1
1890	100,0	64,5	0,1	35,3	30,3	24,5	0,2
1891	100,0	59,3	0,1	29,7	32,9	15,1	0,2
1892	100,0	55,0	0,0	28,9	29,7	18,0	0,2
1893	100,0	56,9	0,0	33,3	30,4	17,0	0,8
1894	100,0	52,8	0,0	34,1	28,5	13,6	0,4
1895	100,0	47,8	0,0	38,5	19,9	19,3	0,6
1896	100,0	39,5	0,0	39,4	17,1	13,0	0,8
1897	100,0	50,0	0,0	32,3	21,7	17,9	0,9
1898	100,0	61,1	0,1	26,8	26,6	24,1	0,9
1899	100,0	53,2	0,2	29,7	23,7	19,9	1,4
1900	100,0	59,5	0,1	22,2	30,0	22,8	1,5

(continua)

Tabela 8

Participação percentual dos principais produtos da pecuária
e da lavoura nas exportações totais do RS — 1861-900

ANOS	LÃ	OUTROS DERIVADOS DA PECUÁRIA	BANHA	FEIJÃO	MILHO	FARINHA DE MANDIOCA	FUMO	ERVA- MATE	CEBOLA E ALHO
1861	1,1	3,1	0,7	0,3	0,2	5,9	...
1862	1,6	1,6	0,5	0,5	0,0	7,2	...
1863	2,3	1,2	0,9	1,1	0,0	3,5	...
1864	2,2	1,2	0,5	1,0	0,4	6,2	...
1865	1,9	2,1	0,4	0,1	0,5	5,4	...
1866	1,8	...	0,0	1,7	1,5	0,6	0,5	3,3	...
1867	3,5	...	0,0	2,3	0,8	1,2	0,5	4,1	...
1868	2,6	17,5	0,1	3,0	1,0	2,0	0,7	2,0	...
1869	2,1	...	0,1	2,1	0,3	1,4	1,3	2,6	...
1870	2,7	...	0,4	2,5	0,3	0,7	0,9	4,4	...
1871	3,4	14,7	0,1	1,3	0,4	0,4	1,2	3,4	0,0
1872	1,6	14,8	0,1	0,9	0,9	0,7	1,0	3,8	0,2
1873	1,5	10,2	0,5	2,0	0,8	1,3	1,4	2,2	0,2
1874	1,3	9,9	0,3	3,2	0,9	1,9	2,0	3,4	0,4
1875	1,0	13,4	0,5	4,1	1,7	0,7	2,5	1,9	0,6
1876	1,3	10,6	0,6	3,2	0,5	0,7	2,3	1,8	0,5
1877	0,7	11,5	0,0	5,7	0,7	6,3	1,7	2,1	0,5
1878	0,4	10,7	0,2	3,0	0,4	8,2	1,6	1,6	0,6
1879	0,9	11,9	0,2	2,9	0,6	2,6	2,1	1,4	0,7
1880	1,1	10,5	0,4	3,4	0,1	1,7	0,6	1,0	0,9
1881	1,0	11,6	1,1	4,2	0,2	5,2	3,1	1,2	0,7
1882	1,5	16,1	1,8	6,6	0,0	3,3	1,9	1,5	0,7
1883	1,7	9,1	2,3	6,4	0,3	2,8	1,8	1,4	0,7
1884	1,8	8,4	2,7	5,6	0,0	2,3	1,6	0,7	1,0
1885	3,2	4,7	3,2	8,0	0,0	3,5	1,7	0,5	1,0
1886	2,4	7,2	3,1	3,2	0,0	1,6	2,9	0,6	0,9
1887	0,2	2,9	1,6	0,9	0,1	0,8	1,9	0,4	0,2
1888	1,1	2,2	3,8	3,6	0,2	2,9	1,4	0,8	0,3
1889	1,1	6,6	12,2	8,6	0,2	13,7	2,2	1,0	0,6
1890	1,1	8,4	11,5	9,2	0,3	9,9	2,2	1,0	0,8
1891	0,9	9,6	11,6	7,3	1,8	5,0	2,1	0,6	1,1
1892	1,1	4,8	10,0	7,2	0,9	4,1	4,8	0,4	0,9
1893	0,6	6,9	16,6	5,5	0,1	6,9	2,0	0,5	1,3
1894	0,4	8,6	15,1	7,0	0,1	8,4	1,8	0,7	0,7
1895	1,2	5,0	16,2	10,3	0,0	6,6	2,8	1,3	1,0
1896	1,9	5,3	15,7	10,9	0,0	7,3	3,1	0,7	1,3
1897	2,2	6,1	13,7	9,2	0,0	5,4	2,5	0,5	0,5
1898	2,2	6,3	7,7	7,4	0,0	6,6	2,6	0,4	1,7
1899	5,2	2,3	5,7	5,7	0,4	11,6	4,1	0,3	1,2
1900	2,1	2,1	5,4	5,1	0,0	6,2	3,1	0,5	1,4

FONTE: Tabelas 9, 10 e 11.

Tabela 9

Valor dos principais produtos da pecuária do RS — 1822-1900

(réis)

ANOS	COUROS CRUS	COUROS CURTIDOS	CHARQUE	CARNE DE PORCO	BANHA	LÃ	OUTROS DERIVADOS	TOTAL
1822	444:368\$960	...	797:183\$520	152:805\$360	1.394:357\$840
1837	957:223\$000	...	234:079\$000	364:389\$634	1.555:691\$634
1838	743:754\$000	...	235:975\$000	459:101\$000	1.438:830\$000
1839	1.716:346\$000	...	649:691\$000	699:432\$462	3.065:469\$462
1840	1.533:151\$000	...	595:932\$000	731:958\$000	2.861:041\$000
1841	2.360:457\$000	...	900:533\$000	931:051\$412	4.192:041\$412
1842	2.543:098\$000	...	1.092:491\$000	583:122\$000	4.218:711\$000
1843	4.032:374\$000	...	1.669:152\$000	1.571:150\$043	7.272:676\$043
1844	4.666:423\$000	...	1.426:552\$000	980:591\$000	7.073:566\$000
1845	3.262:790\$100	...	4.528:442\$300	2.070:706\$844	9.861:939\$244
1846	3.423:910\$660	...	6.378:149\$330	9.802:059\$990
1847	3.135:768\$000	...	6.455:350\$730	9.591:118\$730
1848	3.036:902\$000	...	3.468:431\$666	1.164:909\$818	7.670:243\$484
1849	1.265:013\$330	...	1.338:089\$900	900:827\$797	3.503:931\$027
1850	1.525:642\$660	...	2.775:858\$200	1.042:835\$143	5.344:336\$003
1851	2.428:330\$660	...	3.269:819\$300	1.373:395\$716	7.071:545\$676
1852	1.916:597\$330	...	2.782:822\$300	1.269:195\$802	5.968:615\$432
1853	1.981:534\$660	...	4.521:764\$000	1.665:200\$844	8.168:499\$504
1854	1.823:285\$330	...	4.325:982\$800	1.601:281\$424	7.750:549\$554
1855	3.380:020\$700	...	4.386:895\$160	1.660:488\$431	9.427:404\$291
1856	5.092:010\$013	...	4.874:509\$270	1.489:640\$567	11.456:159\$850
1857	5.501:154\$678	...	5.918:862\$100	1.701:184\$876	13.121:201\$654

(continua)

Tabela 9

Valor dos principais produtos da pecuária do RS — 1822-1900

ANOS	COUROS CRUS	COUROS CURTIDOS	CHARQUE	CARNE DE PORCO	BANHA	LÃ	OUTROS DERIVADOS	TOTAL
1858	3.100:677\$869	...	4.474:373\$500	1.075:061\$096	8.650:112\$465
1859	6.222:598\$992	...	2.662:674\$300	2.103:467\$916	10.988:741\$208
1860	5.910:585\$145	...	5.889:354\$300	1.641:126\$781	13.441:066\$226
1861	5.772:823\$610	...	5.940:415\$200	149:833\$037	...	11.863:071\$847
1862	4.704:839\$585	...	3.546:793\$100	185:214\$322	...	8.436:847\$007
1863	5.214:019\$600	...	3.620:508\$000	270:868\$826	...	9.105:396\$426
1864	5.080:206\$953	...	6.054:735\$300	278:252\$932	...	11.413:195\$185
1865	5.439:041\$561	...	3.826:323\$400	276:299\$158	...	9.541:664\$119
1866	5.358:358\$780	...	977:714\$400	...	8:680\$000	326:980\$200	...	9.671:733\$380
1867	8.782:353\$530	...	6.205:709\$750	...	3:970\$000	594:283\$292	...	15.586:316\$572
1868	8.996:408\$590	...	6.597:739\$700	...	30:729\$700	578:031\$180	3.879:105\$969	20.082:015\$139
1869	8.961:762\$439	...	5.568:102\$100	...	19:932\$000	480:247\$075	...	15.030:043\$614
1870	7.430:374\$361	...	5.556:516\$083	...	71:416\$750	537:979\$996	...	13.596:287\$190
1871	8.721:767\$428	4:044\$000	5.784:343\$015	...	26:425\$740	670:175\$940	2.861:753\$508	18.068:509\$631
1872	9.564:840\$866	7:964\$999	5.416:272\$086	...	24:543\$770	311:575\$132	2.943:589\$208	18.268:786\$061
1873	7.144:919\$472	10:631\$499	4.626:359\$772	...	110:330\$119	306:780\$470	2.067:918\$205	14.266:939\$537
1874	6.844:303\$658	11:723\$663	4.520:562\$750	...	53:986\$621	217:068\$360	1.613:453\$531	13.261:098\$583
1875	5.009:388\$000	10:594 \$333	5.556:453\$108	...	80:944\$980	150:654\$050	2.081:121\$814	12.889:056\$285
1876	5.789:731\$277	11:952\$000	5.902:529\$583	...	87:863\$252	192:648\$700	1.590:388\$446	13.575:113\$258
1877	6.397:444\$911	9:806\$000	7.956:163\$062	...	8:385\$100	147:947\$276	2.342:747\$297	16.862:493\$646
1878	6.409:365\$368	13:216\$000	7.921:372\$268	...	37:055\$170	91:768\$310	2.221:806\$910	16.694:584\$026
1879	7.285:357\$480	82:060\$000	6.786:563\$800	...	48:614\$340	182:927\$800	2.446:559\$673	16.832:083\$093

(continua)

Tabela 9

Valor dos principais produtos da pecuária do RS — 1822-1900

ANOS	COUROS CRUS	COUROS CURTIDOS	CHARQUE	CARNE DE PORCO	BANHA	LÃ	OUTROS DERIVADOS	TOTAL
1880	6.153:401\$146	160:142\$333	7.617:018\$380	...	66:416\$000	216:836\$101	1.984:714\$367	16.198:528\$327
1881	5.775:817\$467	234:520\$992	5.197:576\$630	...	197:017\$674	184:561\$885	2.097:513\$776	13.687:008\$424
1882	6.175:840\$452	103:944\$149	4.781:670\$125	...	303:300\$010	242:043\$320	2.686:910\$468	14.293:708\$524
1883	6.475:289\$685	115:320\$537	5.531:102\$586	...	393:995\$740	286:147\$000	1.538:394\$166	14.340:249\$714
1884	7.366:973\$419	120:216\$100	5.018:435\$090	...	480:682\$110	316:715\$780	1.517:442\$107	14.820:464\$606
1885	6.511:257\$173	169:772\$160	4.917:772\$820	...	585:767\$605	582:373\$030	865:316\$399	13.632:259\$187
1886	5.760:967\$812	195:519\$486	8.297:837\$794	...	563:411\$280	437:287\$340	1.313:718\$890	16.568:742\$602
1887	1.413:742\$600	94:741\$533	1.433:477\$130	...	320:017\$300	47:299\$290	573:852\$057	3.883:129\$910
1888	3.220:539\$780	10:364\$000	4.732:210\$185	...	727:184\$660	210:548\$560	410:897\$872	9.311:745\$057
1889	2.999:031\$566	(1) 22:618\$256	4.765:882\$870	...	2.224:277\$720	195:601\$290	1.196:707\$151	11.404:118\$853
1890	4.238:933\$990	(1) 33:685\$214	5.223:185\$690	...	1.992:729\$991	192:573\$990	1.448:561\$616	13.129:670\$491
1891	4.146:140\$740	44:905\$900	9.039:019\$450	188:950\$000	3.175:312\$215	253:594\$930	2.635:436\$245	19.483:359\$480
1892	7.153:852\$887	63:095\$945	11.813:684\$588	529:206\$750	3.994:329\$206	433:461\$310	1.898:727\$969	25.886:358\$655
1893	6.920:252\$696	315:806\$934	12.353:215\$515	506:212\$920	6.747:054\$540	245:247\$300	2.788:476\$637	29.876:266\$542
1894	5.568:185\$888	(1)158:729\$256	11.633:371\$325	477:975\$470	6.183:932\$710	182:775\$610	3.532:004\$060	27.736:974\$319
1895	8.019:578\$720	(1)231:464\$617	8.265:700\$500	721:975\$230	6.723:192\$820	512:814\$000	2.087:363\$030	26.562:088\$917
1896	9.419:852\$632	(1)336:199\$251	7.107:944\$260	554:229\$030	6.523:570\$020	806:472\$050	2.218:447\$280	22.966:714\$523
1897	9.455:556\$264	(1)486:439\$598	11.496:795\$560	666:942\$340	7.241:053\$130	1.161:426\$200	3.205:835\$774	33.714:048\$866
1898	15.102:222\$390	577:518\$450	16.667:453\$570	512:897\$270	4.831:609\$000	1.380:572\$550	3.962:873\$500	43.035:146\$730
1899	11.568:620\$638	795:797\$950	13.754:486\$250	438:669\$700	3.325:437\$250	2.992:443\$500	1.355:051\$431	34.230:506\$719
1900	11.425:965\$773	774:280\$335	15.002:431\$380	440:513\$400	2.705:895\$430	1.072:557\$850	1.044:942\$930	32.466:587\$098

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

(1) Inclui graxa, sebo, chifres, garras, línguas secas, crinas e couro de cavalo.

Tabela 10

Quantidade e valor dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900

ANOS	FEIJÃO		MILHO		FARINHA DE MANDIOCA		ERVA-MATE		FUMO		BATATA-INGLESA	
	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)
1848	799	4:241\$500	2 969	9:929\$280	62	274\$500	228 660	9:929\$280
1849	369	1:011\$000	389	1:640\$100	90	268\$600	391 575	1:640\$100
1850	11 569	26:270\$400	4 655	7:873\$140	541	797\$000	292 275	7:873\$140
1851	21 554	46:399\$880	17 875	36:390\$980	5 696	11:809\$520	133 455	36:390\$980
1852	3 160	17:927\$500	35 509	94:896\$200	3 160	17:927\$500	199 005	94:896\$200
1853	29 731	128:775\$300	45 627	128:894\$420	2 382	8:874\$000	1 496 775	128:894\$420
1854	17 385	140:840\$800	91 383	212:903\$200	39	225\$000	119 295	14:587\$897
1855	19 359	177:647\$377	40 518	128:706\$000	6 305	25:802\$120	2 464 560	419:866\$759
1856	22 911	214:419\$000	12 837	58:205\$100	8 353	31:187\$750	3 055 440	960:241\$917
1857	34 070	400:229\$000	10 086	52:425\$900	6 006	35:242\$800	3 890 475	1:314:768\$507
1858	56 156	305:078\$000	19 715	85:632\$933	6 713	40:137\$400	3 608 490	1:060:358\$193
1859	58 972	449:905\$650	96 537	346:212\$180	85 357	387:789\$200	3 498 330	905:620\$888
1860	63 757	626:980\$600	51 364	163:439\$400	65 045	223:057\$975	3 510 885	925:170\$183
1861	59 486	409:824\$243	28 679	96:877\$300	15 647	40:654\$300	3 218 055	784:834\$002	3 532	20:420\$125
1862	75 291	182:556\$724	28 500	60:627\$720	30 956	61:816\$190	4 665 885	818:202\$914	330	1:183\$750
1863	40 292	139:918\$800	46 424	103:734\$320	55 552	129:161\$400	2 530 050	419:126\$707	20	403\$500

(continua)

Tabela 10

Quantidade e valor dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900

ANOS	FEIJÃO			MILHO			FARINHA DE MANDIOCA			ERVA-MATE			FUMO			BATATA-INGLESA		
	Quantidade (sacos) (1)	Valor (reais)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (reais)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (reais)	Quantidade (kg)	Valor (reais)	Quantidade (kg)	Valor (reais)	Quantidade (kg)	Valor (reais)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (reais)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (reais)		
1864	31 722	152:570\$100	29 933	64:752\$000	42 356	128:475\$850	4 976 265	787:158\$883	12 469	51:248\$110		
1865	45 011	313:986\$300	25 350	64:116\$600	4 177	17:403\$200	4 060 875	795:750\$800	16 976	68:410\$145		
1866	66 502	312:414\$174	79 436	267:624\$000	44 305	104:829\$440	3 878 700	594:756\$500	27 607	85:025\$862	2 305	2:203\$800		
1867	87 364	396:909\$360	50 305	142:343\$600	96 706	197:749\$600	4 466 265	708:779\$804	19 041	93:509 \$350	2 534	2:195\$400		
1868	81 276	672:294\$050	86 821	223:289\$560	180 207	435:075\$042	2 448 645	443:216\$838	25 303	156:559\$750	1 649	1:780\$400		
1869	57 749	463:454\$100	23 146	77:866\$500	85 946	306:905\$820	3 467 415	584:232\$412	43 491	280:358\$800	2 874	3:084\$000		
1870	77 096	502:290\$856	19 701	52:617\$060	40 127	140:341\$738	3 801 180	885:227\$010	6 324	187:250\$372	8 039	7:625\$456		
1871	59 820	253:160\$064	20 210	83:508\$450	23 679	73:157\$236	1 421 415	656:806\$111	49 860	229:476\$644	7 582	5:469\$422		
1872	61 043	176:108\$048	68 126	180:348\$844	73 805	131:280\$116	3 935 355	746:084\$098	104 807	195:950\$705	1 334	2:017\$110		
1873	56 318	394:301\$542	65 067	169:415\$624	127 159	264:664\$205	2 508 510	443:311\$817	49 743	286:423\$086	1 044	1:172\$363		
1874	81 608	512:042\$310	54 274	148:304\$234	118 136	304:111\$341	3 004 785	559:408\$469	66 890	325:161\$740	1 521	9:433\$680		
1875	128 930	639:469\$024	125 762	256:752\$266	31 943	105:325\$615	1 843 845	300:436\$434	98 257	387:888\$110	1 615	7:046\$363		
1876	112 777	480:455\$950	33 581	72:665\$995	29 502	104:948\$340	1 763 430	269:936\$324	102 315	342:234\$436	3 442	2:140\$510		
1877	123 091	1:156:155\$720	40 086	137:817\$760	235 963	1:275:365\$731	2 712 795	417:781\$995	90 987	347:626\$139	6 081	4:384\$160		

(continua)

Tabela 10

Quantidade e valor dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900

ANOS	FEIJÃO		MILHO		FARINHA DE MANDIOCA			ERVA-MATE		FUMO		BATATA-INGLESA	
	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	
1878	90 638	624:620\$712	34 859	80:884\$640	412 339	1.700:954\$666	1 995 540	334:840\$605	104 460	331:889\$310	2 854	1.854\$700	
1879	156 339	597:841\$878	71 532	126:178\$190	319 784	537:170\$726	1 618 035	291:624\$469	137 012	421:466\$300	8 848	8.279\$480	
1880	99 935	654:187\$467	16 310	25:100\$510	154 432	321:724\$681	1 111 800	191:330\$612	44 914	118:916\$712	2 201	7.157\$400	
1881	182 365	761:048\$334	16 771	31:779\$220	448 520	930:043\$641	1 293 315	218:496\$080	148 080	559:801\$780	1 616	3.920\$500	
1882	312 335	1.096:779\$690	1 335	2.811\$950	204 672	545:256\$270	1 516 335	246:460\$718	120 467	318:603\$395	18 901	2.768\$180	
1883	293 907	1.079:483\$664	20 239	45:134\$160	292 399	478:244\$210	1 321 725	229:310\$069	123 399	309:340\$150	9 191	5.708\$800	
1884	277 193	1.004:782\$300	4 860	7:970\$240	211 133	408:382\$003	790 470	126:907\$690	109 360	286:535\$740	5 700	3.898\$310	
1885	317 029	1.460:253\$080	3 901	7:117\$800	347 267	637:437\$525	591 450	97:793\$510	139 872	313:597\$920	4 625	2.401\$500	
1886	210 317	584:455\$493	403	766\$440	167 032	284:928\$480	659 580	102:880\$889	185 552	522:406\$894	29 674	10.114\$290	
1887	69 402	185:025\$560	8 503	11:790\$520	90 474	151:851\$760	553 035	72:910\$606	153 515	369:255\$700	730	208\$200	
1888	172 661	684:338\$775	26 783	44:407\$720	435 723	548:196\$550	1 249 935	146:903\$588	121 521	274:636\$390	16 378	6.483\$280	
1889	212 542	1.562:219\$970	16 533	43:423\$100	776 335	2.492:220\$910	1 535 205	180:232\$590	179 526	405:000\$740	888	641\$000	
1890	238 696	1.583:097\$801	28 655	59:711\$360	282 213	1.717:410\$210	1 029 285	168:325\$202	150 449	384:492\$730	1 048	957\$700	
1891	367 756	1.995:810\$904	285 690	482:436\$350	379 155	1.375:462\$458	923 250	168:359\$168	96 505	578:464\$123	20 508	15.439\$780	

(continua)

Tabela 10

Quantidade e valor dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900

ANOS	FEIJÃO			MILHO			FARINHA DE MANDIOCA			ERVA-MATE			FUMO			BATATA-INGLESA		
	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)	Quantidade (sacos) (1)	Valor (réis)		
1892	409 517	2.861:833\$160	114 333	350:399\$845	565 670	1.629:934\$215	650 505	166:452\$200	209 318	1.915:192\$260	27 471	35:967\$640						
1893	184 128	2.226:501\$826	6 549	37:748\$760	564 151	2.824:214\$548	691 185	194:424\$470	105 077	812:379\$020	44 487	53:646\$290						
1894	336 847	2.865:733\$570	14 293	50:693\$290	529 052	3.419:144\$900	961 395	299:353\$637	121 216	736:255\$950	23 933	34:029\$650						
1895	600 115	4.257:765\$150	4 517	16:622\$400	377 780	2.755:259\$730	1 892 835	527:540\$730	175 253	1.151:477\$920	40 092	55:932\$350						
1896	350 316	4.527:849\$950	217	1:132\$200	590 763	3.015:748\$375	913 470	291:093\$010	192 096	1.293:406\$850	19 366	25:310\$800						
1897	265 423	4.881:317\$756	420	4:149\$100	768 306	2.881:317\$756	775 485	273:003\$395	192 096	1.308:242\$800	63 041	2:574\$700						
1898	259 848	4.622:376\$160	1 270	5:700\$800	828 734	4.104:737\$190	602 085	238:762\$440	175 995	1.641:576\$790	8 855	23:800\$760						
1899	574 628	3.333:963\$660	8 074	259:423\$100	878 476	6.755:171\$098	450 780	187:865\$520	272 851	2.387:575\$250	32 781	48:961\$460						
1900	279 748	2.553:255\$635	161	1:718\$500	385 672	3.104:002\$610	639 810	270:585\$200	149 076	1.572:512\$660	4 747	11:617\$170						

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL NA ABERTURA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL. Porto Alegre, [s. n.], 1857.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL NA ABERTURA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL EM 6 DE OUTUBRO DE 1953. Porto Alegre, [s. n.], 1853.

(1) Em geral, um saco equivale ao peso de 60kg.

Tabela 11

Quantidade e valor dos principais produtos da lavoura
exportados pelo RS — 1871-900

ANOS	CEBOLA E ALHO		AMENDOIM		CEVADA		LARANJA	
	Quantidade (resteads)	Valor (réis)	Quantidade (litros)	Valor (réis)	Quantidade (litros)	Valor (réis)	Quantidade (cento)	Valor (réis)
1871	240 380	8:050\$180
1872	285 932	44:939\$920	4 787	510\$800	(1)23 498	2:343\$948	5 420	5:049\$100
1873	308 519	49:089\$240	3 696	191\$980	(1) 5 360	990\$960	8 621	6:429\$080
1874	382 711	60:872\$360	2 181	145\$280	(1) 6 478	945\$940	4 853	3:075\$000
1875	578 148	91:883\$520	(1)11 393	618\$490	(1)61 047	5:913\$086	7 036	3:697\$350
1876	454 776	72:370\$590	(1) 3 597	578\$430	(1)16 551	887\$209	8 514	5:147\$000
1877	794 528	106:413\$450	(1) 1 959	473\$680	(1)13 423	1:152\$302	3 975	2:829\$500
1878	733 241	116:808\$060	400	16\$000	(1)29 182	2:980\$480	1 689	1:125\$500
1879	914 034	145:941\$700	17 014	842\$190	29 708	1:298\$050	170	842\$190
1880	1 108 500	176:131\$470	13 077	673\$300	2 612	697\$920	130	673\$300
1881	1 110 740	133:933\$920	55 205	1:374\$950	511	29\$930	552	1:374\$950
1882	909 608	120:241\$120	235 710	7:553\$260	16 520	578\$560	2 357	7:553\$260
1883	902 782	112:093\$896	191 169	5:643\$580	20 245	527\$360	292	291\$000
1884	1 075 922	171:702\$080	336 119	10:529\$748	20 516	1:578\$000	805	630\$000
1885	1 288 155	174:878\$580	456 372	10:255\$360	4 040	227\$000	120	120\$000
1886	1 051 939	158:511\$020	105 220	2:702\$220	6 440	497\$000
1887	363 260	47:054\$000	12 795	580\$000
1888	1 188 386	52:463\$720	118 523	3:137\$420	11 927	596\$350
1889	1 223 324	117:052\$090	209 198	9:014\$580	30 266	434\$290	120	120\$000
1890	916 747	142:947\$160	479 039	17:777\$640	6 127	124\$280	620	368\$000
1891	946 328	293:315\$700	733 424	22:010\$560	81 252	3:538\$100
1892	1 577 084	365:695\$330	7 511 255	40:309\$300	133 158	8:351\$930	300	30\$000
1893	1 365 422	513:259\$500	412 695	17:798\$380	52 831	3:905\$450	4 701	3:307\$050
1894	1 302 198	271:376\$840
1895	1 504 785	397:178\$180
1896	(2)12 564	542:615\$460	1 302 806	44:588\$410	49 010	4:901\$000
1897	(2) 1 402	267:664\$920	626 140	37:395\$550	21 540	2:504\$000	559	6:587\$550
1898	(2) 2 807	1.086:546\$410	624 625	44:948\$900	3 770	598\$800	118	1:305\$500
1899	(2) 4 776	715:916\$190	695 747	98:785\$300	79 210	6:996\$400	1 162	18:100\$000
1900	(2) 3 764	719:644\$475	176 111	25:158\$980	20 065	1:927\$200	4 210	5:918\$000

(continua)

Tabela 11

Quantidade e valor dos principais produtos da lavoura
exportados pelo RS — 1871-900

ANOS	ERVILHA		TOMATE		ALPISTE	
	Quantidade (litros)	Valor (réis)	Quantidade (cestos)	Valor (réis)	Quantidade (kg)	Valor (réis)
1871
1872	290	...	1 783	137\$780
1873	698	...	272	443\$860
1874	294	...	915	783\$040
1875	1 527	...	538
1876	2 866	...	613
1877	2 864
1878	2 041	...	1 059	...	4 470	1:342\$000
1879	10 290	...	2 725
1880	1 955	...	3 495	...	36	10\$800
1881	11 452	...	1 031	...	5 468	1:332\$196
1882	1 412	...	58 360	...	13 558	3:691\$271
1883	3 621	...	148 000	...	1 818	454\$500
1884	156 950	...	2 047
1885	206 777	...	1 403
1886	3 097	...	67 953	...	1 500	540\$000
1887	8 480	541\$040	192	317\$000	6 150	1:845\$000
1888	12 575	1:118\$740	15 109	7:311\$800
1889	272 122	26:902\$820	3 856	4:115\$500	1 570	26\$000
1890	168 638	22:271\$840	5 992	6:584\$500
1891	351 721	27:838\$920	11 469	2:297\$800
1892	643 695	94:266\$500	5 381	9:842\$500	113 852	34:324\$900
1893	531 810	59:405\$740	876	...	31 020	13:144\$000
1894	653 386	72:690\$930
1895	567 045	53:902\$100
1896	167 780	26:668\$800	(2)435 510	26:198\$000	52 957	14:742\$325
1897	251 680	65:325\$800	(2)250 181	37:039\$110	10 969	4:096\$000
1898	292 735	68:081\$600	(2) 57 349	17:487\$700	10 845	4:853\$000
1899	145 850	13:604\$800	(2)379 005	68:603\$200	26 520	12:626\$000
1900	23 490	3:777\$150	(2)359 090	40:077\$520	34 628	13:645\$200

FONTE: BALANÇO DEFINITIVO DA RECEITA E DESPESA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
1870/1900 Porto Alegre: Secretaria da Fazenda, 1870/1901.

(1) Quilogramas. (2) Toneladas.

Tabela 12

Quantidade e valor das exportações de vinho e madeira do RS — 1861-920

ANOS	VINHO		TÁBUAS		TORAS		MOIRÕES, LINHAS, CAIBROS E OUTROS
	Quantidade (litros)	Valor (réis)	Quantidade (dz)	Valor (réis)	Número	Valor (réis)	Valor (réis)
1861	936	15:940\$800	648	6:113\$500	6:503\$263
1862	817	16:369\$310	31	\$186	4:079\$831
1863	1 881	17:160\$290	65	\$323	5:181\$500
1864	1 032	17:144\$823	51	\$204	6:918\$666
1865	1 109	24:444\$582	75	349\$680	7:465\$166
1866	1 503	26:633\$497	208	\$989	17:654\$900
1867	1 375	36:076\$320	1 137	2\$669	26:329\$994
1868	1 535	41:797\$416	933	3:246\$300	41:585\$431
1869	6 231	35:795\$750	427	1\$516	5:409\$500
1870	762	25:381\$540	1:798\$000
1871	1 673	53:189\$672	37	\$582	6:997\$926
1872	100	35\$000	2 660	83:562\$697	15:024\$584
1873	987	792\$280	2 133	60:308\$896	12	\$024	16:783\$230
1874	480	138\$820	1 081	26:293\$740	335	2\$625	9:348\$905
1875	471	121\$500	180	5:533\$300	12	159\$500	2:299\$560
1876	4 480	1:188\$500	683	13:768\$480	200	\$634	5:303\$500
1877	16 454	5:875\$000	799	18:712\$380	144	\$160	7:381\$590
1878	29 500	8:570\$840	694	15:490\$558	5:686\$000
1879	58 400	16:608\$940	443	9:855\$680	5 777	6:313\$600	15:404\$380
1880	63 160	10:708\$000	683	16:715\$669	704	81\$140	8:406\$967
1881	23 848	3:826\$547	737	18:828\$366	13:492\$495
1882	41 626	8:358\$000	435	11:131\$467	4	40\$000	15:406\$750
1883	42 104	8:478\$000	713	19:148\$707	9:135\$600
1884	71 084	13:412\$560	688	16:456\$400	10:076\$980
1885	160 806	30:921\$440	523	12:440\$802	76	\$200	14:358\$570
1886	80 061	15:050\$360	58	586\$000	4:370\$123
1887	101 866	15:617\$500	15	301\$000	1:984\$000
1888	203	3:847\$500	2:872\$400
1889	418	8:290\$236	2	1\$170	5:608\$433
1890	512	11:144\$550	9	\$018	7:597\$372
1891	44 964	7:722\$800	419	20:178\$826	200	428\$500	6:709\$630

(continua)

Tabela 12

Quantidade e valor das exportações de vinho e madeira do RS — 1861-920

ANOS	VINHO		TÁBUAS		TORAS		MOIRÕES, LINHAS, CAIBROS E OUTROS
	Quantidade (litros)	Valor (réis)	Quantidade (dz)	Valor (réis)	Número	Valor (réis)	Valor (réis)
1892	109 376	32:236\$900	377	10:067\$877	4:070\$666
1893	120 985	51:173\$680	41	2:075\$265	549\$800
1894	99 064	24:417\$140	274	8:934\$000	956\$000
1895	40 613	16:206\$800	344	11:855\$000	1:513\$000
1896	103 718	40:452\$000	209	7:826\$665	89	445\$000	7:778\$900
1897	138 206	59:234\$420	187	6:380\$000	3	\$024	11:862\$083
1898	195 945	97:722\$000	304	16:130\$370	12	\$096	23:833\$660
1899	185 938	47:418\$300	414	21:117\$000	17	\$256	104:458\$900
1900	187 096	92:351\$900	404	20:032\$214	48:208\$069
1901	200 926	110:674\$000	494	17:329\$666	15 924	9\$654	84:664\$300
1902	288 265	85:791\$400	322	12:386\$666	710	\$610	51:294\$600
1903	494 295	149:982\$840	346	13:215\$700	259	2\$718	45:681\$100
1904	875 383	266:465\$300	269	9:016\$799	66	1\$032	55:803\$800
1905	2 092 417	482:068\$900	419	15:126\$199	12 767	6\$376	95:127\$400
1906	2 984 345	599:119\$100	470	16:370\$033	26	\$162	100:625\$930
1907	2 890 579	578:447\$400	1 163	18:177\$780	4 500	\$556	60:082\$100
1908	3 556 853	718:698\$600	13 579	20:039\$460	4 170	\$464	63:596\$100
1909	3 190 182	638:992\$980	9 274	17:509\$800	877 428	11\$035	57:242\$210
1910	3 552 723	746:649\$440	6 824	15:938\$666	2 860	\$476	52:625\$600
1911	6 141 825	1.311:037\$050	20 819	27:089\$980	3 770	\$346	84:320\$600
1912	7 329 820	1.666:189\$670	43 017	65:393\$134	265 200	4:307\$500	141:853\$000
1913	4 615 891	1.163:583\$110	363:993\$611
1914	5 309 952	1.114:575\$380	6 335	6:091\$600	97:148\$844
1915	5 640 855	1.125:161\$580	128 868	131:686\$000	3 500	\$325	59:699\$600
1916	7 962 992	2.777:938\$910	1 044 638	687:101\$730	216:772\$930
1917	14 200 767	3.901:307\$500	797 797	812:296\$596	252:947\$340
1918	13 284 738	3.936:961\$905
1919	7 792 098	3.313:137\$710
1920	2 987 140	1.309:521\$850

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 13

Preços médios dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900

ANOS	FEIJÃO (réis/saco)	MILHO (réis/saco)	BATATA- -INGLESA (réis/saco)	FARINHA DE MANDIOCA (réis/saco)	FUMO (réis/kg)	ERVA-MATE (réis/kg)
1848	5\$308	3\$344	...	4\$427	...	\$043
1849	2\$739	4\$216	...	2\$984	...	\$004
1850	2\$271	1\$691	...	1\$473	...	\$027
1851	2\$153	2\$036	...	2\$073	...	\$273
1852	5\$673	2\$672	...	5\$673	...	\$477
1853	4\$331	2\$825	...	3\$725	...	\$086
1854	8\$101	2\$329	...	5\$769	...	\$122
1855	9\$176	3\$176	...	4\$092	...	\$170
1856	9\$359	4\$534	...	3\$734	...	\$314
1857	11\$747	5\$198	...	5\$868	...	\$338
1858	5\$433	4\$344	...	5\$979	...	\$294
1859	7\$629	3\$586	...	4\$543	...	\$259
1860	9\$834	3\$182	...	3\$429	...	\$264
1861	6\$889	3\$378	...	2\$598	5\$781	\$244
1862	2\$425	2\$127	...	1\$997	3\$587	\$175
1863	3\$473	2\$234	...	2\$325	20\$175	\$166
1864	4\$810	2\$163	...	3\$033	4\$110	\$158
1865	6\$976	2\$529	...	4\$166	4\$030	\$196
1866	4\$698	3\$369	\$956	2\$366	3\$080	\$153
1867	4\$543	2\$830	\$866	2\$045	4\$911	\$159
1868	8\$272	2\$572	1\$080	2\$414	6\$187	\$181
1869	8\$025	3\$364	1\$073	3\$571	6\$446	\$168
1870	6\$515	2\$671	\$949	3\$497	29\$609	\$233
1871	4\$232	4\$132	\$721	3\$090	4\$602	\$462
1872	2\$885	2\$647	1\$512	1\$779	1\$870	\$190
1873	7\$001	2\$604	1\$123	2\$081	5\$758	\$177
1874	6\$274	2\$733	6\$202	2\$574	4\$861	\$186

(continua)

Tabela 13

Preços médios dos principais produtos agrícolas exportados pelo RS — 1848-900

ANOS	FEIJÃO (réis/saco)	MILHO (réis/saco)	BATATA- -INGLESA (réis/saco)	FARINHA DE MANDIOCA (réis/saco)	FUMO (réis/kg)	ERVA-MATE (réis/kg)
1875	4\$960	2\$042	4\$363	3\$297	3\$948	\$163
1876	4\$260	2\$164	\$622	3\$557	3\$345	\$153
1877	9\$393	3\$438	\$721	5\$405	3\$821	\$154
1878	6\$891	2\$320	\$650	4\$125	3\$177	\$168
1879	3\$824	1\$764	\$936	1\$680	3\$076	\$180
1880	6\$546	1\$539	3\$252	2\$083	2\$648	\$172
1881	4\$173	1\$902	2\$426	2\$074	3\$780	\$169
1882	3\$512	2\$106	\$676	2\$664	2\$645	\$163
1883	3\$673	2\$230	\$621	1\$636	2\$507	\$173
1884	3\$625	1\$640	\$684	1\$934	2\$620	\$161
1885	4\$606	1\$825	\$519	1\$836	2\$242	\$165
1886	2\$779	1\$902	\$341	1\$706	2\$815	\$156
1887	2\$666	1\$387	\$285	1\$678	2\$405	\$132
1888	3\$963	1\$658	\$396	1\$528	2\$260	\$118
1889	7\$350	2\$626	\$722	3\$210	2\$256	\$117
1890	6\$632	2\$084	\$914	6\$086	2\$556	\$164
1891	5\$427	1\$689	\$753	3\$628	5\$994	\$182
1892	6\$988	3\$065	1\$309	2\$881	9\$149	\$256
1893	12\$092	5\$764	1\$206	5\$006	7\$731	\$281
1894	8\$507	3\$547	1\$422	6\$463	6\$074	\$311
1895	7\$095	3\$680	1\$395	7\$293	6\$570	\$279
1896	12\$925	5\$217	1\$307	5\$105	6\$733	\$318
1897	18\$391	9\$879	\$041	3\$750	6\$810	\$352
1898	17\$789	4\$489	2\$688	4\$953	9\$327	\$396
1899	5\$802	32\$131	1\$493	7\$689	8\$750	\$417
1900	9\$127	10\$674	2\$447	8\$048	10\$548	\$423

FONTE: Tabela 10.

Tabela 14

Quantidade, valor e preço médio da exportação de charque
e Imposto de Exportação do RS — 1822-1900

ANOS	EXPORTAÇÃO DE CHARQUE		PREÇO MÉDIO (réis/t)	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (réis)
	Quantidade (t)	Valor (réis)		
1822	10 677	797\$183	74\$664	...
1837	2 601	234\$079	89\$996	...
1838	2 360	235\$975	99\$989	...
1839	6 497	649\$691	99\$999	...
1840	5 959	595\$932	100\$005	...
1841	8 187	900\$533	109\$995	...
1842	9 932	1:092\$491	109\$997	...
1843	13 910	1:669\$152	119\$997	...
1844	11 888	1:426\$552	119\$999	...
1845	33 963	4:528\$442	133\$335	135\$853
1846	14 496	6:378\$149	439\$994	191\$344
1847	14 671	6:455\$351	440\$008	193\$660
1848	13 138	3:468\$432	264\$000	104\$052
1849	6 318	1:338\$090	211\$790	50\$042
1850	10 515	2:775\$858	263\$990	83\$275
1851	12 386	3:269\$819	263\$993	98\$094
1852	10 541	2:782\$822	264\$000	83\$484
1853	17 128	4:521\$764	263\$998	135\$652
1854	16 387	4:325\$983	263\$989	129\$779
1855	16 617	4:386\$895	264\$000	131\$606
1856	18 436	4:874\$509	264\$402	146\$353
1857	21 930	5:918\$862	269\$898	180\$312
1858	14 559	4:474\$373	307\$327	133\$602
1859	25 433	2:662\$674	104\$694	79\$880
1860	22 808	5:889\$354	258\$214	58\$893
1861	29 956	5:940\$415	198\$305	59\$404
1862	28 341	3:546\$793	125\$147	106\$403
1863	30 171	3:620\$508	120\$000	108\$615
1864	35 952	6:054\$735	168\$412	181\$642
1865	31 518	3:826\$323	121\$401	114\$789
1866	32 532	3:977\$714	122\$271	119\$331
1867	33 315	6:205\$710	186\$274	186\$171
1868	43 748	6:597\$740	150\$812	197\$932

(continua)

Tabela 14

Quantidade, valor e preço médio da exportação de charque
e Imposto de Exportação do RS — 1822-1900

ANOS	EXPORTAÇÃO DE CHARQUE		PREÇO MÉDIO (réis/t)	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (réis)
	Quantidade (t)	Valor (réis)		
1869	21 406	5:568\$102	260\$119	167\$043
1870	27 190	5:556\$516	204\$359	166\$695
1871	16 394	5:784\$343	352\$833	173\$530
1872	33 513	5:416\$272	161\$617	162\$488
1873	30 087	4:626\$360	153\$766	138\$790
1874	22 491	4:520\$563	200\$994	135\$616
1875	25 937	5:556\$433	214\$228	166\$693
1876	23 847	5:902\$529	247\$517	177\$065
1877	29 734	7:956\$163	267\$578	238\$684
1878	28 005	7:921\$372	282\$856	237\$641
1879	23 709	6:786\$564	286\$244	203\$596
1880	24 575	7:617\$018	309\$950	228\$510
1881	16 818	5:197\$577	309\$048	155\$927
1882	19 130	4:781\$670	249\$957	143\$450
1883	22 925	5:531\$102	241\$269	165\$933
1884	22 644	5:018\$435	221\$623	150\$553
1885	24 221	4:917\$773	203\$038	147\$533
1886	22 659	8:297\$638	366\$196	248\$935
1887	6 534	1:433\$477	219\$387	43\$004
1888	27 670	4:732\$210	171\$023	141\$966
1889	25 660	4:765\$883	185\$732	142\$976
1890	26 000	5:223\$186	200\$892	156\$695
1891	33 936	9:039\$019	266\$355	271\$170
1892	35 707	11:813\$685	330\$851	354\$410
1893	32 325	12:353\$215	382\$157	370\$596
1894	28 382	11:633\$371	409\$886	349\$111
1895	21 709	8:265\$700	380\$750	247\$971
1896	18 794	7:107\$944	378\$203	213\$238
1897	25 464	11:496\$795	451\$492	344\$903
1898	28 544	16:667\$453	583\$921	500\$023
1899	20 314	13:754\$486	677\$094	412\$634
1900	21 462	15:002\$431	699\$023	450\$072

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 15

Número, valor, preço médio e Imposto de Exportação
de couros crus do RS — 1822-1900

ANOS	EXPORTAÇÃO DE COUROS CRUS		PREÇO MÉDIO (réis)	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (réis)
	Número	Valor (réis)		
1822	...	444:386\$960	2\$240	..
1837	...	957:223\$000
1838	...	743:754\$000
1839	...	1.716:346\$000
1840	...	1.533:151\$000
1841	...	2.360:457\$000
1842	...	2.543:098\$000
1843	...	4.032:374\$000
1844	...	4.666:423\$000
1845	815 687	3.262:790\$100	4\$000	97:883\$703
1846	1 283 966	3.423:910\$660	2\$667	102:717\$320
1847	1 175 913	3.135:768\$000	2\$667	94:073\$040
1848	1 138 842	3.036:902\$000	2\$667	91:107\$360
1849	474 380	1.265:013\$330	2\$667	37:950\$400
1850	910 624	1.525:642\$660	1\$675	45:769\$280
1851	910 624	2.428:330\$660	2\$667	72:849\$920
1852	718 724	1.916:597\$330	2\$667	57:497\$920
1853	743 075	1.981:534\$660	2\$667	59:446\$040
1854	683 732	1.823:285\$330	2\$667	54:698\$560
1855	1 436 257	3.380:020\$700	2\$353	114:900\$000
1856	677 356	5.092:010\$013	7\$517	152:760\$300
1857	576 134	5.501:154\$678	9\$548	165:034\$640
1858	510 361	3.100:677\$869	6\$075	93:020\$336
1859	747 271	6.222:598\$992	8\$327	198:677\$969
1860	739 253	5.910:585\$145	7\$995	177:317\$554
1861	909 813	5.772:823\$610	6\$345	173:184\$708
1862	918 535	4.704:839\$585	5\$122	141:131\$687
1863	641 567	5.214:019\$600	8\$127	156:420\$588
1864	1 029 276	5.080:206\$953	4\$936	152:406\$208
1865	1 128 964	5.439:041\$561	4\$817	163:171\$246
1866	1 035 693	5.358:358\$780	5\$174	160:750\$763
1867	1 072 953	8.782:353\$530	8\$185	263:470\$605
1868	1 201 363	8.996:408\$590	7\$488	269:892\$257

(continua)

Tabela 15

Número, valor, preço médio e Imposto de Exportação
de couros crus do RS — 1822-1900

ANOS	EXPORTAÇÃO DE COUROS CRUS		PREÇO MÉDIO (réis)	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (réis)
	Número	Valor (réis)		
1869	1 238 680	8.961:762\$439	7\$235	268:852\$873
1870	1 063 472	7.430:374\$361	6\$987	222:911\$230
1871	1 109 773	8.721:767\$428	7\$859	261:653\$022
1872	1 177 936	9.564:840\$866	8\$120	286:945\$226
1873	973 376	7.144:919\$472	7\$340	214:347\$584
1874	980 543	6.844:303\$658	6\$980	205:329\$109
1875	927 542	5.009:288\$000	5\$401	150:278\$640
1876	991 942	5.789:731\$277	5\$837	173:691\$938
1877	1 032 239	6.397:444\$911	6\$197	191:923\$347
1878	1 012 227	6.409:365\$368	6\$332	192:277\$961
1879	1 174 944	7.285:357\$480	6\$201	254:988\$511
1880	875 283	6.153:401\$146	7\$030	215:369\$040
1881	730 235	5.775:817\$467	7\$909	202:153\$611
1882	1 740 301	6.175:840\$452	3\$548	216:154\$415
1883	1 734 082	6.475:289\$685	3\$734	226:635\$138
1884	2 539 482	7.366:973\$419	2\$901	257:854\$069
1885	1 462 560	6.511:257\$173	4\$452	227:894\$001
1886	1 464 964	5.760:967\$812	3\$932	201:633\$873
1887	422 764	1.413:742\$600	3\$344	49:480\$991
1888	1 280 228	3.220:539\$780	2\$515	112:718\$882
1889	2 466 267	2.999:031\$566	1\$216	104:966\$104
1890	1 199 808	4.238:933\$990	3\$533	148:361\$689
1891	1 908 390	4.146:140\$740	2\$173	145:114\$925
1892	1 246 996	7.153:852\$887	5\$737	250:384\$851
1893	1 189 597	6.920:252\$696	5\$817	242:208\$844
1894	2 425 123	5.568:185\$888	2\$296	194:886\$506
1895	2 519 209	8.019:578\$720	3\$183	280:685\$255
1896	1 654 896	5.419:852\$632	3\$275	189:684\$842
1897	1 095 049	9.455:556\$264	8\$635	330:944\$469
1898	1 420 715	15.102:222\$390	10\$630	528:577\$783
1899	1 049 224	11.568:620\$638	11\$026	404:901\$722
1900	890 638	11.425:965\$773	12\$829	399:908\$802

FONTES: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 16

Número, valor e preço médio da exportação de
couros curtidos do RS — 1871-900

ANOS	EXPORTAÇÃO DE COUROS CURTIDOS		PREÇO MÉDIO (réis)
	Número	Valor (réis)	
1871	2 900	4:044\$000	1\$394
1872	4 190	7:964\$999	1\$901
1873	6 757	10:631\$499	1\$573
1874	6 554	11:723\$663	1\$789
1875	3 477	10:594\$333	3\$047
1876	5 285	11:952\$000	2\$261
1877	1 221	9:806\$000	8\$031
1878	9 098	13:216\$000	1\$453
1879	18 603	82:060\$000	4\$411
1880	22 309	160:142\$333	7\$178
1881	31 227	234:520\$992	7\$510
1882	32 579	103:944\$149	3\$191
1883	32 269	115:320\$537	3\$574
1884	34 367	120:216\$100	3\$498
1885	46 715	169:772\$160	3\$634
1886	57 373	195:519\$486	3\$408
1887	23 820	94:741\$533	3\$977
1888	2 723	10:364\$000	3\$806
1889
1890
1891	88 076	44:905\$900	\$510
1892	88 815	63:095\$945	\$716
1893	40 709	315:806\$934	7\$758
1894
1895
1896	276 901	2.766:771\$710	9\$992
1897	300 364	3.104:990\$020	10\$337
1898	28 839	577:518\$450	20\$026
1899	83 342	795:797\$950	9\$549
1900	11 833	774:280\$335	65\$434

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8,
dez. 1922.

Tabela 17

Quantidade, valor e preço médio da exportação
de lã do RS — 1861-900

ANOS	EXPORTAÇÃO DE LÃ (1)		PREÇO MÉDIO (réis/arroba)
	Quantidade (arroba) (2)	Valor (réis)	
1861	28 782	149:833\$037	5\$210
1862	33 814	185:214\$322	5\$480
1863	44 789	270:868\$826	6\$050
1864	88 787	278:252\$932	3\$130
1865	47 468	276:299\$158	5\$820
1866	56 046	326:980\$200	5\$830
1867	58 005	594:283\$292	10\$240
1868	85 447	578:031\$180	6\$760
1869	63 808	480:247\$075	7\$530
1870	65 448	537:979\$996	8\$220
1871	128 081	670:175\$940	5\$230
1872	41 592	311:575\$132	7\$490
1873	53 313	306:780\$470	5\$750
1874	39 729	217:068\$360	5\$460
1875	27 414	150:654\$050	5\$500
1876	34 997	192:648\$700	5\$500
1877	28 520	147:947\$276	5\$190
1878	59 471	91:768\$310	1\$540
1879	34 039	182:927\$800	5\$370
1880	30 717	216:836\$101	5\$060
1881	21 477	184:561\$885	8\$590
1882	37 145	242:043\$320	6\$520
1883	49 688	286:147\$000	5\$760
1884	46 916	316:715\$780	6\$750
1885	98 932	582:373\$030	5\$890
1886	80 984	437:287\$340	5\$400
1887	8 797	47:299\$290	5\$380
1888	93 509	210:548\$560	2\$250
1889	48 411	195:601\$290	4\$040
1890	30 968	192:573\$990	6\$220
1891	36 662	253:594\$930	6\$925
1892	45 145	433:461\$310	9\$601
1893	25 848	245:247\$300	9\$488
1894	20 703	182:775\$610	8\$828
1895	50 193	512:814\$000	10\$217
1896	106 964	806:472\$050	7\$539
1897	88 004	1.161:426\$200	13\$197
1898	99 964	1.380:572\$550	13\$811
1899	144 098	2.992:443\$500	20\$766
1900	46 514	1.072:557\$850	23\$059

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

(1) A exportação é baixa em relação à produção interna, devido ao fato de grande parte ser consumida pelas fábricas de tecidos, e outra parte ser contrabandeada. (2) Uma arroba é igual a 15kg.

Tabela 18

Quantidade, valor e preço médio da exportação
de banha do RS — 1866-900

ANOS	EXPORTAÇÃO DE BANHA		PREÇO MÉDIO (réis/arroba)
	Quantidade (arroba) (1)	Valor (réis)	
1866	868	8:680\$000	10\$000
1867	402	3:970\$000	9\$876
1868	3 692	30:729\$700	8\$323
1869	2 077	19:932\$000	9\$597
1870	7 048	71:416\$750	10\$133
1871	2 618	26:425\$740	10\$094
1872	5 848	24:543\$770	4\$197
1873	11 493	110:330\$119	9\$600
1874	5 644	53:986\$621	9\$565
1875	9 544	80:944\$980	8\$481
1876	10 661	87:863\$252	8\$242
1877	805	8:385\$100	10\$416
1878	4 524	37:055\$170	8\$191
1879	6 886	48:614\$340	7\$060
1880	12 561	66:416\$000	5\$287
1881	28 167	197:017\$674	6\$995
1882	30 647	303:300\$010	9\$897
1883	41 712	393:995\$740	9\$446
1884	65 031	480:682\$110	7\$392
1885	84 454	585:767\$605	6\$936
1886	93 550	563:411\$280	6\$023
1887	49 546	320:017\$300	6\$459
1888	139 130	727:184\$660	5\$227
1889	224 885	2.224:277\$720	9\$891
1890	183 724	1.992:729\$991	10\$846
1891	435 122	3.175:312\$215	7\$298
1892	464 738	3.994:329\$206	8\$595
1893	756 844	6.747:054\$540	8\$915
1894	326 197	6.183:932\$710	18\$958
1895	508 980	6.723:192\$820	13\$209
1896	556 175	6.523:570\$020	11\$729
1897	444 659	7.241:053\$130	16\$285
1898	251 707	4.831:609\$000	19\$195
1899	79 012	3.325:437\$250	42\$088
1900	250 235	2.705:895\$430	10\$813

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

(1) Uma arroba é igual a 15kg.

Tabela 19

Número de cabeças de gado vacum, equino
e muar exportadas pelo RS — 1845-900

ANOS	NÚMERO DE CABEÇAS DE GADO	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (réis) (1)	ANOS	NÚMERO DE CABEÇAS DE GADO	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (réis) (1)
1845	27 973	11:189\$520	1873	18 641	18:649\$400
1846	22 820	9:128\$000	1874	27 645	27:645\$000
1847	2 811	11:246\$000	1875	39 987	39:987\$200
1848	30 010	12:004\$000	1876	60 000	60:000\$000
1849	10 060	4:024\$000	1877	50 000	50:000\$000
1850	30 505	12:202\$000	1878	50 000	50:000\$000
1851	36 247	14:498\$800	1879	31 322	31:322\$000
1852	31 954	12:781\$600	1880	40 660	40:660\$000
1853	51 460	20:664\$200	1881	50 655	50:655\$000
1854	58 354	23:341\$600	1882	45 000	45:000\$000
1855	59 254	23:701\$800	1883	45 000	45:000\$000
1856	72 278	28:911\$200	1884	51 337	51:337\$000
1857	40 029	33:623\$600	1885	29 617	29:617\$000
1858	53 698	48:328\$200	1886	29 944	29:944\$000
1859	8 989	7:191\$200	1887	19 189	19:189\$000
1860	50 972	45:874\$800	1888	30 693	30:693\$000
1861	41 908	37:717\$800	1889	21 964	21:964\$000
1862	21 472	19:324\$600	1890	21 942	21:942\$000
1863	33 477	30:128\$800	1891	27 658	27:658\$000
1864	44 176	39:758\$800	1892	34 897	39:897\$400
1865	21 800	19:620\$000	1893	12 754	38:263\$880
1866	27 123	24:411\$400	1894	7 596	22:790\$000
1867	37 278	33:550\$200	1895	17 844	53:534\$000
1868	57 072	51:364\$600	1896	31 835	95:505\$000
1869	22 727	25:000\$000	1897	37 184	111:552\$500
1870	54 545	60:000\$000	1898	43 067	129:202\$800
1871	68 181	75:000\$000	1899	29 549	88:647\$300
1872	60 206	60:206\$000	1900	16 896	50:690\$540

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

(1) Imposto instituído pelo Marquês do Pombal, em 1845, para o desenvolvimento do ensino público.

Tabela 20

Valor das exportações para o Exterior, segundo o destino,
do RS — 1854-1866

(1 000 réis)

DESTINO	1854/55	1863/64	1864/65	1865/66
Grã-Bretanha	893:000\$	3.135:000\$	3.944:000\$	3.261:000\$
Estados Unidos	1.929:000\$	1.466:000\$	836:000\$	2.092:000\$
França	49:000\$	636:000\$	772:000\$	735:000\$
Portugal	225:000\$	548:000\$	491:000\$	426:000\$
Espanha	154:000\$	461:000\$	216:000\$	177:000\$
Cidades hanseáticas	147:000\$	145:000\$	50:000\$	89:000\$
Itália e Áustria	44:000\$	82:000\$	29:000\$	25:000\$
Repúblicas do Prata	220:000\$	136:000\$	500:000\$	451:000\$
Suécia e Bélgica	119:000\$	132:000\$	60:000\$	12:000\$
Rússia e Turquia	171:000\$	50:000\$...	231:000\$
Diversos países	94:000\$	130:000\$
TOTAL	4.045:000\$	6.921:000\$	6.898:000\$	7.499:000\$

FONTE: CAMARGO, Antonio Eleuthério. **Quadro estatístico e geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: [s. n.], 1868. p. 102.

Tabela 21

Valor das exportações por cabotagem, segundo o destino, do RS — 1863/66

(1 000 réis)

DESTINO	1863/64			1864/65		
	Brasil	Exterior	Total	Brasil	Exterior	Total
Santa Catarina	71:000\$...	71:000\$	53:000\$...	53:000\$
Paraná	16:000\$...	16:000\$	19:000\$...	19:000\$
Rio de Janeiro	2.489:000\$	96:000\$	2.585:000\$	3.217:000\$	41:000\$	3.258:000\$
Bahia	1.849:000\$	2:000\$	1.851:000\$	3.100:000\$...	3.100:000\$
Sergipe e Alagoas	10:000\$...	10:000\$
Pernambuco	1.843:000\$	4:000\$	1.847:000\$	4.926:000\$...	4.926:000\$
TOTAL	6.268:000\$	102:000\$	6.370:000\$	11.325:000\$	41:000\$	11.366:000\$

(continua)

Tabela 21

Valor das exportações por cabotagem, segundo o destino, do RS — 1863/66

(1 000 réis)

DESTINO	1865/66		
	Brasil	Exterior	Total
Santa Catarina	43:000\$...	43:000\$
Paraná	26:000\$	6:000\$	32:000\$
Rio de Janeiro	1.566:000\$	41:000\$	1.607:000\$
Bahia	2.117:000\$...	2.117:000\$
Sergipe e Alagoas	...	11:000\$	11:000\$
Pernambuco	3.005:000\$	1:000\$	3.006:000\$
TOTAL	6.757:000\$	59:000\$	6.816:000\$

FONTE: CAMARGO, Antonio Eleuthério. **Quadro estatístico e geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: [s. n.], 1868. p. 103.

NOTA: Na fonte original, os dados aparecem como comércio de cabotagem, mas não fica claro se as exportações para o Exterior foram realizadas através de outros centros ou se foi considerado o transporte marítimo em geral. Considerando suas diferenças em relação aos totais expressos na tabela, a primeira hipótese parece ser a correta.

Tabela 22

Valor das importações por cabotagem, segundo a origem, do RS — 1863/66

(1 000 réis)

ORIGEM	1863/64		
	Brasil	Exterior	Total
Santa Catarina	35:000\$	9:000\$	44:000\$
Paraná e Alagoas	5:000\$...	5:000\$
Rio de Janeiro	947:000\$	1.757:000\$	2.704:000\$
Sergipe	26:000\$...	26:000\$
Bahia	610:000\$	66:000\$	676:000\$
Pernambuco	955:000\$	107:000\$	1.602:000\$
TOTAL	2.578:000\$	1.939:000\$	4.517:000\$

ORIGEM	1864/65		
	Brasil	Exterior	Total
Santa Catarina	130:000\$...	130:000\$
Paraná e Alagoas	4:000\$...	4:000\$
Rio de Janeiro	1.533:000\$	1.842:000\$	3.375:000\$
Sergipe	30:000\$...	30:000\$
Bahia	929:000\$	57:000\$	986:000\$
Pernambuco	1.115:000\$	130:000\$	1.245:000\$
TOTAL	3.741:000\$	2.029:000\$	5.770:000\$

(continua)

Tabela 22

Valor das importações por cabotagem, segundo a origem, do RS — 1863/66

(1 000 réis)

ORIGEM	1865/66		Total
	Brasil	Exterior	
Santa Catarina	19:000\$	2:000\$	21:000\$
Paraná e Alagoas	31:000\$...	31:000\$
Rio de Janeiro	1.660:000\$	2.526:000\$	4.186:000\$
Sergipe	25:000\$...	25:000\$
Bahia	770:000\$	84:000\$	854:000\$
Pernambuco	1.347:000\$	37:000\$	1.384:000\$
TOTAL	3.852:000\$	2.649:000\$	6.501:000\$

FONTE: CAMARGO, Antonio Eleuthério. **Quadro estatístico e geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: [s. n.], 1868. p. 103.

Tabela 23

Valor das importações do Exterior, segundo a origem, do RS — 1854-1866

(1 000 réis)

ORIGEM	1854/55	1863/64	1864/65	1865/66
Grã-Bretanha	1.027:000\$	1.182:000\$	2.423:000\$	1.913:000\$
Estados Unidos	717:000\$	481:000\$	399:000\$	474:000\$
França	162:000\$	393:000\$	879:000\$	417:000\$
Portugal	264:000\$	352:000\$	307:000\$	365:000\$
Cidades hanseáticas	749:000\$	1.016:000\$	1.402:000\$	1.828:000\$
Itália e Áustria	43:000\$	138:000\$	120:000\$	107:000\$
Repúblicas do Prata	363:000\$	191:000\$	504:000\$	309:000\$
Suécia e Bélgica	146:000\$	229:000\$	314:000\$	240:000\$
Rússia e Turquia
Diversos países	7:000\$	225:000\$	43:000\$...
TOTAL	3.597:000\$	4.730:000\$	6.734:000\$	6.048:000\$

FONTE: CAMARGO, Antonio Eleuthério. **Quadro estatístico e geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: [s. n.], 1868. p. 103.

Tabela 24

Valor dos principais produtos importados pelo RS — 1858-59

		(réis)	
PRODUTOS	VALOR	PRODUTOS	VALOR
Armas brancas de fogo	14:190\$017	Genebra	17:127\$980
Arroz sem casca	31:302\$200	Jóias de ouro	11:803\$000
Azeite de oliva	41:009\$330	Lenços de seda, algodão e ca-	
Baetas	120:415\$278	misetas	48:430\$424
Baetilhas e flanelas	15:522\$600	Lonas	13:361\$200
Banha e unto de porco	30:408\$746	Louça	76:368\$778
Barrilha	13:361\$820	Manteiga	12:084\$400
Brim	104:099\$963	Manufaturas diversas	245:373\$686
Cabos e cordoalha de linho e		Meias de algodão e de outros	
couro	10:978\$400	materiais	34:608\$063
Canhamaço e grosseria	22:898\$831	Moedas metálicas	209:136\$000
Carvão-de-pedra	46:095\$111	Morins	71:993\$374
Casemiras e camisetas	75:492\$850	Objetos diversos	79:412\$642
Camas	82:164\$150	Óleo de linhaça	12:425\$400
Camisetas de lã e algodão	30:020\$927	Paninho e platilhas de algodão ..	13:012\$833
Cerveja	21:480\$000	Pano de algodão	438:330\$707
Chá	45:016\$333	Pano de lã	125:906\$680
Chales	40:164\$751	Papel de embrulho e de cores	14:546\$399
Chapéus	28:614\$899	Pianos fortes	18:000\$000
Charutos e cigarros	25:675\$500	Pregos e taxas de ferro	22:704\$437
Chitas	300:223\$619	Rendas diversas	24:902\$500
Cobertores e mantas	24:682\$091	Retroz	42:161\$666
Conservas alimentícias	10:182\$666	Riscados de algodão	29:219\$697
Cortes de coletes	15:768\$931	Roupa feita	47:814\$210
Cortes de vestidos	30:666\$225	Sal	285:930\$000
Farinha de trigo	574:989\$500	Velas de cera	23:898\$631
Ferragem em obra grossa e		Veludos e veludinhos	12:515\$998
miúda	26:783\$102	Vidros para vidraças	14:571\$728
Ferro em barra ou chapa	17:738\$860	Vinhos diversos	137:741\$878
Ferro em trem de cozinha	15:722\$582	Calçados	54:382\$196
Fitas de seda	16:501\$855	TOTAL	4.530:886\$946

FONTE: RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL 1858/1859. Porto Alegre: [s. n.], 1859/1860.

Tabela 25

Quantidade dos principais produtos importados pelo RS — 1866

PRODUTOS	UNIDADES	QUANTI- DADES	PRODUTOS	UNIDADES	QUANTI- DADES
Aguardente	Pipas	310	Champagne	Dúzias	32
Aguarrás	Caixas	18	Charutos	Volume	16
Alvaiade	Barris	41	Drogas	Volume	303
Alcatrão	Barris	76	Espírito (álcool)	Barris	71
Açúcar	Caixas	3 072	Farinha	Barricas	19 219
Açúcar	Barricas	14 658	Farinha	Sacos	16 270
Azeite	Barris	323	Fumo	Rolos	5 688
Azeite	Caixas	341	Fumo	Fardos	183
Azeitonas	Ancoretas	1 935	Fazendas	Volume	8 991
Arroz	Sacos	7 298	Forragens	Volume	5 155
Bacalhau	Quintais	595	Ferros	Volume	13 425
Baldes	Dúzias	50	Figos	Volume	179
Breu	Barris	190	Gás	Caixas	2 413
Canela	Caixas	32	Genebra	Barricas	485
Café	Sacos	6 799	Genebra	Caixas	4 887
Chá	Caixas	336	Genebra	Garrações	3 604
Cerveja	Barricas	2 765	Goiaba	Volume	133
Cocos	Quantidade	22 100	Líquidos	Caixas	918
Carvão	Toneladas	347	Louça	Volume	325
Cimento	Barricas	595	Manteiga	Barris	611
Mercadorias	Volume	10 687	Massas	Caixas	1 524
Máquinas de costura	Unidades	33	Rapé	Caixotes	77
Máquinas de de- bulhar	Unidades	47	Velas de compo- sição	Caixas	894
Óleo de linhaça ..	Barris	56	Velas de sebo ..	Caixas	5 620
Passas	Caixas	1 324	Vidros	Caixas	394
Papel	Volume	140	Vassouras	Dúzias	562
Papel	Kg	12 466	Vinagre	Pipas	54
Queijos	Caixas	20	Vinagre	Barris	87
Sardinhas	Caixas	99	Vinho	Pipas	542
Sabão	Caixas	7 349	Vinho	Barris	3 382
Sal	Alqueires	159 790	Vinho	Caixas	1 550
Açúcar	Sacos	7 440			

FONTE: RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL 1866. Porto Alegre: [s. n.], 1867.

Tabela 26

Quantidade dos principais produtos importados pelo RS — 1873

PRODUTOS	UNIDADES	QUANTIDADES
Açúcar	Barricas	16 775
Açúcar	Sacos	20 556
Açúcar	Caixas	195
Arroz	Sacos	3 753
Azeitonas	Ancoretas	880
Alvaiade	Barris	163
Aguardente	Pipas	266
Azeite	Caixas	136
Azeite	Barris	15
Arame	Volume	153
Arame	Kg	100
Aguarás	Caixas	34
Alfafa	Fardos	60
Alcatrão	Barris	50
Breu	Barris	467
Baunilha	Barricas	114
Bacalhau	Tinas	679
Bolachas	Dúzias	171
Café	Sacos	6 156
Charutos	Volume	156
Cerveja	Caixas	1 713
Cerveja	Barricas	228
Cigarros	Volume	5
Chá	Volume	109
Cimento	Barricas	461
Cocos	Quantidade	4 700
Chumbo	Volume	226
Canos de ferro	Unidades	2 600

(continua)

Tabela 26

Quantidade dos principais produtos importados pelo RS — 1873

PRODUTOS	UNIDADES	QUANTIDADES
Cabos	Peças	20
Conservas	Caixas	10
Cevada	Barricas	142
Fermentos	Volume	11 200
Drogas	Volume	182
Debulhadores	Unidades	93
Fumo	Volume	3 979
Fumo	Volume	2 677
Ferro	Volume	6 066
Farinha de trigo	Barricas	16 823
Farinha de trigo	Sacos	7 603
Fazendas	Volume	3 158
Folhas	Caixas	354
Ferragens	Volume	3 335
Figos	Caixas	9
Espírito (álcool)	Barris	122
Gesso	Barris	37
Goiabada	Volume	832
Gás	Caixas	637
Genebra	Volume	1 160
Graxa	Kg	140
Garrafões vazios	Unidades	900
Louças	Volume	207
Líquidos	Volume	173
Licor	Caixas	380
Ladrilhos	Volume	28
Manteiga	Barris	351

(continua)

Tabela 26

Quantidade dos principais produtos importados pelo RS — 1873

PRODUTOS	UNIDADES	QUANTIDADES
Mercadorias	Volume	5 449
Máquinas de costura	Volume	287
Móveis	Volume	300
Massas	Caixas	1 106
Passas	Caixas	651
Papel	Volume	2 634
Panelas	Unidades	850
Fósforos	Volume	109
Queijos	Caixas	157
Rapé	Volume	12
Sal	Alqueires	138 940
Sardinhas	Caixas	166
Sabão	Caixas	853
Salitre	Barris	6
Sebo	Barricas	110
Soda	Barricas	35
Sacos vazios	Unidades	16 000
Vinho	Barris	4 734
Vinho	Pipas	391
Vinho	Caixas	535
Vassouras	Dúzias	120
Vidros	Volume	433
Velas de composição	Caixas	627
Velas de sebo	Caixas	800
Velas de cera	Volume	7
Vinagre	Barris	97
Zarcão	Barris	22
Diversas peneiras	Volume	500

FONTE: RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL 1873. Porto Alegre: (s. n.), 1874.

Tabela 27

Principais produtos importados pelo RS — jan.-nov./1901

PRODUTOS	VALOR (1 000 réis)	PERCENTUAL
Algodão e suas manufaturas	3.123:125\$	15,4
Artigos destinados à alimentação	9.025:656\$	44,7
Aço, ferro e suas manufaturas	781:928\$	3,9
Aparelhos, instrumentos, máquinas, acessórios e ferramentas	789:162\$	3,9
Carvão-de-pedras	575:594\$	2,8
Cobre, chumbo, estanho, alumínio, folhas de flandres, zinco e suas manufaturas	524:438\$	2,6
Produtos químicos	703:789\$	3,5
Sedas e suas manufaturas	183:298\$	0,9
Papel, papelão e cartão	207:657\$	1,0
Linho e suas manufaturas	132:778\$	0,7
Querosene e outros minerais refinados	419:114\$	2,1
Juta	303:859\$	1,5
Couros, peles e suas manufaturas	185:029\$	0,9
Coque e outros combustíveis artificiais de minerais ..	144:946\$	0,7
Barro, louça, pedra, porcelana e suas manufaturas ..	267:953\$	1,3
Madeiras e suas manufaturas	117:045\$	0,6
Papel para impressão	148:014\$	0,8
Lã e suas manufaturas	430:080\$	2,1
Diversos	2.134:761\$	10,6
TOTAL	20.198:226\$	100,0

FONTE: MENSAGEM À ASSEMBLÉIA DE REPRESENTANTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM 20 DE SETEMBRO DE 1902: pelo Presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1902. p. 17-24.

Tabela 28

Valor e percentual das exportações, segundo o destino, do RS — 1902

PRODUTOS	VALOR (1 000 réis)	PERCENTUAL
Demais estados do País	34.741:986\$	67,47
Inglaterra	6.122:423\$	11,89
Alemanha	4.805:792\$	9,33
República do Uruguai	3.771:134\$	7,32
América do Norte	1.116:110\$	2,17
Bélgica	468:059\$	0,91
República da Argentina	305:059\$	0,59
Paraguai	87:674\$	0,17
Portugal	65:664\$	0,13
Itália	8:580\$	0,02
TOTAL	51.492:481\$	100,00

FONTE: MENSAGEM À ASSEMBLÉIA DE REPRESENTANTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM 20 DE SETEMBRO DE 1902: pelo Presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1902. p. 17-18.

Tabela 29

Quantidade e valor das exportações e das importações, do Exterior
e por cabotagem, do RS — 1901-30

ANOS	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		B/A (%)	Δ%	
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor		De A	De B
	(t)	(1 000 réis) (A)	(t)	(1 000 réis) (B)			
1901	...	44:128\$...	20:198\$	2,1	-6,8	...
1902	...	51:492\$...	30:779\$	1,6	18,2	52,4
1903	...	51:981\$...	34:692\$	1,5	7,9	12,7
1904	...	57:183\$...	35:688\$	1,6	18,0	2,8
1905	...	56:665\$...	30:312\$	1,8	-15	-15,0
1906	...	66:233\$...	35:655\$	1,8	19,1	17,6
1907	187 230	72:857\$...	487:27\$	1,5	1,8	36,6
1908	204 788	74:529\$...	49:214\$	1,5	1,7	0,9
1909	...	77:125\$...	50:171\$	1,5	3,5	1,9
1910	...	81:959\$...	57:697\$	1,4	6,3	15,0
1911	...	81:393\$...	65:709\$	1,2	-0,7	13,8
1912	...	104:968\$...	75 314\$	1,3	29,0	14,6
1913	280 369	108:100\$...	83:812\$	1,2	3,0	11,2
1914	198 922	79:319\$...	49:298\$	1,6	-27	-58,8
1915	217 384	89:048\$...	42:347\$	2,1	12,3	-14,1
1916	191 206	92:309\$...	51:771\$	1,7	3,7	22,2
1917	228 035	161:739\$...	53:689\$	3,0	19,2	3,7
1918	292 343	165:764\$...	79:558\$	2,0	2,5	48,1
1919	328 585	215:572\$...	110:313\$	1,9	30,0	38,6
1920	301 473	197:879\$...	144:189\$	1,3	-8,2	30,7
1921	349 633	214:960\$	348 470	303:602\$	0,7	8,6	110,5
1922	342 336	233:072\$	401 863	284:583\$	0,8	8,4	-6,3
1923	404 668	311:151\$	342 357	374:892\$	0,9	12,0	31,6
1924	438 530	413:943\$	447 977	551:284\$	0,7	32,7	47,0
1925	407 894	473:997\$	449 436	599:488\$	0,7	14,5	8,7
1926	447 440	347:445\$	477 290	492:783\$	0,7	-27	-17,2
1927	542 702	415:916\$	496 376	569:631\$	0,7	19,7	15,6
1928	557 773	580:723\$	543 027	620:553\$	0,9	39,6	8,9
1929	503 812	540:793\$	622 940	653:663\$	0,8	-6,9	5,3
1930	502 673	507:982\$	483 315	459:977\$	1,1	-6,1	-29,7

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Sinopse estatística das importações 1946**. Porto Alegre: DEE, 1947.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Sinopse estatística das importações 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico de exportações do Rio Grande do Sul 1920; 1940; 1950**. Porto Alegre, DEE, 1921; 1941; 1951.

Tabela 30

Participação percentual dos principais produtos nas exportações
totais do RS — 1901-30

ANOS	TOTAL	ARROZ	BANHA	LÃ	VINHOS	FUMO EM FOLHA
1901	100,0	0,01	9,80	3,74	0,25	4,32
1902	100,0	0,04	10,84	3,47	0,17	1,94
1903	100,0	0,07	9,52	3,66	0,29	2,16
1904	100,0	0,12	7,09	3,17	0,47	2,61
1905	100,0	0,03	8,03	2,40	0,85	3,19
1906	100,0	0,00	10,33	2,49	0,90	1,83
1907	100,0	0,10	10,21	1,85	0,79	2,78
1908	100,0	0,22	12,30	2,71	0,96	2,34
1909	100,0	1,03	9,75	3,41	0,83	3,30
1910	100,0	0,92	9,58	2,92	0,91	3,25
1911	100,0	0,80	8,01	2,95	1,61	3,81
1912	100,0	2,39	12,61	3,46	1,59	3,70
1913	100,0	4,58	15,59	2,46	1,06	3,68
1914	100,0	4,53	20,34	2,27	1,40	-
1915	100,0	5,91	14,79	2,40	1,29	1,72
1916	100,0	2,51	16,11	4,13	2,63	2,98
1917	100,0	5,31	10,42	3,63	1,47	1,93
1918	100,0	7,15	10,96	4,23	2,14	2,91
1919	100,0	7,00	14,87	4,18	1,38	3,88
1920	100,0	9,04	17,25	3,48	0,66	3,53
1921	100,0	9,97	15,46	2,81	0,99	3,68
1922	100,0	9,80	14,68	3,94	1,43	3,84
1923	100,0	7,85	13,26	3,92	2,49	3,85
1924	100,0	8,34	12,08	4,26	1,79	5,51
1925	100,0	11,30	15,55	3,80	2,18	3,64
1926	100,0	9,66	21,66	5,64	3,24	4,32
1927	100,0	12,99	19,71	4,21	2,91	3,23
1928	100,0	11,32	14,27	4,08	3,62	4,48
1929	100,0	9,99	14,38	4,48	3,30	5,66
1930	100,0	9,24	16,08	3,27	2,13	4,76

(continua)

Tabela 30

Participação percentual dos principais produtos nas exportações
totais do RS — 1901-30

ANOS	COUROS SECOS E SALGADOS	FEIJÃO	CHARQUE	CEBOLAS E ALHOS	MADEI- RAS	FARINHA DE MANDIOCA	BATATA- -INGLESA
1901	18,31	4,38	26,76	1,32	-	5,08	0,12
1902	23,13	4,01	25,31	0,93	-	2,66	0,03
1903	23,74	5,17	24,12	1,78	-	3,13	0,02
1904	27,39	4,06	23,19	1,28	-	7,15	0,02
1905	20,32	3,58	28,15	1,41	-	6,65	0,09
1906	19,61	4,27	29,15	1,92	-	4,02	0,26
1907	17,53	4,48	31,52	1,97	-	4,70	0,42
1908	15,48	3,06	34,01	1,21	-	5,55	0,32
1909	19,57	2,23	32,30	0,94	-	4,73	0,40
1910	17,03	2,80	29,76	0,82	-	3,26	0,40
1911	16,41	2,10	32,33	1,10	-	3,86	0,82
1912	16,03	3,57	30,05	0,96	-	3,16	0,41
1913	11,09	4,72	29,37	1,32	0,32	4,40	0,47
1914	10,31	4,03	29,90	1,82	-	-	-
1915	10,30	2,17	31,42	1,50	0,27	7,35	0,29
1916	14,52	3,16	30,73	1,47	0,89	4,38	0,66
1917	9,43	3,78	26,47	1,06	0,46	1,94	1,70
1918	9,05	1,77	17,69	0,78	7,90	3,26	1,37
1919	9,32	2,11	18,89	1,69	1,55	2,53	0,43
1920	7,63	1,59	21,51	1,67	0,91	2,86	0,60
1921	8,47	2,35	19,31	1,97	0,81	2,08	1,13
1922	11,30	2,83	24,03	1,64	0,98	2,48	1,17
1923	14,33	1,45	19,23	1,79	1,22	2,71	1,13
1924	11,16	6,77	18,55	2,30	1,03	2,80	0,87
1925	10,80	3,62	19,62	1,45	1,04	2,61	0,76
1926	7,09	4,24	19,96	1,49	1,43	1,94	1,07
1927	6,84	3,34	17,68	1,71	1,97	1,82	1,33
1928	12,61	4,24	16,74	1,26	1,52	1,93	1,17
1929	8,98	4,96	19,36	1,21	2,59	1,61	1,11
1930	7,62	4,44	15,80	2,20	2,07	1,54	0,84

(continua)

Tabela 30

Participação percentual dos principais produtos nas exportações
totais do RS — 1901-30

ANOS	CARNES FRIGORI- FICADAS	CARNES EM CONSERVA	CARNE DE PORCO	ERVA- -MATE	COUROS CURTIDOS	MILHO	ALFAFA
1901	-	0,29	0,64	0,50	1,21	0,01	0,01
1902	-	0,19	0,87	0,37	1,05	0,06	0,01
1903	-	0,44	0,74	0,61	1,01	0,00	0,01
1904	-	0,68	0,58	1,09	1,23	0,01	0,01
1905	-	0,84	0,76	1,24	1,29	0,00	0,01
1906	-	0,89	0,66	2,79	1,07	0,00	0,12
1907	-	0,63	0,71	1,95	1,06	0,00	0,12
1908	-	0,29	0,72	1,73	1,01	0,06	0,07
1909	-	0,54	0,58	2,34	0,20	0,05	0,26
1910	-	2,00	0,72	3,73	1,02	0,00	0,39
1911	-	0,41	0,71	3,10	1,12	0,00	0,53
1912	-	0,32	0,53	2,21	0,83	0,12	0,62
1913	-	0,37	0,80	2,01	0,54	0,15	0,39
1914	-	0,22	0,67	1,45	0,57	0,00	0,84
1915	0,00	0,18	0,38	1,49	0,53	0,01	0,76
1916	-	1,20	0,11	2,64	0,55	0,02	1,48
1917	-	6,96	0,07	2,31	0,37	0,00	0,99
1918	-	-	0,03	1,43	0,47	0,02	1,00
1919	3,66	-	0,06	1,77	0,34	0,05	0,80
1920	9,75	0,03	0,00	1,63	0,34	0,05	0,47
1921	12,11	0,30	0,01	0,96	0,80	0,05	0,81
1922	1,02	0,29	0,02	0,79	0,92	0,00	1,14
1923	2,88	0,41	0,03	0,73	0,85	0,00	0,98
1924	3,02	0,40	0,04	0,66	0,94	0,04	1,01
1925	4,01	0,34	0,04	0,18	0,84	0,03	0,79
1926	0,60	0,49	0,29	0,91	0,58	0,00	0,50
1927	3,26	2,96	0,04	0,82	0,37	0,02	0,56
1928	4,57	0,92	0,04	0,47	0,30	0,02	0,38
1929	2,46	0,71	0,04	0,63	0,37	0,02	0,36
1930	14,48	2,10	0,03	0,37	0,22	0,00	0,23

FONTE: Tabelas 32 a 63.

Tabela 31

Principais produtos exportados, por classes, subclasses e grupos, do RS — 1920-1950

CLASSES, SUBCLASSES E GRUPOS	1920			1930			1940			1950		
	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%
TOTAL GERAL	301 474	197 845	100,0	502 674	507 972	100,0	874 735	1 029 828	100,0	1 088 469	6 024 768	100,0
Classe I: animais vivos	5 756	3 164	1,60	1 827	1 095	0,2	1 024	1 038	0,1	8 131	25 569	0,4
Classe II: matérias-primas	70 966	43 051	21,8	133 901	113 549	22,4	341 080	282 239	27,4	437 995	1 836 268	30,5
De origem animal	33 561	25 921	13,10	41 303	57 178	11,3	45 674	111 391	10,8	32 220	391 347	6,5
Corpos graxos	9 545	7 171	3,62	9 828	11 494	2,3	9 045	16 632	1,6	6 865	51 674	0,9
Couros e peles em bruto	14 648	15 965	8,07	23 043	42 549	8,4	22 633	72 460	7,0	19 500	153 081	2,5
Couros e peles preparados	514	1 585	0,80	252	1 117	0,2	1 092	15 554	1,5	2 651	163 661	2,7
De origem vegetal	28 280	9 686	4,90	62 901	36 957	7,3	107 219	86 871	8,4	361 701	835 058	13,9
Vegetais para medicina e in- dústria	7 100	7 419	3,75	13 449	25 545	5,0	21 795	53 758	5,2	39 483	294 033	4,9
Madeiras	20 521	1 795	0,91	47 828	10 527	2,1	76 814	16 700	1,6	274 287	337 241	5,6
Outros	659	472	0,24	1 624	885	0,2	8 610	16 413	1,6	47 931	203 784	3,4
De origem mineral	5 815	367	0,19	20 840	1 437	0,3	180 037	13 709	1,3	27 374	34 468	0,6
Combustíveis, óleos, etc.	4 960	203	0,10	14 181	663	0,1	178 740	12 688	1,2	24 062	27 327	0,5
De origem têxtil e sintética	3 310	7 077	3,58	8 857	17 977	3,5	8 150	70 268	6,8	16 700	575 394	9,6
Lãs, sedas e outros têxteis	2 916	6 886	3,48	8 663	17 464	3,4	7 871	69 406	6,7	14 971	549 551	9,1
Classe III: produtos para ali- mentação e forragem	218 207	139 160	70,30	358 364	363 390	71,5	518 723	622 303	60,4	605 460	2 879 712	47,8
De origem vegetal	121 648	38 360	19,4	201 979	108 259	21,3	360 234	227 577	22,1	484 149	1 554 702	25,8
Bebidas	3 912	2 090	1,06	14 900	11 368	2,2	35 883	34 777	3,4	55 168	246 405	4,1
Cereais, hortaliças, legumes	93 416	28 062	14,2	147 387	78 793	15,5	257 484	158 083	15,4	375 097	1 125 710	18,7
Outros produtos vegetais (1) ...	23 475	8 055	4,07	38 122	17 608	3,5	63 586	31 753	3,1	48 988	158 616	2,6
De origem animal	89 575	99 098	50,09	146 545	247 221	48,7	145 822	387 068	37,6	107 732	1 268 461	21,1
Produtos de matadouro e caça	61 605	63 057	31,87	95 148	159 092	31,3	114 910	314 405	30,5	67 790	728 939	12,1

Tabela 31

Principais produtos exportados por classes, subclasses e grupos, do RS — 1920-1950

CLASSES, SUBCLASSES E GRUPOS	1920			1930			1940			1950		
	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%	Peso (t)	Valor (Cr\$)	%
Animais não classificados (2)	26 126	35 169	17,78	48 959	86 456	17,0	25 298	61 110	5,9	30 967	451 076	7,5
Produtos diversos	6 983	1 701	0,86	9 839	7 909	1,6	12 668	7 658	0,7	13 578	56 549	0,9
Forragem e produtos para ali- mentação	6 701	1 448	0,73	5 473	2 129	0,4	12 100	6 651	0,7	11 031	33 014	0,6
Classe IV: manufaturas	6 544	12 470	6,30	8 581	29 947	5,9	13 908	124 248	12,1	36 883	1 283 219	21,3
De origem animal	391	1 726	0,87	721	6 211	1,2	1 336	24 527	2,4	3 069	255 788	4,3
Manufaturas de peles e couros	357	1 680	0,85	693	6 158	1,2	1 298	23 869	2,3	2 890	247 262	4,1
De origem vegetal	1 517	1 997	1,01	1 131	4 097	0,8	2 968	12 225	1,2	12 881	222 489	3,7
Manufaturas de cascas e outras	787	1 559	0,79	373	1 947	0,4	71	2 116	0,2	857	99 837	1,7
Manufaturas de madeiras	585	270	0,14	401	1 219	0,2	1 214	4 348	0,4	7 143	44 777	0,7
Papéis	72	17	0,01	35	19	0,0	915	1 500	0,2	2 736	21 725	0,4
De origem mineral	2 428	2 069	1,05	1 747	3 009	0,6	3 313	26 753	2,6	6 706	135 338	2,3
Manufaturas de ferro e aço	2 237	1 880	0,95	1 189	2 561	0,5	3 015	21 830	2,1	4 917	84 307	1,4
Outros	191	189	0,10	558	448	0,1	298	4 923	0,5	1 789	51 031	0,9
Têxteis e matérias-primas sintéti- cas	647	1 065	0,54	1 203	8 559	1,7	1 241	25 312	2,5	3 282	273 604	4,5
Manufaturas têxteis	17	186	0,09	577	6 908	1,4	357	14 822	1,4	1 212	172 734	2,9
Manufaturas de algodão	52	316	0,16	26	499	0,1	311	4 625	0,5	569	48 744	0,8
Manufaturas diversas	1 561	5 612	2,84	3 780	8 071	1,6	5 049	35 431	3,4	10 946	396 000	6,6
Outras máquinas e aparelhos	142	214	0,11	220	1 239	0,2	270	2 835	0,3	1 515	55 241	0,9
Vários artigos (3)	1 379	5 325	2,69	3 454	6 414	1,3	4 458	26 239	2,6	7 012	147 838	2,5
Outros	40	73	0,04	106	418	0,1	322	5 188	0,5	1 382	96 801	1,6

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. Anuário estatístico de exportações do Rio Grande do Sul 1920;

1920; 1950. Porto Alegre, DEE, 1921; 1941; 1951.

(1) Inclui cebola, batata-inglesa, erva-mate. (2) Inclui produtos de lã, algodão e seda usados na indústria de tecelagem. (3) Inclui banha suína refinada.

Tabela 32

Total das exportações do RS para o Brasil e o Exterior — 1901-30

ANOS	EXPORTAÇÕES TOTAIS		BRASIL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
		(A)		(B)
1901	...	47 159	...	36 599
1902	...	55 765	...	42 789
1903	...	60 212	...	42 499
1904	...	71 070	...	50 007
1905	...	60 446	...	43 708
1906	...	72 009	...	53 238
1907	187 230	73 281	...	55 079
1908	204 788	74 529	...	57 831
1909	...	77 125	...	55 221
1910	...	81 959	...	60 541
1911	...	81 393	...	60 250
1912	...	104 968	...	80 423
1913	380 369	108 100	227 472	86 817
1914	198 922	79 319	163 513	65 499
1915	217 384	89 048	164 420	68 621
1916	191 206	92 309	128 922	64 045
1917	288 035	161 739	169 653	92 218
1918	292 343	165 764	153 573	94 020
1919	328 585	215 572	189 466	125 611
1920	301 473	197 879	165 680	115 480
1921	349 633	214 960	193 442	126 305
1922	342 336	233 072	212 973	158 099
1923	404 668	311 151	226 001	184 162
1924	438 530	413 943	310 222	295 865
1925	407 894	473 997	284 573	353 415
1926	447 440	347 445	338 063	279 497
1927	542 702	415 916	387 947	324 217
1928	557 773	580 723	407 581	413 092
1929	503 812	540 793	348 094	389 290
1930	502 673	507 982	305 807	326 531

(continua)

Tabela 32

Total das exportações do RS para o Brasil e o Exterior — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		$\Delta\%$		PERCENTUAL B/A
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)	De B	De C	
1901	...	10 560	77,6
1902	...	12 976	16,9	22,8	76,7
1903	...	17 713	-0,7	36,5	70,6
1904	...	21 063	17,7	18,9	70,4
1905	...	16 738	-12,6	-20,5	72,3
1906	...	18 771	21,8	12,1	73,9
1907	...	18 202	3,4	-3,0	75,2
1908	...	16 698	4,9	-8,3	77,6
1909	...	21 904	-4,5	31,2	71,6
1910	...	21 418	9,6	-2,2	73,9
1911	...	21 143	-0,5	-1,3	74,0
1912	...	24 545	33,5	16,1	76,6
1913	52 897	21 284	7,9	-13,3	80,3
1914	35 409	13 821	-24,5	-35,1	82,6
1915	52 964	20 427	4,8	47,7	77,1
1916	62 284	28 265	-6,7	38,4	69,4
1917	118 382	69 522	43,9	145,9	57,0
1918	138 770	71 744	1,9	3,2	56,7
1919	139 119	89 961	33,6	25,4	58,3
1920	135 793	82 399	-8,1	-8,4	58,3
1921	156 191	88 655	9,4	7,6	58,7
1922	129 363	74 973	25,2	-15,4	67,8
1923	178 667	126 988	16,5	69,4	59,2
1924	128 308	118 078	60,6	-7,0	71,5
1925	123 321	120 582	19,4	2,1	74,6
1926	109 377	67 948	-20,9	-43,6	80,4
1927	154 755	91 699	16,0	34,9	77,9
1928	150 192	167 631	27,4	82,8	71,1
1929	155 718	151 503	-5,8	-9,6	71,9
1930	196 866	181 451	-16,1	19,7	64,3

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do****Sul**: estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929.

v.1.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico de exportações do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

Tabela 33

Quantidade e valor das exportações, segundo o estado de destino, do RS — 1913-1930

ANOS	RIO DE JANEIRO		SÃO PAULO		PERNAMBUCO		BAHIA		ESPÍRITO SANTO	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	121 419	39 300	31 310	15 480	19 803	7 307	30 876	12 483	3 099	1 345
1915	79 859	29 245	27 019	11 951	21 546	8 228	11 678	8 088	1 535	919
1916	62 818	24 018	24 007	11 531	12 901	8 573	11 950	8 697	1 311	794
1917	82 236	35 210	35 949	19 277	17 718	12 269	12 231	9 855	1 622	1 074
1918	75 174	37 159	35 950	21 729	15 110	13 165	9 022	7 647	403	206
1919	83 430	48 698	38 027	27 161	30 145	17 659	12 275	12 164	1 616	1 185
1920	81 560	49 211	23 146	20 823	14 395	12 595	22 809	13 443	2 074	1 626
1921	115 689	61 278	29 823	21 344	13 562	12 842	9 745	9 938	3 389	2 181
1922	119 615	74 139	32 791	29 997	22 124	20 844	13 331	12 414	5 014	3 031
1923	114 633	80 000	35 586	34 704	27 376	24 713	14 935	13 360	5 060	3 797
1924	172 293	143 448	51 273	51 540	29 926	36 216	17 208	19 964	7 219	7 219
1925	139 829	164 445	61 919	77 176	25 468	36 074	16 168	22 389	7 072	9 377
1926	195 230	140 539	52 196	52 064	27 372	26 198	20 456	20 141	10 764	7 506
1927	221 615	160 365	80 284	73 826	24 610	26 271	20 500	22 224	9 469	7 457
1928	210 280	165 301	76 230	89 610	8 620	9 340
1929	192 279	173 154	74 292	85 537	7 969	10 058
1930	178 851	158 509	54 332	65 193	6 785	7 194

(continua)

Tabela 33

Quantidade e valor das exportações, segundo o estado de destino, do RS — 1913-1930

ANOS	PARANÁ		SANTA CATARINA		OUTROS		TOTAL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	5 985	2 362	4 471	2 391	10 509	6 149	227 472	86 817
1915	2 994	1 090	3 346	1 984	16 443	7 116	164 420	68 621
1916	2 975	1 147	3 071	2 227	9 889	7 058	128 922	64 045
1917	1 859	863	4 120	2 907	13 918	10 755	169 653	92 218
1918	2 550	976	4 472	3 177	10 892	9 961	153 573	94 020
1919	2 539	1 253	4 751	3 672	16 683	13 819	189 466	125 611
1920	3 053	1 949	5 480	5 347	13 163	10 486	165 680	115 480
1921	3 621	1 733	5 073	4 603	12 540	12 386	193 442	126 305
1922	3 631	1 574	3 371	3 288	13 096	12 812	212 973	158 099
1923	3 428	2 454	3 001	3 904	21 982	21 230	226 001	184 162
1924	4 848	3 801	4 788	6 264	22 667	27 413	310 222	295 865
1925	4 242	5 796	4 894	7 710	24 981	30 448	284 573	353 415
1926	6 491	5 197	5 213	6 955	20 341	20 897	338 063	279 497
1927	6 721	5 548	5 755	7 365	18 993	21 161	387 947	324 217
1928	6 820	6 410	5 250	6 920	100 381	135 511	407 581	413 092
1929	7 675	7 929	4 946	7 110	60 933	105 502	348 094	389 290
1930	8 001	6 353	4 020	5 983	53 818	83 299	305 807	326 531

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul**: estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929.
 RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico de exportações do Rio Grande do Sul 1920; 1940; 1950**. Porto Alegre, DEE, 1921; 1951.

Tabela 34

Quantidade e valor das exportações para o Exterior, segundo o país de destino,
do RS — 1901-30

ANOS	URUGUAI		ARGENTINA		ALEMANHA		INGLATERRA	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1901	432	...	3 075	...	4 922
1902	305	...	4 805	...	6 122
1903	...	3 747	...	467	...	5 702	...	5 696
1904	...	4 320	...	1 044	...	7 725	...	6 382
1905	...	4 599	...	964	...	4 448	...	4 878
1906	...	3 949	...	2 277	...	6 040	...	5 521
1907	...	3 569	...	1 532	...	3 943	...	6 621
1908	...	3 969	...	1 406	...	3 893	...	5 335
1909	2 024	...	7 593	...	4 747
1910	...	4 836	...	3 195	...	4 913	...	5 511
1911	...	5 001	...	2 785	...	5 125	...	4 240
1912	...	5 860	...	2 448	...	6 916	...	5 238
1913	14 779	5 614	10 499	2 657	10 618	4 952	10 348	4 492
1914
1915	29 594	12 273	7 752	1 783	8 718	2 290
1916	26 752	16 935	19 016	3 019	7 107	2 173
1917	64 914	37 467	28 365	8 667	8 106	12 008
1918	83 473	39 246	34 263	13 056	3 380	8 535
1919	70 276	40 824	24 287	11 839	176	283	20 431	18 558
1920	59 111	34 803	33 717	14 989	5 294	3 566	22 024	15 448
1921	62 185	33 609	36 055	12 367	21 000	12 515	12 315	7 600
1922	55 497	26 526	38 785	16 402	11 493	12 105	4 041	3 381
1923	65 193	36 798	47 154	20 697	22 005	27 335	12 215	10 308
1924	55 511	45 545	22 659	10 008	17 239	25 410	7 549	7 032
1925	45 650	38 619	21 410	7 918	18 340	28 211	9 406	12 557
1926	42 319	26 447	34 624	8 829	17 081	21 100	2 629	1 320
1927	58 695	36 312	60 791	14 043	19 359	25 870	1 656	691
1928	40 220	38 420	58 610	27 027	17 120	34 240	6 120	11 140
1929	47 366	36 399	57 552	18 348	15 124	33 707	7 407	8 328
1930	74 005	68 125	55 977	19 319	20 652	28 489	14 723	18 929

(continua)

Tabela 34

Quantidade e valor das exportações para o Exterior, segundo o país de destino,
do RS — 1901-30

ANOS	FRANÇA		ESTADOS UNIDOS		OUTROS PAÍSES		TOTAL	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1901	1 413	...	718	...	10 560
1902	1 116	...	628	...	12 976
1903	...	131	...	975	...	995	...	17 713
1904	...	61	...	788	...	743	...	21 063
1905	...	157	...	331	...	1 361	...	16 738
1906	...	121	...	466	...	397	...	18 771
1907	...	255	...	246	...	2 036	...	18 202
1908	...	432	...	393	...	1 270	...	16 698
1909	...	669	...	579	...	6 292	...	21 904
1910	...	1 488	...	310	...	1 165	...	21 418
1911	...	737	...	571	...	2 684	...	21 143
1912	...	1 109	...	827	...	2 147	...	24 545
1913	3 042	894	542	531	3 069	2 144	52 897	21 284
1914	35 409	13 821
1915	63	42	4 191	2 310	2 645	1 729	52 964	20 427
1916	528	253	5 276	3 015	3 605	2 870	62 284	28 265
1917	1 803	1 945	5 042	3 063	10 152	6 372	118 382	69 522
1918	2 520	2 181	4 918	4 033	10 216	4 693	138 770	71 744
1919	12 280	6 593	5 654	5 052	6 015	6 812	139 119	89 961
1920	4 093	2 165	2 782	2 561	8 772	8 867	135 793	82 399
1921	4 471	4 424	4 027	3 033	16 138	15 107	156 191	88 655
1922	5 312	4 102	5 309	3 958	8 926	8 499	129 363	74 973
1923	7 594	6 665	5 296	3 162	19 210	22 023	178 667	126 988
1924	4 264	4 686	2 291	708	18 795	24 689	128 308	118 078
1925	9 479	11 005	161	342	18 875	21 930	123 321	120 582
1926	2 725	2 065	2 747	650	7 252	7 537	109 377	67 948
1927	1 733	1 336	1 073	838	11 448	12 609	154 755	91 699
1928	3 400	6 620	1 252	2 441	23 470	45 743	150 192	167 631
1929	5 813	8 091	1 381	2 152	21 075	44 478	155 718	151 503
1930	4 817	6 180	1 509	1 338	25 183	39 071	196 866	181 451

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações Rio-Grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. V. 1.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1920; 1940; 1950.** Porto Alegre: DEE, 1921; 1951.

Tabela 35

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de charque
do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL	
	Quantidade (t)	Valor (contos de réis) (A)	Quantidade (t)	Valor (contos de réis) (B)	Quantidade (t)	Valor (contos de réis) (C)
1901	22 262	11 809
1902	37 207	13 033
1903	36 396	12 540
1904	35 788	13 259
1905	37 555	15 953
1906	44 519	19 310
1907	59 808	27 023	50 792	22 966
1908	59 305	28 579	52 580	25 350
1909	58 870	28 654	51 227	24 909
1910	67 359	29 075	56 458	24 387
1911	72 785	32 174	59 464	26 313
1912	80 426	36 749	69 574	31 540
1913	69 575	34 451	64 364	31 751	64 353	31 551
1914	51 089	32 858	37 019	23 713
1915	48 351	37 007	36 310	27 976	33 819	26 223
1916	44 275	39 998	31 294	28 366	24 987	22 241
1917	62 625	54 883	49 413	42 820	38 041	33 170
1918	44 029	45 198	31 324	29 329	25 889	24 951
1919	45 408	60 494	35 928	40 720	30 618	34 521
1920	45 735	54 849	35 503	42 570	28 470	34 131
1921	47 176	56 617	34 590	41 515	30 494	36 672
1922	69 360	72 318	53 672	56 002	50 484	52 753
1923	77 934	74 030	63 749	59 845	60 171	56 439
1924	64 824	92 258	54 519	76 800	52 083	72 684
1925	69 067	110 308	58 236	92 980	56 814	90 576
1926	78 061	86 486	62 486	69 360	61 108	67 749
1927	76 500	91 637	61 410	73 530	58 355	69 854
1928	72 343	83 918	53 836	97 221	51 071	92 214
1929	52 679	120 108	45 878	104 713	41 959	96 074
1930	33 022	74 300	35 694	80 273	33 068	74 946

(continua)

Tabela 35

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de charque
do RS — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (1 000 réis/t)	
	Quantidade (t)	Valor (contos de réis) (D)	B/A	C/B	De A	De B
1901	-	-	-	0,53
1902	-	-	-	0,35
1903	-	-	-	0,34
1904	-	-	-	0,37
1905	-	-	-	0,42
1906	-	-	-	0,43
1907	84,9	-	0,45	0,45
1908	88,7	-	0,48	0,48
1909	86,9	-	0,49	0,49
1910	83,9	-	0,43	0,43
1911	81,8	-	0,44	0,44
1912	85,8	-	0,46	0,45
1913	11	200	92,2	99,3	0,50	0,50
1914	72,3	-	0,64	0,64
1915	2 491	1 753	75,5	93,7	0,77	0,77
1916	6 307	6 125	70,9	78,4	0,90	0,91
1917	11 372	9 650	78,0	77,5	0,88	0,87
1918	5 435	4 378	64,8	85,0	1,03	0,94
1919	5 310	6 199	67,3	84,7	1,33	1,13
1920	7 033	8 439	77,6	80,2	1,20	1,20
1921	4 096	4 843	73,3	88,3	1,20	1,20
1922	3 188	3 249	77,4	94,2	1,04	1,04
1923	3 578	3 405	80,8	94,3	0,95	0,94
1924	2 436	4 116	83,2	94,6	1,42	1,41
1925	1 422	2 403	84,3	97,4	1,60	1,60
1926	1 378	1 611	80,2	97,7	1,11	1,11
1927	3 055	3 676	80,2	95,0	1,20	1,20
1928	2 765	5 007	115,8	94,8	1,16	1,81
1929	3 919	8 639	87,2	91,7	2,28	2,28
1930	2 626	5 327	108,0	93,4	2,25	2,25

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927**. Porto Alegre: DEE, 1926/1928.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Sinopse estatística das importações 1942**. Porto Alegre: DEE, 1943.

BENETTI, Maria D. (Coord.). **Evolução recente do setor agropecuário do Rio Grande do Sul 1920/1973**. Rio de Janeiro: FGV; PERSAGRI, 1978. (Mimeo).

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922. p. 246-248.

Tabela 36

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de charque
do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	3 032	1 879	20 852	9 670	13 483	5 451	17 522	9 124
1915	836	638	10 249	7 811	7 358	5 796	9 666	7 561
1916	172	147	4 179	3 866	6 956	6 202	8 328	7 330
1917	572	325	6 219	5 527	11 495	9 877	9 708	8 656
1918	497	487	2 390	2 315	9 875	9 543	6 698	6 499
1919	63	73	3 669	4 059	9 325	10 383	7 749	8 900
1920	277	332	6 096	7 570	7 135	8 564	4 028	4 808
1921	496	596	10 040	12 125	7 671	9 206	6 794	8 153
1922	757	792	14 524	15 350	15 159	15 858	8 969	9 286
1923	415	386	13 724	12 829	18 924	17 631	10 436	9 873
1924	183	247	8 368	11 336	18 008	25 272	10 242	14 674
1925	391	599	11 321	17 930	16 305	27 539	10 940	17 558
1926	946	1 034	15 674	14 867	13 705	18 236	12 897	14 346

(continua)

Tabela 36

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de charque do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	1 652	1 041	927	554	57 468	27 719	64 064	31 751
1915	891	706	181	142	29 181	22 654	36 310	27 976
1916	682	605	81	65	20 398	18 215	31 294	28 366
1917	1 028	913	10	9	29 032	25 307	49 249	42 845
1918	74	61	0	0	19 534	18 906	31 324	29 329
1919	607	704	47	35	21 460	24 154	35 374	47 130
1920	964	1 157	59	71	18 559	22 502	35 504	42 570
1921	1 035	1 242	19	23	26 055	31 345	34 590	41 515
1922	1 729	1 773	127	129	41 265	43 188	53 672	56 002
1923	1 600	1 600	58	52	45 157	42 371	63 749	59 845
1924	1 899	2 641	41	68	38 741	54 238	54 519	76 800
1925	2 381	3 712	125	180	41 463	67 518	58 236	92 980
1926	1 703	1 872	558	657	45 483	51 012	62 486	69 360

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 37

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de banha
do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$) (C)
1901	4 809	4 323
1902	5 611	5 583
1903	6 301	4 946
1904	6 842	4 052
1905	8 022	4 548
1906	6 433	6 841
1907	21 944	23 472	5 909	7 436
1908	26 664	23 908	10 247	9 165
1909	26 412	21 750	10 532	7 517
1910	27 381	23 530	10 331	7 852
1911	26 817	21 322	8 784	6 522
1912	32 276	29 335	16 596	13 233
1913	34 149	35 229	15 776	16 856	15 742	16 825
1914	34 556	34 916	15 777	16 133
1915	34 084	32 780	14 477	13 173	14 467	13 162
1916	30 326	30 067	10 155	14 874	10 153	14 872
1917	35 451	40 134	14 286	16 853	12 987	15 230
1918	34 880	45 568	13 040	18 160	10 795	14 800
1919	47 531	59 753	25 675	32 046	25 026	31 328
1920	47 687	64 749	25 176	34 135	21 184	29 617
1921	45 920	66 924	22 847	33 239	20 577	29 892
1922	45 581	72 475	21 512	34 205	21 399	34 015
1923	58 486	79 812	34 409	41 273	28 396	33 735
1924	47 378	86 094	27 337	50 022	26 887	49 363
1925	47 971	125 675	28 141	73 719	28 127	73 682
1926	66 399	133 479	44 035	75 259	44 035	75 258
1927	71 769	122 224	48 123	81 980	48 077	82 909
1928	42 694	82 871	42 673	82 834
1929	41 617	77 771	41 590	77 727
1930	45 954	81 670	45 550	80 713

(continua)

Tabela 37

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de banha do RS — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$)	
	Quantidade (1)	Valor (Cr\$) (D)	B/A	C/B	De A	De B
1901	-	-	-	0,90
1902	-	-	-	1,00
1903	-	-	-	0,78
1904	-	-	-	0,59
1905	-	-	-	0,57
1906	-	-	-	1,06
1907	31,7	-	1,07	1,26
1908	38,3	-	0,90	0,89
1909	34,6	-	0,82	0,71
1910	33,4	-	0,86	0,76
1911	30,6	-	0,80	0,74
1912	45,1	-	0,91	0,80
1913	34	31	47,8	99,8	1,03	1,07
1914	46,2	-	1,01	1,02
1915	10	11	40,2	99,9	0,96	0,91
1916	2	2	49,5	99,9	0,99	1,46
1917	1 299	1 623	42,0	90,4	1,13	1,18
1918	2 245	3 360	39,9	81,5	1,31	1,39
1919	649	718	53,6	97,8	1,26	1,25
1920	3 992	4 518	52,7	86,8	1,36	1,36
1921	2 270	3 374	49,7	89,9	1,46	1,45
1922	113	190	47,2	99,4	1,59	1,59
1923	6 013	7 538	51,7	81,7	1,36	1,20
1924	450	659	58,1	98,7	1,82	1,83
1925	14	37	58,7	99,9	2,62	2,62
1926	0,0	1	56,4	100,0	2,01	1,71
1927	46	71	67,1	100,0	1,70	1,70
1928	21	37	-	100,0	-	1,94
1929	27	44	-	100,0	-	1,87
1930	404	957	-	98,8	-	1,78

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Produção agrícola**: dados gerais do Rio Grande do Sul 1920/1946. Porto Alegre: DEE, 1921/1947.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927**. Porto Alegre: DEE, 1926/1928.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário da produção agropecuária 1967**. Porto Alegre: DEE, 1968.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação 1920/1942**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 38

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de banha do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	6 536	7 035	6 337	6 689	133	143	408	441
1915	5 094	4 684	6 411	5 817	157	149	194	180
1916	3 259	2 839	3 999	9 113	474	487	172	166
1917	5 090	5 907	6 288	7 570	48	59	45	56
1918	3 290	4 618	5 946	8 005	74	107	64	91
1919	8 990	11 952	13 773	16 302	325	434	11	15
1920	7 086	9 415	11 302	16 094	229	684	583	779
1921	7 009	10 156	11 544	16 818	159	229	178	259
1922	8 816	14 012	10 907	17 341	243	378	186	293
1923	7 372	9 025	17 072	19 743	942	1 177	317	420
1924	7 910	14 684	15 389	28 518	691	1 156	314	340
1925	8 117	21 971	17 303	44 446	294	814	142	372
1926	14 880	26 383	25 707	43 229	294	466	384	612

(continua)

Tabela 38

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de banha
do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	54	65	606	647	14 074	15 020	15 776	16 856
1915	92	77	117	113	12 065	11 020	14 477	13 173
1916	43	45	327	335	8 274	12 985	10 105	9 847
1917	12	13	16	18	11 499	13 623	14 286	16 853
1918	15	20	0	0	9 389	12 841	13 040	18 160
1919	115	151	18	26	23 232	28 880	25 466	32 018
1920	140	185	494	648	19 834	27 805	25 176	34 135
1921	176	256	338	483	19 404	28 201	22 847	33 239
1922	290	461	58	100	20 500	32 585	21 512	34 205
1923	519	619	46	69	26 268	31 053	34 409	41 273
1924	614	1 095	229	443	25 147	46 236	27 338	50 021
1925	737	1 765	302	854	26 895	70 222	28 141	73 719
1926	895	1 423	184	316	42 344	72 429	44 035	75 258

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 39

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação
de couros salgados e secos do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)
1901	(1)1 324 257	8 080
1902	(1)1 800 793	11 910
1903	(1)1 881 183	12 341
1904	(1)2 250 614	15 663
1905	(1)1 728 488	11 512
1906	(1)2 050 094	12 990
1907	(1)2 038 338	12 772
1908	19 683	...	(1)2 274 304	11 534
1909	24 857	...	(1)2 815 263	15 092
1910	25 725	...	(1)2 462 834	13 955
1911	20 920	...	(1)2 359 910	13 358
1912	26 909	...	(1)2 873 806	16 823
1913	24 438	13 930	20 920	11 992	600	399
1914	20 316	...	(1)1 381 155	8 179
1915	20 057	11 432	16 038	9 168	378	170
1916	19 680	15 547	16 951	13 405	105	55
1917	23 688	24 399	14 685	15 249	3	7
1918	22 625	19 910	16 998	14 998	447	358
1919	23 651	22 468	21 121	20 099	353	363
1920	23 980	25 659	14 074	15 096	69	103
1921	26 911	21 798	22 380	18 208	606	216
1922	27 412	24 945	28 798	26 341	357	434
1923	45 301	61 144	31 528	44 601	445	719
1924	34 969	53 048	28 049	46 212	486	1 139
1925	42 136	68 977	28 892	51 195	429	1 241
1926	32 644	35 386	20 989	24 629	1 286	1 618
1927	35 299	35 276	23 479	28 467	192	291
1928	41 230	108 847	27 667	73 245	225	412
1929	37 458	91 023	19 920	48 584	56	176
1930	20 828	38 712	196	410

(continua)

Tabela 39

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação
de couros salgados e secos do RS — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (D)	B/A	C/B	De A	De B
1901	-	-	-	(2)6,103
1902	-	-	-	(2)6,613
1903	-	-	-	(2)6,560
1904	-	-	-	(2)6,958
1905	-	-	-	(2)6,662
1906	-	-	-	(2)6,336
1907	-	-	-	(2)6,267
1908	-	-	-	(2)5,072
1909	-	-	-	(2)5,361
1910	-	-	-	(2)5,666
1911	-	-	-	(2)5,660
1912	-	-	-	(2)5,853
1913	20 320	11 593	86,1	3,3	0,57	0,573
1914	-	-	-	(2)5,922
1915	15 660	8 998	80,2	1,9	0,57	0,572
1916	16 846	13 350	86,2	0,4	0,79	0,791
1917	14 682	15 242	62,5	0	1,03	1,038
1918	16 551	14 640	75,3	2,4	0,88	0,882
1919	20 768	19 736	89,5	1,8	0,95	0,952
1920	14 005	14 993	58,8	0,7	1,07	1,073
1921	21 774	17 992	83,5	1,2	0,81	0,813
1922	28 441	25 907	105,6	1,6	0,91	0,914
1923	31 083	43 882	72,9	1,6	1,35	1,414
1924	27 563	45 073	87,1	2,5	1,52	1,647
1925	28 463	49 954	74,2	2,4	1,64	1,772
1926	19 703	23 011	69,6	6,6	1,08	1,173
1927	23 287	28 176	80,7	1	1,00	1,212
1928	27 442	72 833	67,3	0,6	2,64	2,647
1929	19 864	48 408	53,4	0,4	2,43	2,438
1930	20 632	38 302	-	1,1	-	1,858

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

(1) Número de couros. (2) Em 1.000 réis/1.000 unidades de couro.

Tabela 40

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de lã
do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)
1901	2 026	1 652
1902	3 194	1 789
1903	2 227	1 904
1904	1 900	1 811
1905	1 410	1 359
1906	2 020	1 648
1907	3 913	3 483	1 517	1 349
1908	4 476	3 760	2 397	2 016
1909	4 813	3 754	3 358	2 630
1910	5 269	4 900	2 567	2 393
1911	5 684	5 002	2 745	2 402
1912	6 179	4 820	4 683	3 636
1913	6 469	5 369	3 224	2 663	392	322
1914	6 562	6 037	1 964	1 798
1915	6 694	6 359	2 238	2 136	623	533
1916	6 186	9 898	2 383	3 810	1 014	1 713
1917	7 366	19 373	2 233	5 868	1 137	2 993
1918	7 560	17 690	3 000	7 008	1 727	4 112
1919	7 718	18 292	3 782	9 009	1 168	2 736
1920	7 933	18 915	2 884	6 879	1 125	2 689
1921	8 471	10 684	4 791	6 043	1 187	1 454
1922	9 362	16 754	5 133	9 186	1 251	2 186
1923	8 468	25 222	4 095	12 197	1 709	4 806
1924	8 829	38 093	4 084	17 621	1 081	5 116
1925	9 888	41 346	4 309	18 018	1 050	5 917
1926	10 775	27 312	7 728	19 589	662	1 713
1927	11 127	30 078	6 478	17 514	921	2 499
1928	14 478	57 139	5 998	23 672	1 175	5 178
1929	11 658	48 916	5 772	24 218	968	3 849
1930	8 625	16 635	762	1 531

(continua)

Tabela 40

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de lã,
do RS — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantida- de (t)	Valor (Cr\$) (D)	B/A	C/B	De A	De B
1901	-	-	0,82
1902	-	-	0,56
1903	-	-	0,85
1904	-	-	0,95
1905	-	-	0,96
1906	-	-	0,82
1907	38,7	-	0,89	0,89
1908	53,6	-	0,84	0,84
1909	70,1	-	0,78	0,78
1910	48,8	-	0,93	0,93
1911	48,0	-	0,88	0,88
1912	75,4	-	0,78	0,78
1913	2 832	2 341	49,6	12,1	0,83	0,83
1914	29,8	-	0,92	0,92
1915	1 615	1 603	33,6	25,0	0,95	0,95
1916	1 369	2 097	38,5	45,0	1,60	1,60
1917	1 096	2 875	30,3	51,0	2,63	2,63
1918	1 273	2 896	39,6	58,7	2,34	2,34
1919	2 614	6 273	49,3	30,4	2,37	2,38
1920	1 759	4 190	36,4	39,1	2,38	2,39
1921	3 604	4 589	56,6	24,1	1,26	1,26
1922	3 882	7 000	54,8	23,8	1,79	1,79
1923	2 386	7 391	48,4	39,4	2,98	2,98
1924	3 003	12 505	46,3	29,0	4,31	4,31
1925	3 259	12 101	43,6	32,8	4,18	4,18
1926	7 066	17 876	71,7	8,7	2,53	2,53
1927	5 557	15 015	58,2	14,3	2,70	2,70
1928	4 823	18 494	41,4	21,9	3,95	3,95
1929	4 804	20 369	49,5	15,9	4,20	4,20
1930	7 863	15 104	-	9,2	-	1,93

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Produção agrícola**: dados gerais do Rio Grande do Sul 1920/1946. Porto Alegre: DEE, 1921/1947.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927**. Porto Alegre: DEE, 1926/1928.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário da produção agropecuária 1967**. Porto Alegre: DEE, 1968.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1945**. Porto Alegre: DEE, 1921/1946.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 41

Quantidade e valor, segundo os estados de destino, da exportação de lã do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	313	260	79	62	392	322	3 208	...
1915	408	342	215	191	623	533	2 238	...
1916	894	1 501	120	212	0,1	0,4	1 014	1 713	2 383	...
1917	859	2 306	278	685	0,1	0,2	1 137	2 991	2 233	...
1918	1 047	2 533	679	1 571	0,1	1,0	1 726	4 105	2 862	...
1919	733	1 712	435	1 021	0,0	0,2	1 168	2 733	3 782	8 969
1920	766	1 847	366	853	0,1	0,3	1 132	2 700	2 916	6 886
1921	723	874	418	601	0,2	1,0	1 141	1 476	4 791	6 043
1922	692	1 304	535	855	0,9	5,0	1 227	2 164	5 152	9 296
1923	1 121	3 509	566	1 365	2,0	10,0	1 689	4 884	4 095	12 197
1924	686	5 895	393	1 488	0,3	2,0	1 079	7 385	4 083	17 621
1925	657	3 507	571	2 351	15,0	42,0	1 243	5 900	4 309	18 018
1926	327	904	317	753	4,0	23,0	648	1 680	7 728	19 559

FONTE: DOMINGUES, Marcílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 42
Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de carnes frigorificadas do RS — 1915-1930

ANOS	EXPORTAÇÃO		BRASIL		EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %			PREÇO MÉDIO DE A (Cr\$/t)
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)	B/A	C/A		
1915	2	2	-	-	...	1,00
1919	7 356	7 885	-	-	7 346	5 886	-	-	74,6	1,07
1920	24 194	19 297	4	3	24 190	19 294	0,0	100,0	100,0	0,80
1921	32 548	26 027	-	-	32 548	26 027	-	-	100,0	0,80
1922	2 933	2 383	38	33	2 895	2 350	1,4	98,6	98,6	0,81
1923	11 199	8 960	-	-	11 199	8 960	-	-	100,0	0,80
1924	12 931	12 511	-	-	12 931	12 511	-	-	100,0	0,97
1925	19 012	19 012	14	14	18 998	18 998	0,1	99,9	99,9	1,00
1926	1 993	2 084	95	97	1 898	1 987	4,7	95,3	95,3	1,05
1927	9 580	13 569	91	119	9 489	12 450	0,9	91,8	91,8	1,42
1928	19 049	26 533	-	-	19 049	26 533	-	-	100,0	1,39
1929	9 474	13 277	-	-	9 474	13 277	-	-	100,0	1,40
1930	53 097	73 568	143	220	52 954	73 348	0,3	99,7	99,7	1,39

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1938/1939; 1941.** Porto Alegre: DEE, 1939/1940; 1942.
BENETTI, Maria D. (Coord.). **Evolução recente do setor agropecuário do Rio Grande do Sul 1920/1973.** Rio de Janeiro: FGV; PERSAGRI, 1978. (Mimeo).
PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República Velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos criadores.** Porto Alegre: Movimento, 1980a.

Tabela 43

Quantidade, valor e preço médio das exportações de carne em conserva, de carne de porco e de couro curtido do RS — 1899-930

ANOS	CARNE EM CONSERVA (1) (A)		CARNE DE PORCO (B)		COURO CURTIDO (C)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1899	378	188	698	439	(2)83 342	796
1900	134	119	803	441	(2)11 833	774
1901	177	130	691	282	(2)22 886	532
1902	127	97	1 026	450	(2)36 695	539
1903	283	227	997	383	(2)26 709	525
1904	474	391	933	332	(2)23 357	702
1905	575	477	1 164	431	(2)24 857	731
1906	797	587	1 124	440	(2)25 703	709
1907	590	456	959	518	(2)25 973	769
1908	278	213	1 091	538	(2)25 412	755
1909	523	418	1 117	444	(2)10 869	151
1910	4 224	1 636	1 127	588	(2)30 719	837
1911	430	337	1 256	579	(2)30 282	912
1912	438	339	1 237	560	(2)31 096	871
1913	451	399	1 548	862	(2)19 343	585
1914	217	174	1 131	528	(2)15 346	449
1915	192	164	760	334	(2)16 274	471
1916	715	1 106	197	99	(2)20 077	510
1917	6 183	11 261	207	121	(2)22 571	605
1918	61	50	(2)29 136	775
1919	148	128	(2)24 360	732
1920	58	58	4	4	(2)21 869	670
1921	644	654	23	22	571	1 724
1922	668	687	53	53	703	2 146
1923	1 218	1 288	107	105	730	2 630
1924	1 167	1 669	185	174	894	3 881
1925	1 034	1 632	152	202	823	4 005
1926	1 028	1 708	814	995	463	2 013
1927	6 858	12 299	105	152	349	1 554
1928	2 777	5 327	131	213	292	1 770
1929	2 463	3 855	450	242	407	1 983
1930	5 930	10 662	153	173	252	1 117

(continua)

Tabela 43

Quantidade, valor e preço médio das exportações de carne em conserva, de carne de porco e de couro curtido do RS — 1899-930

ANOS	PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)		
	A	B	C
1899	0,50	0,63	0,01
1900	0,89	0,55	0,07
1901	0,73	0,41	0,02
1902	0,76	0,44	0,01
1903	0,80	0,38	0,02
1904	0,82	0,36	0,03
1905	0,83	0,37	0,03
1906	0,74	0,39	0,03
1907	0,77	0,54	0,03
1908	0,77	0,49	0,03
1909	0,80	0,40	0,01
1910	0,39	0,41	0,03
1911	0,78	0,46	0,03
1912	0,77	0,45	0,03
1913	0,88	0,56	0,03
1914	0,80	0,47	0,03
1915	0,85	0,44	0,03
1916	1,55	0,50	0,03
1917	1,82	0,58	0,03
1918	-	0,82	0,03
1919	-	0,86	0,03
1920	1,00	1,00	0,03
1921	1,02	0,96	3,02
1922	1,03	1,00	3,05
1923	1,06	0,98	3,60
1924	1,43	0,94	4,34
1925	1,58	1,33	4,87
1926	1,66	1,22	4,35
1927	1,79	1,45	4,45
1928	1,92	1,63	6,06
1929	1,57	0,54	4,87
1930	1,80	1,13	4,43

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

(1) Presuntos, salames, mortadelas, etc. (2) Unidades de couro.

Tabela 44

Quantidade e valor, segundo os estados de destino, das exportações de sebo do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA		ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		TOTAL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	506	221	5 562	2 003	2 530	855	1 288	523	98	43	9 984	3 645
1915	314	135	1 835	852	1 611	725	1 386	592	3	1	5 149	2 305
1916	4	1	828	377	1 371	640	824	358	9	4	3 036	1 380
1917	78	44	2 156	1 150	2 109	939	254	165	37	16	4 634	2 314
1918	114	102	2 951	2 476	1 834	1 555	223	180	26	23	5 148	4 336
1919	282	227	2 281	1 860	1 414	1 127	540	444	30	24	45	40	4 592	3 722
1920	262	210	1 275	1 020	1 375	1 101	754	603	54	43	8	7	3 728	2 984
1921	293	234	3 456	2 765	1 161	923	282	226	5	4	37	29	5 234	4 181
1922	647	518	4 336	3 518	1 470	1 214	683	548	96	79	32	26	7 264	5 903
1923	9	8	3 644	3 074	1 572	1 352	142	136	150	129	16	14	5 533	4 713
1924	447	334	3 133	2 415	2 167	1 750	709	524	240	176	0	0	6 696	5 199
1925	680	671	3 081	2 468	1 510	1 151	866	704	189	144	120	114	6 446	5 252
1926	531	382	3 833	2 956	2 002	1 487	1 342	962	361	260	281	199	8 350	6 246

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul**: estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 45

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de arroz
do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)
1901	11	4
1902	77	18
1903	215	34
1904	223	69
1905	78	19
1906	12	2
1907	201	73
1908	632	162
1909	3 123	794
1910	2 976	753
1911	3 579	655
1912	9 970	2 512
1913	17 267	4 950	17 201	4 929
1914	104 775	20 955	12 245	3 591
1915	108 000	31 860	13 793	5 261	13 780	5 255
1916	111 515	33 454	6 569	2 320	5 329	1 908
1917	93 520	28 056	25 993	8 590	4 577	1 703
1918	114 030	34 209	20 341	11 845	1 683	2 766
1919	132 000	46 200	28 361	15 099	9 050	5 192
1920	148 950	35 748	35 623	17 897	7 725	3 952
1921	173 260	41 582	54 297	21 440	16 207	6 980
1922	173 260	41 582	47 589	22 852	13 589	7 127
1923	184 850	55 455	47 259	24 423	16 029	7 251
1924	143 950	51 822	42 024	34 533	35 109	30 521
1925	184 400	92 200	45 876	53 569	45 071	53 330
1926	204 970	61 491	60 859	33 553	55 287	31 685
1927	226 540	67 962	92 235	54 036	79 999	49 307
1928	220 240	77 084	78 586	65 761	77 996	65 297
1929	230 450	76 049	63 683	54 038	54 373	48 169
1930	232 200	76 626	83 991	46 955	53 797	33 481

(continua)

Tabela 45

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de arroz
do RS — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (D)	B/A	C/B	De A	De B
1901	-	-	-	0,36
1902	-	-	-	0,23
1903	-	-	-	0,16
1904	-	-	-	0,31
1905	-	-	-	0,24
1906	-	-	-	0,17
1907	-	-	-	0,36
1908	-	-	-	0,26
1909	-	-	-	0,25
1910	-	-	-	0,25
1911	-	-	-	0,18
1912	-	-	-	0,25
1913	66	21	-	99,6	-	0,29
1914	17,1	-	0,20	0,29
1915	13	6	16,5	99,9	0,30	0,38
1916	1 240	412	6,9	82,2	0,30	0,35
1917	21 416	6 887	30,6	19,8	0,30	0,33
1918	18 658	9 079	34,6	23,4	0,30	0,58
1919	19 311	9 907	32,7	34,4	0,35	0,53
1920	27 898	13 945	50,1	22,1	0,24	0,50
1921	38 090	14 460	51,6	32,6	0,24	0,39
1922	34 000	15 725	55,0	31,2	0,24	0,48
1923	31 230	17 172	44,0	29,7	0,30	0,52
1924	6 615	4 012	66,6	88,4	0,36	0,82
1925	305	239	58,1	99,6	0,50	1,17
1926	5 572	1 868	54,6	94,4	0,30	0,55
1927	12 236	4 729	79,5	91,2	0,30	0,59
1928	590	464	85,3	99,3	0,35	0,84
1929	8 810	5 869	71,1	89,1	0,33	0,85
1930	30 194	13 474	61,3	71,3	0,33	0,56

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Produção agrícola:** dados gerais do Rio Grande do Sul 1920/1946. Porto Alegre: DEE, 1921/1947.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927.** Porto Alegre: DEE, 1926/1928.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário da produção agropecuária 1967.** Porto Alegre: DEE, 1968.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 46

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de arroz
do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	4 334	958	11 623	3 609	47	14	119	39
1915	5 486	1 835	7 542	3 113	134	56	29	12
1916	710	195	3 931	1 457	250	90	90	39
1917	384	102	369	147	115	53
1918	7	3	812	2 333	434	214	75	37
1919	151	80	5 448	3 225	1 579	869	817	442
1920	553	291	5 963	3 025	630	332	208	109
1921	61	22	14 112	6 058	784	342	387	169
1922	98	51	9 887	5 325	1 183	630	799	429
1923	289	124	9 890	4 360	1 581	726	1 171	549
1924	3 061	2 578	27 644	23 996	1 178	946	804	644
1925	19 304	21 670	22 450	27 450	712	850	310	374
1926	4 787	2 512	42 087	24 109	1 237	735	1 289	800

(continua)

Tabela 46

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de arroz
do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	38	13	857	245	17 018	4 878	17 217	4 955
1915	7	3	397	162	13 595	5 181	13 767	5 259
1916	3	1	114	43	5 098	1 825	6 574	2 366
1917	2 934	1 121	150	61	3 952	1 484	23 982	8 614
1918	5	2	55	30	1 388	2 619	20 048	11 189
1919	134	72	238	132	8 367	4 820	27 760	14 775
1920	48	24	129	66	7 531	3 847	35 623	17 897
1921	309	136	452	204	16 105	6 931	54 296	21 440
1922	1 098	386	337	194	13 402	7 015	47 589	22 852
1923	1 729	856	352	155	15 012	6 770	47 259	24 423
1924	1 621	1 462	286	253	34 594	29 879	42 024	34 533
1925	1 293	1 475	1 158	1 327	45 227	53 146	45 876	53 569
1926	2 524	1 574	2 518	1 425	54 442	31 155	60 860	33 553

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 47

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de feijão
do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)
1901	8 234	1 934
1902	20 324	2 063
1903	21 813	2 688
1904	17 676	2 322
1905	12 710	2 027
1906	14 230	2 827
1907	14 708	3 266
1908	18 041	2 280
1909	12 267	1 716
1910	17 855	2 296
1911	7 468	1 710
1912	22 104	3 752
1913	33 651	5 114	33 647	5 113
1914	61 840	15 460	17 203	3 200
1915	75 000	16 500	6 319	1 929	6 292	1 919
1916	78 000	17 160	15 191	2 915	13 891	2 637
1917	81 510	24 453	28 954	6 108	26 969	5 648
1918	99 390	25 841	7 110	2 941	5 494	1 784
1919	121 000	30 250	20 274	4 538	14 623	3 228
1920	120 700	30 250	11 031	3 150	10 932	3 124
1921	121 900	29 299	20 399	5 041	20 277	5 013
1922	126 500	33 353	18 217	6 592	18 111	6 553
1923	125 500	40 896	10 851	4 503	10 730	4 449
1924	120 600	50 595	49 167	28 044	49 043	27 938
1925	100 000	45 480	14 469	17 161	14 436	17 122
1926	102 500	38 091	37 534	14 739	36 745	14 407
1927	136 560	54 768	32 603	13 899	32 546	13 871
1928	136 950	53 410	39 776	24 596	39 734	24 571
1929	137 500	55 500	35 925	26 803	35 912	26 793
1930	128 200	50 145	29 678	22 572	29 433	22 489

(continua)

Tabela 47

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de feijão
do RS — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (D)	B/A	C/B	De A	De B
1901	-	-	-	0,23
1902	-	-	-	0,10
1903	-	-	-	0,12
1904	-	-	-	0,13
1905	-	-	-	0,16
1906	-	-	-	0,19
1907	-	-	-	0,22
1908	-	-	-	0,12
1909	-	-	-	0,14
1910	-	-	-	0,13
1911	-	-	-	0,23
1912	-	-	-	0,17
1913	4	1	-	100,0	-	0,15
1914	20,7	-	0,25	0,19
1915	27	10	11,7	99,5	0,22	0,31
1916	1 300	278	17,0	90,5	0,22	0,19
1917	1 985	460	25,0	92,5	0,30	0,21
1918	1 616	1 157	11,4	60,7	0,26	0,41
1919	5 651	1 310	15,0	71,1	0,25	0,22
1920	99	26	10,4	99,2	0,25	0,29
1921	122	28	17,2	99,4	0,24	0,25
1922	106	39	19,8	99,4	0,26	0,36
1923	121	54	11,0	98,8	0,33	0,41
1924	124	106	55,4	99,6	0,42	0,57
1925	33	39	37,7	99,8	0,45	1,19
1926	789	332	38,7	97,7	0,37	0,39
1927	57	28	25,4	99,8	0,40	0,43
1928	42	25	46,1	99,9	0,39	0,62
1929	13	10	48,3	100,0	0,40	0,75
1930	245	83	45,0	99,6	0,39	0,76

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

Tabela 48

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de feijão
do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	314	50	28 735	4 334	897	93	2 400	437
1915	88	29	6 017	1 831	51	16	38	13
1916	137	28	12 887	2 459	45	13	51	9
1917	381	60	25 190	5 211	552	119	22	4
1918	55	3	5 171	1 687	130	45	0	0
1919	310	70	11 422	2 521	2 186	489	71	16
1920	0	0	10 262	2 956	288	69	61	15
1921	387	93	18 284	4 550	827	184	23	5
1922	384	136	16 202	5 874	859	304	7	2
1923	69	32	9 823	4 052	432	191	6	2
1924	3 731	2 202	38 548	21 778	2 560	1 476	1 384	750
1925	169	160	12 678	15 399	750	511	97	94
1926	1 192	500	27 176	11 067	2 400	1 000	1 030	431

(continua)

Tabela 48

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de feijão
do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	935	135	274	39	33 555	5 088	33 647	5 100
1915	8	2	59	18	6 261	1 909	6 292	1 919
1916	149	23	5	0	13 274	2 533	13 891	2 637
1917	58	9	0	0	26 153	5 403	26 969	5 648
1918	0	0	5 356	1 735	5 494	1 784
1919	188	39	9	1	14 186	3 136	14 623	3 228
1920	140	35	15	3	10 767	3 078	11 032	3 150
1921	369	84	29	6	19 919	4 922	20 400	5 041
1922	430	153	0	0	17 883	6 470	18 218	6 594
1923	175	73	10 505	4 350	10 852	4 504
1924	1 115	686	54	35	47 392	26 927	49 167	28 045
1925	523	588	18	22	14 235	16 774	14 469	17 161
1926	2 350	872	21	6	34 169	13 876	37 534	14 740

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 49

Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação de cebola
do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÕES		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t) DE B
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	
1901	3 717	585	0,15
1902	5 191	479	0,09
1903	4 695	926	0,19
1904	468	734	0,15
1905	5 774	802	0,14
1906	5 468	1 273	0,23
1907	9 789	1 440	0,15
1908	7 502	908	0,20
1909	7 214	729	0,10
1910	6 658	673	0,10
1911	7 432	901	0,12
1912	9 672	1 010	0,10
1913	6 733	1 429	0,14
1914	8 190	1 444	0,17
1915	8 093	1 336	0,16
1916	85 000	9 350	9 598	1 365	0,14
1917	13 197	1 716	0,13
1918	21 000	3 150	8 701	1 305	0,15
1919	30 000	4 800	19 304	3 661	0,19
1920	21 600	3 150	11 064	3 319	0,29
1921	24 000	4 800	14 139	4 244	0,30
1922	25 600	4 120	13 207	3 834	0,29
1923	26 240	6 640	12 679	5 572	0,43
1924	25 600	8 320	23 229	9 544	0,41
1925	23 800	9 800	18 646	6 895	0,36
1926	25 900	10 645	20 397	5 180	0,25
1927	32 800	13 541	22 713	7 146	0,31
1928	40 000	14 985	33 470	7 350	0,21
1929	45 000	10 928	16 089	6 554	0,40
1930	46 400	14 460	22 425	11 204	0,49

FONTE: RELATÓRIO DA SECRETARIA DE ESTADO DE NEGÓCIOS DA FAZENDA
AO PRESIDENTE DO ESTADO, DR. AUGUSTO BORGES DE MEDEIROS.
Porto Alegre: A Federação, 1921.

A ESTÂNCIA. Porto Alegre: [s. n.], v. 2, n. 2, nov. 1914.

BALANÇO DEFINITIVO DA RECEITA E DESPESA DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL 1900/1908. Porto Alegre: A Federação, 1902/1909.

Tabela 50

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de cebola
do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	2 557	480	3 140	656	189	36	450	172
1915	2 907	492	3 699	612	369	55	749	115
1916	3 287	478	4 522	638	398	55	1 138	156
1917	4 177	588	6 434	888	559	73	940	132
1918	2 508	334	4 488	655	332	54	687	120
1919	9 910	1 068	6 639	1 837	687	183	1 715	478
1920	3 888	1 166	5 364	1 609	384	115	680	204
1921	5 701	1 710	6 586	1 976	509	152	806	242
1922	4 122	1 076	457	137	522	170	818	256
1923	5 049	2 140	5 391	2 424	500	227	692	311
1924	10 093	3 899	8 542	3 882	760	290	1 326	508
1925	7 952	2 778	7 061	2 849	716	241	1 126	385
1926	8 682	2 038	6 795	1 891	725	242	1 298	309

(continua)

Tabela 50

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de cebola
do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	78	15	31	6	6 445	1 365	6 733	1 429
1915	50	7	48	9	7 822	1 290	8 093	1 336
1916	89	12	164	26	9 598	1 365	9 598	1 365
1917	132	18	174	29	12 416	1 728	13 197	1 716
1918	58	12	26	5	8 099	1 180	8 701	1 305
1919	184	49	169	46	19 304	3 661	19 304	3 661
1920	147	44	44	13	10 507	3 151	11 064	3 319
1921	181	54	76	23	13 859	4 157	14 139	4 244
1922	224	73	29	11	6 172	1 723	13 207	3 834
1923	159	71	91	40	11 882	5 213	12 679	5 572
1924	479	181	390	149	21 590	8 909	23 229	9 544
1925	467	165	34	10	17 356	6 428	18 646	6 895
1926	452	111	87	19	18 039	4 610	20 397	5 180

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 51

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de fumo
do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)
1901	297	1 908
1902	194	999
1903	189	1 121
1904	217	1 495
1905	342	1 810
1906	216	1 209
1907	322	2 022
1908	741	1 743
1909	369	2 546
1910	366	2 662
1911	310	3 100
1912	387	3 884
1913	8 549	3 975	5 083	2 580
1914	14 510	3 533
1915	14 700	4 557	5 250	1 532	5 189	1 516
1916	14 700	4 557	5 465	2 755	5 254	2 628
1917	13 540	4 739	4 029	3 117	2 813	2 229
1918	15 250	6 100	5 338	4 829	3 882	3 479
1919	15 250	6 100	8 742	8 365	7 977	7 629
1920	15 250	6 100	6 705	6 994	5 659	5 922
1921	16 000	6 400	9 711	7 908	6 688	5 432
1922	18 000	8 100	8 980	8 947	6 277	6 213
1923	18 640	11 184	8 066	11 988	6 339	9 138
1924	16 800	13 440	11 556	22 826	8 896	17 469
1925	19 000	19 000	10 347	17 235	9 488	15 657
1926	23 100	19 600	14 537	15 000	11 324	11 675
1927	25 860	23 701	9 045	13 415	8 730	12 944
1928	30 190	33 215	9 631	26 003	9 158	24 772
1929	32 460	42 198	14 538	30 614	11 753	24 626
1930	30 340	39 442	12 861	24 165	10 069	18 886

(continua)

Tabela 51

Quantidade e valor, segundo o destino, da produção e da exportação de fumo
do RS — 1901-30

ANOS	EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (D)	B/A	C/B	De A	De B
1901	-	-	-	6,42
1902	-	-	-	5,15
1903	-	-	-	5,93
1904	-	-	-	6,89
1905	-	-	-	5,29
1906	-	-	-	5,59
1907	-	-	-	6,28
1908	-	-	-	2,35
1909	-	-	-	6,89
1910	-	-	-	7,27
1911	-	-	-	10,00
1912	-	-	-	10,03
1913	3 466	1 395	-	64,9	-	0,46
1914	-	-	0,24	-
1915	61	16	33,6	99,0	0,31	0,29
1916	211	127	60,5	95,4	0,31	0,50
1917	1 216	888	65,8	71,5	0,35	0,77
1918	1 456	1 350	79,2	72,0	0,40	0,90
1919	765	736	137,1	91,2	0,40	0,96
1920	1 046	1 072	114,7	84,7	0,40	1,04
1921	3 023	2 476	123,6	68,7	0,40	0,81
1922	2 703	2 734	110,5	69,4	0,45	1,00
1923	1 727	2 850	107,2	76,2	0,60	1,49
1924	2 660	5 357	169,8	76,5	0,80	1,98
1925	859	1 578	90,7	90,8	1,00	1,67
1926	3 213	3 325	76,5	77,8	0,85	1,03
1927	315	471	56,6	96,5	0,92	1,48
1928	473	1 231	78,3	95,3	1,10	2,7
1929	2 785	5 988	72,5	80,4	1,30	2,11
1930	2 792	5 279	61,3	78,2	1,30	1,88

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 52

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de fumo do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	736	325	3 893	2 021	92	41	37	14	11	9	4 769	2 410	5 083	2 580
1915	945	358	3 973	1 086	66	17	31	9	1	0	5 016	1 470	5 189	1 516
1916	708	353	4 118	2 062	160	81	15	7	5 001	2 503	5 254	2 628
1917	481	806	1 734	1 064	167	90	15	9	2	1	2 399	1 970	2 813	2 229
1918	690	641	2 622	2 325	202	182	1	1	3 515	3 149	3 882	3 479
1919	1 429	1 467	5 408	5 273	547	329	4	4	0	0	7 389	7 074	7 977	7 629
1920	519	547	4 362	4 535	387	401	4	4	7	7	5 279	5 494	6 706	6 995
1921	683	556	4 730	3 680	766	640	11	9	0	54	6 190	4 939	9 711	7 909
1922	786	772	3 968	3 886	689	666	13	15	5 456	5 339	8 980	8 947
1923	1 575	2 144	6 646	5 336	402	566	11	17	8 634	8 063	8 067	11 988
1924	151	243	41	54	2	1	0	0	195	299	11 556	22 826
1925	241	379	59	71	0	0	300	450	10 347	17 235
1926	1 700	1 747	7 219	7 190	927	910	352	375	10 198	10 222	14 446	14 609

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 53

Quantidade, valor e preço médio, segundo o destino, da exportação de farinha de mandioca do RS — 1901-30

ANO	EXPORTAÇÕES		BRASIL		EXTERIOR		PARTICI- PAÇÃO % B/A	PREÇO MÉDIO (Cr\$/t) De A
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$) (C)		
1901	(1)537 680	2 243	-	4,17
1902	(1)504 254	1 369	-	2,71
1903	(1)568 008	1 625	-	2,86
1904	(1)481 644	4 087	-	8,49
1905	(1)489 283	3 767	-	7,70
1906	(1)432 513	2 662	-	6,15
1907	(1)557 918	3 427	-	6,14
1908	(1)648 031	4 136	-	6,38
1909	(1)545 746	3 646	-	6,68
1910	(1)431 278	2 674	-	6,20
1911	(1)498 217	3 138	-	6,30
1912	(1)541 700	3 315	-	6,12
1913	38 708	4 758	37 258	4 592	1 450	166	96,5	0,12
1915	52 115	6 549	49 012	6 183	3 103	366	94,4	0,13
1916	19 260	4 039	17 025	3 586	2 235	453	88,8	0,21
1917	14 354	3 131	10 089	2 536	4 265	595	81,0	0,22
1918	20 895	5 399	18 080	4 729	2 815	670	87,6	0,26
1919	31 977	5 458	29 036	5 010	2 941	448	91,8	0,17
1920	44 255	5 666	39 351	5 045	4 904	621	89,0	0,13
1921	36 028	4 466	30 611	3 817	5 417	649	85,5	0,12
1922	30 378	5 779	25 289	4 800	5 089	979	83,1	0,19
1923	30 678	8 446	25 789	7 080	4 889	1 366	83,8	0,28
1924	30 659	11 587	27 268	10 257	3 391	1 330	88,5	0,38
1925	20 121	12 351	16 941	10 108	3 180	2 243	81,8	0,61
1926	25 166	6 750	21 924	5 868	3 242	882	86,9	0,27
1927	27 120	7 570	-	0,28
1928	37 300	11 183	-	0,30
1929	33 426	8 686	-	0,26
1930	30 259	7 848	-	0,26

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

(1) Em sacos.

Tabela 54

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de farinha de mandioca do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	5 081	572	23 202	2 857	176	20	6 326	841
1915	3 681	357	24 419	2 907	11 203	1 098	1 399	230
1916	1 769	431	12 127	2 521	1 261	253	0	0
1917	232	52	9 454	2 381	0	0
1918	5 274	1 700	12 537	2 944
1919	1 474	312	11 669	2 294	11 080	1 677
1920	591	72	18 615	2 298	2 223	280	11 681	1 593
1921	1 961	240	24 726	3 092	35	4	60	0
1922	1 211	243	22 493	4 246	75	13
1923	2 628	695	20 838	5 787	460	103	1	0
1924	2 294	907	22 455	8 402	600	225	1	0
1925	15 619	9 519	0	0	6	8
1926	1 429	419	17 708	4 740	75	36

(continua)

Tabela 54

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de farinha de mandioca do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	196	20	1 606	200	36 587	4 510	37 258	4 592
1915	153	14	1 121	856	41 976	5 462	49 012	6 183
1916	25	5	648	127	15 830	3 337	17 025	3 586
1917	257	65	9 943	2 498	10 089	2 536
1918	130	42	22	7	17 963	4 693	18 080	4 729
1919	24	3	416	66	24 663	4 352	29 036	5 010
1920	448	56	1 191	154	34 749	4 453	39 351	5 045
1921	781	98	693	84	28 256	3 519	30 611	3 817
1922	603	107	778	164	25 160	4 773	25 289	4 800
1923	93	25	1 577	414	25 597	7 024	25 789	7 080
1924	121	48	1 438	541	26 909	10 124	27 268	10 257
1925	115	78	1 006	567	16 747	10 178	16 941	10 178
1926	1 011	243	1 619	411	21 842	5 849	21 924	5 868

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul**: estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 55

Quantidade, valor e preço médio da exportação, total e para o Brasil,
de vinho do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL		PREÇO MÉDIO DA EXPORTAÇÃO (Cr\$/1 000 litros)
	Quantidade (1 000 litros)	Valor (Cr\$)	Quantidade (1 000 litros)	Valor (Cr\$)	Quantidade (1 000 litros)	Valor (Cr\$)	
1901	201	110	0,55
1902	288	85	0,30
1903	494	149	0,30
1904	875	266	0,30
1905	2 092	482	0,23
1906	2 984	599	0,20
1907	2 891	578	0,20
1908	3 557	718	0,20
1909	3 190	638	0,20
1910	3 553	746	0,21
1911	6 142	1 311	0,21
1912	7 330	1 666	0,23
1913	4 584	1 151	4 581	1 150	0,25
1914	5 310	1 114	0,21
1915	5 635	1 150	5 626	1 147	0,20
1916	8 477	2 431	8 462	2 425	0,29
1917	14 138	2 376	14 079	2 354	0,17
1918	12 809	3 549	12 792	3 539	0,28
1919	7 684	2 968	7 664	2 960	0,39
1920	2 987	1 310	2 972	1 302	0,44

(continua)

Tabela 55

Quantidade, valor e preço médio da exportação, total e para o Brasil,
de vinho do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL		PREÇO MÉDIO DA EXPORTAÇÃO
	Quantidade (1 000 litros)	Valor (Cr\$)	Quantidade (1 000 litros)	Valor (Cr\$)	Quantidade (1 000 litros)	Valor (Cr\$)	(Cr\$/1 000 litros)
1921	56 000	19 600	4 669	2 124	4 659	2 117	0,45
1922	7 197	3 333	7 178	3 323	0,46
1923	37 540	25 940	11 211	7 751	11 067	7 737	0,69
1924	39 400	25 491	11 438	7 407	11 424	7 381	0,65
1925	38 180	38 714	15 177	10 319	15 173	10 314	0,68
1926	41 250	27 885	16 643	11 257	16 642	11 256	0,68
1927	45 800	28 030	19 773	12 121	19 772	12 120	0,61
1928	26 191	21 040	26 190	21 039	0,80
1929	22 567	17 862	22 566	17 860	0,79
1930	14 544	10 845	14 544	10 845	0,75

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Produção agrícola** dados gerais do Rio Grande do Sul 1920/1946. Porto Alegre: DEE, 1921/1947.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927**. Porto Alegre: DEE, 1926/1928.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário da produção agropecuária 1967**. Porto Alegre: DEE, 1968.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920; 1940; 1941; 1950**. Porto Alegre: DEE, 1921; 1941; 1942; 1951.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 56

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação
de vinho do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	783	172	2 764	750	41	9	290	67
1915	2 391	486	2 068	416	69	14	230	45
1916	4 736	1 431	2 139	588	123	24	182	46
1917	10 105	1 341	2 710	685	208	53	209	51
1918	8 586	2 591	2 745	519	230	66	167	47
1919	4 811	1 895	2 160	808	70	27	87	27
1920	1 401	566	835	392	24	13	54	29
1921	2 346	1 057	1 485	674	55	24	75	34
1922	3 185	1 497	3 020	1 386	97	49	166	76
1923	4 112	3 113	5 180	3 463	195	134	300	184
1924	3 447	2 253	6 063	3 884	5	5	342	216
1925	3 535	2 384	8 693	5 930	451	294	636	439
1926	2 616	1 610	11 293	6 744	564	338	474	297

(continua)

Tabela 56

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação
de vinho do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	46	10	475	102	4 399	1 110	4 581	1 150
1915	124	24	333	67	5 215	1 052	5 626	1 147
1916	128	30	416	92	7 724	2 211	8 462	2 425
1917	152	37	435	113	13 819	2 280	14 079	2 354
1918	115	32	602	193	12 445	3 448	12 792	3 539
1919	106	38	72	26	7 306	2 821	7 664	2 960
1920	52	22	261	118	2 627	1 140	2 987	1 310
1921	128	57	466	222	4 555	2 068	4 669	2 124
1922	182	87	233	118	6 883	3 213	7 197	3 333
1923	350	234	611	375	10 748	7 503	11 211	7 751
1924	499	299	494	355	10 850	7 012	11 438	7 407
1925	802	515	446	343	14 563	9 905	15 177	10 319
1926	743	418	441	314	16 131	9 721	16 644	11 257

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul**: estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 57

Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação, total e para o Brasil, de batata-inglesa do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)	B/A	C/B	De A	De B
1901	497	52	-	-	-	0,10
1902	236	14	-	-	-	0,06
1903	164	10	-	-	-	0,06
1904	115	9	-	-	-	0,08
1905	621	50	-	-	-	0,08
1906	1 398	170	-	-	-	0,12
1907	3 836	306	-	-	-	0,08
1908	2 535	236	-	-	-	0,09
1909	3 544	307	-	-	-	0,09
1910	3 814	328	-	-	-	0,09
1911	7 157	667	-	-	-	0,09
1912	3 797	432	-	-	-	0,11
1913	4 787	509	-	-	-	0,11
1914	159 075	15 907	-	-	0,10	-
1915	165 000	18 150	1 228	258	1 225	257	0,01	1,00	0,11	0,21
1916	165 000	18 150	4 543	605	4 511	598	0,03	0,99	0,11	0,13
1917	103 560	15 534	15 526	2 744	9 457	1 232	0,18	0,45	0,15	0,18
1918	111 230	16 684	13 837	2 274	9 276	1 461	0,14	0,64	0,15	0,16
1919	83 600	15 048	6 113	919	5 942	899	0,06	0,98	0,18	0,15

(continua)

Tabela 57

Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação, total e para o Brasil, de batata-inglesa do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO		BRASIL		PARTICIPAÇÃO %		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)	B/A	C/B	De A	De B
1920	112 710	15 779	4 788	1 189	4 788	1 189	0,08	1,00	0,14	0,25
1921	112 700	15 778	13 002	2 426	12 369	2 311	0,15	0,95	0,14	0,19
1922	122 700	17 077	14 037	2 736	13 951	2 717	0,16	0,99	0,14	0,19
1923	124 030	22 325	11 269	3 504	11 227	3 494	0,16	1,00	0,18	0,31
1924	122 800	24 560	11 042	3 618	11 042	3 618	0,15	1,00	0,20	0,33
1925	107 810	21 562	11 241	3 585	11 195	3 569	0,17	1,00	0,20	0,32
1926	111 600	30 132	9 807	3 702	9 807	3 702	0,12	1,00	0,27	0,38
1927	110 440	33 132	18 787	5 520	18 787	5 520	0,17	1,00	0,30	0,29
1928	127 330	38 199	27 289	6 781	27 289	6 781	0,18	1,00	0,30	0,25
1929	129 200	38 760	10 201	6 007	10 201	6 007	0,15	1,00	0,30	0,59
1930	125 060	37 518	12 515	4 254	12 515	4 254	0,11	1,00	0,30	0,34

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Produção agrícola:** dados gerais do Rio Grande do Sul 1920/1946. Porto Alegre: DEE, 1921/1947.
 RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927.** Porto Alegre: DEE, 1926/1928.
 RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário da produção agropecuária 1967.** Porto Alegre: DEE, 1968.
 RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1941.** Porto Alegre: DEE, 1921/1942.
 REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

Tabela 58

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de batata-inglesa
do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	1 663	183	2 885	300	1	0,1	31	3
1915	283	60	739	150	73	15	40	9
1916	895	103	2 865	342	291	83	281	39
1917	1 518	186	6 865	900	420	53	245	32
1918	2 955	468	5 734	903	191	29	240	38
1919	947	148	4 479	670	228	37	203	32
1920	909	238	3 410	830	89	20	141	34
1921	2 969	537	8 780	1 588	87	16	358	65
1922	2 676	525	10 727	2 087	46	8	289	55
1923	1 830	576	8 512	2 677	317	82	326	83
1924	4 417	1 538	5 285	1 690	378	107	397	118
1925	3 849	1 233	6 854	2 169	86	30	173	53
1926	4 266	1 602	5 076	1 945	97	30	96	30

(continua)

Tabela 58

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de batata-inglesa do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	4	0	198	22	4 782	508,6	4 786	509
1915	5	1	68	18	1 208	253	1 225	257
1916	30	4	81	19	4 443	590	4 511	598
1917	34	4	24	3	9 106	1 178	9 457	1 232
1918	35	5	8	1	9 163	1 444	9 276	1 461
1919	42	6	7	1	5 906	894	5 942	899
1920	16	4	180	52	4 745	1 178	4 788	1 189
1921	28	5	0	0	12 222	2 211	13 003	2 427
1922	28	5	10	2	13 776	2 682	14 038	2 736
1923	11	3	22	7	11 018	3 428	11 269	3 504
1924	161	51	55	20	10 693	3 524	11 043	3 618
1925	82	26	11 044	3 511	11 241	5 584
1926	213	75	0	2	9 748	3 684	9 807	3 702

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 59

Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação
de alfafa do RS — 1900-1930

ANOS	PRODUÇÃO (A)		EXPORTAÇÃO (B)		PREÇO MÉDIO DE B (Cr\$/t)
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	
1900	162	23	0,14
1902	59	5	0,08
1903	33	4	0,12
1904	47	5	0,11
1905	38	4	0,11
1906	702	82	0,12
1907	717	85	0,12
1908	496	55	0,11
1909	1 986	204	0,10
1910	2 408	317	0,13
1911	3 385	431	0,13
1912	6 274	653	0,10
1913	3 816	426	0,11
1914	103 100	10 310	5 601	668	0,12
1915	105 000	12 200	4 838	680	0,14
1916	126 000	15 120	7 048	1 363	0,19
1917	150 000	18 000	10 845	1 603	0,15
1918	165 000	19 800	11 654	1 658	0,14
1919	176 000	21 120	13 975	1 723	0,12
1920	198 000	23 760	5 629	929	0,17
1921	198 300	23 796	8 571	1 731	0,20
1922	9 743	2 839	0,29
1923	11 497	3 051	0,27
1924	168 000	33 600	11 402	4 161	0,36
1925	10 679	3 726	0,35
1926	9 509	1 744	0,18
1927	10 136	2 327	0,23
1928	5 107	2 215	0,43
1929	6 458	1 932	0,30
1930	4 093	1 178	0,29

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920; 1940; 1941; 1950.** Porto Alegre, DEE, 1921; 1941 1942; 1951.

Tabela 60

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de alfafa do RS — 1913-1926

ANOS	SÃO PAULO		RIO DE JANEIRO		PERNAMBUCO		BAHIA	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1913	196	22	3 249	362	119	22
1915	1 334	156	3 231	482	12	1	5	0
1916	3 291	644	3 507	655	76	13	7	1
1917	7 152	1 106	4 825	713	29	4
1918	7 551	1 076	4 034	569	28	4	2	0
1919	6 407	782	7 109	877	107	3
1920	2 707	454	1 786	274	15	2
1921	4 332	919	4 094	781	33	7
1922	3 319	918	6 153	1 879	171	16	32	8
1923	4 244	1 147	7 100	1 892	56	14
1924	870	304	10 211	3 748	13	5	9	3
1925	3 841	1 311	6 568	2 308	16	5	45	16
1926	2 867	480	6 375	1 210	27	5	81	15

(continua)

Tabela 60

Quantidade e valor, segundo o estado de destino, da exportação de alfafa do RS — 1913-1926

ANOS	ESPÍRITO SANTO		PARANÁ		SUBTOTAL		TOTAL EXPORTADO	
	Quanti- dade (t)	Valor (CR\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)	Quanti- dade (t)	Valor (Cr\$)
1913	14	1	58	6	3 636	413	3 816	426
1915	11	1	175	22	4 768	663	4 838	680
1916	9	1	27	5	6 917	1 319	7 048	1 362
1917	4	0	159	21	12 169	1 845	10 845	1 603
1918	8	1	87	13	11 710	1 663	11 654	1 658
1919	15	1	103	13	13 741	1 676	13 974	1 723
1920	3	0	143	27	4 654	757	5 629	929
1921	2	0	79	15	8 540	1 723	8 571	1 731
1922	41	11	27	7	9 743	2 839	9 743	2 839
1923	14	3	4	1	11 418	3 057	11 497	3 051
1924	13	4	129	43	11 245	4 107	11 402	4 161
1925	7	2	131	56	10 608	3 698	10 679	3 726
1926	23	5	24	5	9 397	1 720	9 509	1 744

FONTE: DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul:** estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.

Tabela 61

Quantidade, valor e preço médio da produção e da exportação
de milho do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO (A)		EXPORTAÇÃO (B)		PREÇO MÉDIO (Cr\$/t)	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	De A	De B
1901	74	6	-	0,08
1902	308	29	-	0,09
1903	15	1	-	0,07
1904	95	7	-	0,07
1905	31	2	-	0,06
1906	11	1	-	0,09
1907	1	0	-	0,00
1908	390	42	-	0,11
1909	348	38	-	0,11
1910	37	4	-	0,11
1911	13	3	-	0,23
1912	1 314	123	-	0,09
1913	1 589	167	-	0,11
1914	1555 606	124 448	25	1	0,08	0,04
1915	1530 000	153 000	53	7	0,10	0,13
1916	1580 000	158 000	120	23	0,10	0,19
1917	1200 000	144 000	52	5	0,12	0,10
1918	1409 700	169 164	158	26	0,12	0,16
1919	1632 000	195 840	749	113	0,12	0,15
1920	1636 800	196 416	429	91	0,12	0,21
1921	1699 510	237 931	573	98	0,14	0,17
1922	1133 400	237 931	60	9	0,21	0,15
1923	1139 800	238 389	55	13	0,21	0,24
1924	834 600	262 780	421	151	0,31	0,36
1925	840 000	324 252	281	131	0,39	0,47
1926	862 200	337 797	25	5	0,39	0,20
1927	927 000	285 584	284	66	0,31	0,23
1928	985 100	312 854	557	122	0,32	0,22
1929	918 600	285 720	353	104	0,31	0,29
1930	986 400	286 975	9	1	0,29	0,11

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

Tabela 62

Quantidade e valor da produção e da exportação de erva-mate do RS — 1901-30

ANOS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
1901	656	220
1902	851	188
1903	1 668	319
1904	3 718	623
1905	4 138	701
1906	9 942	1 850
1907	6 497	1 422
1908	6 358	1 292
1909	7 097	1 808
1910	9 933	3 057
1911	9 278	2 524
1912	9 084	2 321
1913	8 414	2 174
1914	148 720	44 616	2 896	1 150
1915	166 500	49 950	4 877	1 328
1916	166 500	49 950	8 237	2 439
1917	160 700	48 224	13 014	3 731
1918	171 000	51 300	8 568	2 374
1919	171 000	51 300	9 394	3 808
1920	180 000	54 000	7 286	3 223
1921	4 396	2 066
1922	4 176	1 836
1923	4 543	2 281
1924	4 186	2 744
1925	1 122	851
1926	4 890	3 166
1927	6 406	3 419
1928	4 308	2 725
1929	5 227	3 422
1930	2 974	1 903

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

Tabela 63

Quantidade, valor e preço médio de alguns produtos exportados
para o Brasil e o Exterior pelo RS — 1901-30

ANOS	EXPORTAÇÕES		ALGUNS PRODUTOS EXPORTADOS		
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (A)	Tábuas (t)	Toras (t)	Moirões e Caibros (t)
1901	17	10	85
1902	12	0	51
1903	3	3	46
1904	9	1	56
1905	15	6	95
1906	16	0	101
1907	18	1	60
1908	20	0	64
1909	18	11	57
1910	16	0	53
1911	27	0	84
1912	65	4	142
1913	4 446	351	351
1914	6	...	97
1915	2 865	236	132	0	60
1916	14 567	818	687	...	217
1917	7 183	747	812	...	253
1918	32 537	13 102
1919	16 703	3 346
1920	20 490	1 792
1921	19 795	1 745
1922	24 595	2 275
1923	37 816	3 792
1924	30 923	4 269
1925	37 743	4 935	4 912	...	23
1926	34 022	4 976	4 956	...	20
1927	59 642	8 179	7 120	3	1 050
1928	49 634	8 803	8 116	161	490
1929	58 487	14 002	14 002
1930	47 827	10 527	10 527

(continua)

Tabela 63

Quantidade, valor e preço médio de alguns produtos exportados
para o Brasil e o Exterior pelo RS — 1901-30

ANOS	BRASIL		EXTERIOR		PARTICIPAÇÃO % B/A	PREÇO MÉDIO DE A (Cr\$/t)
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (B)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$) (C)		
1901	-	-
1902	-	-
1903	-	-
1904	-	-
1905	-	-
1906	-	-
1907	-	-
1908	-	-
1909	-	-
1910	-	-
1911	-	-
1912	-	-
1913	65	3	4 381	348	0,99	0,08
1914	-	-
1915	2 865	236	-	0,08
1916	24	1	14 543	817	1,00	0,06
1917	7 183	747	-	0,10
1918	1 213	99	31 324	13 003	0,99	0,40
1919	817	68	15 886	3 278	0,98	0,20
1920	175	23	20 315	1 769	0,99	0,09
1921	1 148	99	18 647	1 646	0,94	0,09
1922	1 645	138	22 950	2 137	0,94	0,09
1923	439	54	37 377	3 738	0,99	0,10
1924	1 838	257	29 085	4 012	0,94	0,14
1925	1 244	171	36 499	4 764	0,97	0,13
1926	68	12	33 954	4 964	1,00	0,15
1927	4 058	552	55 584	7 627	0,93	0,14
1928	1 232	196	48 402	8 607	0,98	0,18
1929	499	103	57 988	13 899	0,99	0,24
1930	2 304	462	45 523	10 065	0,96	0,22

FONTE: REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920/1941**. Porto Alegre, DEE, 1921/1942.

Tabela 64

Quantidade e valor das principais importações do Exterior pelo RS — 1910-12

MERCADORIAS	1910		1911		1912	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
Algodão	186	571	280	764	246	786
Carvão-de-pedra	49 219	1 220	60 575	2 050	64 035	2 216
Peles e couros	75	683	81	677	84	691
Manufatura de algodão	1 155	4 713	1 641	6 779	1 492	6 061
Ferro e aço	47 057	10 124	44 170	10 357	44 329	10 043
Manufatura de lã	115	826	141	964	168	985
Azeite de oliva	282	353	256	341	292	379
Farinha de trigo	34 179	5 765	34 684	6 100	34 852	6 167
Trigo em grão	9 316	1 183	13 902	1 685	13 848	1 684
Vinho comum	2 136	888	2 359	960	1 820	1 020
Subtotal	143 720	26 326	158 089	30 677	161 166	30 032
Total das importações	...	57 697	...	65 709	...	75 314

FONTE: IBGE. **Anuário estatístico do Brasil 1908/1912**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1, 1909-1913. v. 2.

Tabela 65

Quantidade e valor dos principais produtos importados pelo RS — 1920-21

MERCADORIAS	1920		1921	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
Carvão-de-pedra	34 056	6 242 791	17 344	1 610 111
Cimento	14 467	2 385 354	9 398	2 093 627
Peles e couros preparados	65 577	6 686 212	63 061	391 911
Tecidos de algodão	139 151	2 785 758	74 534	2 128 632
Automóveis	1 972	6 918 898	64	590 924
Arame farpado	4 577 433	3 670 625	744 413	829 997
Folha-de-flandres	6 506 758	5 676 463	1 914 708	2 998 400
Papel para impressão	393 917	462 705	1 250 147	2 000 241
Soda cáustica	740 281	722 224	169 421	151 223
Gasolina	3 338 878	2 213 104	5 486 665	6 523 670
Querosene	5 360 265	2 226 330	7 022 170	4 874 366
Vinhos comuns	836 977	1 114 554	207 817	347 369
Farinha de trigo	19 395 473	10 732 622	15 580 650	10 306 915
Trigo em grão	5 620 851	2 142 187	10 497 253	4 909 773
Bacalhau	108 622	235 686	14 332	55 866
Outros produtos	95 973 460	...	83 001 121
TOTAL	144 189 000	...	122 814 000

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927. Porto Alegre:

DEE, 1926/1928. v. 1.

Tabela 66

Quantidade e valor por produto importado do Brasil e do Exterior pelo RS — 1936

MERCADORIAS	IMPORTAÇÃO DO BRASIL		IMPORTAÇÃO DO EXTERIOR	
	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$)
Fios de algodão para costurar	234	6,9
Couros curtidos preparados	500	3,5
Ferro e aço em barras, verguinhas e chapas	3 925	4,4	11 432	11,9
Tecidos de algodão	7 652	112,3
Artigos de armamento	397	8,7
Automóveis	668	7,9	339	3
Manufaturas de ferro e aço	3 511	11,4
Sacos de juta	1 161	6,2
Tecidos de lã	319	12,1
Perfumarias	321	5,6
Produtos farmacêuticos	1 606	25,7	9	0,3
Gasolina	10 259	16,2	8 613	5,7
Querosene	2 390	2,8	4 772	3,4
Óleo combustível	5 065	2,5	9 288	2,7
Açúcar	76 553	68,3
Café em grão	11 084	15,7
Sal comum	58 509	7,8
Soda cáustica	1 759	2,6
Carvão-de-pedra	26 987	13,7
Aubos químicos	3 373	2
Cimento (comum e especial)	20 955	3,2
Máquinas, aparelhos e ferramentas	3 207	38,3
Máquinas de costura	311	5,5
Farinha de trigo	3 818	3,1
Trigo em grão	48 818	32,7
Subtotal	184 154	318	143 681	128,1
Outros	77 797	208,3	68 718	101,7
TOTAL	261 951	526,3	212 399	229,8

(continua)

Tabela 66

Quantidade e valor por produto importado do Brasil e do Exterior pelo RS — 1936

MERCADORIAS	VALOR TOTAL (Cr\$)	PERCENTUAL
Fios de algodão para costurar	6,9	0,9
Couros curtidos preparados	3,5	0,5
Ferro e aço em barras, verguinhas e chapas	16,3	2,2
Tecidos de algodão	112,3	14,9
Artigos de armamento	8,7	1,2
Automóveis	10,9	1,4
Manufaturas de ferro e aço	11,4	1,5
Sacos de juta	6,2	0,8
Tecidos de lã	12,1	1,6
Perfumarias	5,6	0,7
Produtos farmacêuticos	26	3,4
Gasolina	21,9	2,9
Querosene	6,2	0,8
Óleo combustível	5,2	0,7
Açúcar	68,3	9,0
Café em grão	15,7	2,1
Sal comum	7,8	1,0
Soda cáustica	2,6	0,3
Carvão-de-pedra	13,7	1,8
Adubos químicos	2,0	0,3
Cimento (comum e especial)	3,2	0,4
Máquinas, aparelhos e ferramentas ..	38,3	5,1
Máquinas de costura	5,5	0,7
Farinha de trigo	3,1	0,4
Trigo em grão	32,7	4,3
Subtotal	446,1	59,0
Outros	310,0	41,0
TOTAL	756,1	100,0

FORNTE: RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1937**. Porto Alegre: DEE, 1938.

REFERÊNCIAS

- ACCURSO, Cláudio; CANDAL F., Arthur; VERAS, Arnaldo I. Análise do insuficiente desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. **Boletim da Comissão de Desenvolvimento Econômico**. Porto Alegre, Assembléia Legislativa, 1965.
- A ESTÂNCIA. Porto Alegre: [s. n.], v. 2, n. 2, nov. 1914.
- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena história da formação social brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- ASSEMBLÉIA DOS REPRESENTANTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1930, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Federação, 1931.
- BALANÇO DEFINITIVO DA RECEITA E DESPESA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL 1870/1900. Porto Alegre: Secretaria da Fazenda, 1870/1901.
- BANDEIRA, Pedro S. Exportação do Rio Grande do Sul para o mercado internacional: algumas considerações. **Indicadores Econômicos**. Porto Alegre, Fundação de Economia e Estatística, v. 3, n. 1, p. 113-123, jan./mar. 1975.
- BENETTI, Maria D. (Coord.). **Evolução recente do setor agropecuário do Rio Grande do Sul 1920/1973**. Rio de Janeiro: FGV; PERSAGRI, 1978. (Mimeo).
- CAMARGO, Antonio Eleuthério. **Quadro estatístico e geográfico da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: [s. n.], 1968.
- DOMINGUES, Hercílio L. **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul**: estudo do comércio de exportações rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1929. v. 1.
- FISHLOW, Albert. Origens e conseqüências de substituição de importações no Brasil. **Estudos Econômicos**. São Paulo, IPE/USP, v. 2, n. 6, dez. 1972.
- FONSECA, Pedro C. Dutra. **RS: economia e conflitos políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Documenta; 18).
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1959.

GOVERNO DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. **Relatório preliminar**. Porto Alegre: [s. n.], 1866.

IBGE. **Anuário estatístico do Brasil 1908/1912**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1, 1909-1913.

LAGEMANN, Eugênio. Os benefícios fiscais na história gaúcha: uma aproximação ao tema. In: LAGEMANN, E. et. al. **Rio Grande do Sul: 150 anos de finanças públicas**. Porto Alegre: FEE, 1985.

MELLO, João Manuel Cardoso de. **O Capitalismo tardio**: contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENSAGEM À ASSEMBLÉIA DE REPRESENTANTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM 20 DE SETEMBRO DE 1902, pelo Presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1902.

MINELLA, Ari. **Estado e acumulação capitalista no Rio Grande do Sul**: orçamento estadual na Primeira República. Porto Alegre: UFRGS, 1979. (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

OLIVEIRA, Francisco de. **A Economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro. Graal, 1977.

PELAEZ, Carlos Manoel. A balança comercial, a grande depressão e a indústria brasileira, **Revista Brasileira de Economia**, FGV, v. 22, n. 1, jan./mar. 1968.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República Velha gaúcha**: charqueadas, frigoríficos criadores. Porto Alegre. Movimento, 1980a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1980b. (Série Revisão).

RELATÓRIO DA SECRETARIA DE ESTADO DE NEGÓCIOS DA FAZENDA AO PRESIDENTE DO ESTADO, DR. AUGUSTO BORGES DE MEDEIROS. Porto Alegre: A Federação, 1921.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: [s. n.], 1858.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL 1866. Porto Alegre: [s. n.], 1867.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL 1873. Porto Alegre: [s. n.], 1874.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL APRESENTADO À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. Porto Alegre: [s. n.], 1864.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL NA ABERTURA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL EM 6 DE OUTUBRO DE 1853. Porto Alegre: [s. n.], 1853.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, n. 8, dez. 1922.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário da produção agropecuária 1967**. Porto Alegre: DEE, 1968.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1925/1927**. Porto Alegre: DEE, 1926/1928.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1937**. Porto Alegre: DEE, 1938.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Anuário estatístico da exportação do Rio Grande do Sul 1920; 1940; 1941; 1950**. Porto Alegre: DEE, 1921; 1941; 1942; 1951.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Produção agrícola: dados gerais do Rio Grande do Sul 1920/1946**. Porto Alegre: DEE, 1921/1947.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Sinopse estatística das importações 1920/1941**. Porto Alegre: DEE, 1921/1942.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Estadual de Estatística. **Sinopse estatística das importações 1946**. Porto Alegre: DEE, 1947.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 2.

SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1985. 6. ed.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional; USP, 1968. (Tese de doutoramento, Princeton University).

SOUZA, Eneas C.; GRANDO, Marinês Z. A função exportadora da agricultura do Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos RS**. Porto Alegre: FEE, v. 5, n. 1, p. 155-161, jan./jun. 1977.

TEJO, Limeira A. A indústria rio-grandense em função da economia nacional. In: IBGE. **Estatística industrial do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: IBGE, 1937.

EDITORAÇÃO

Supervisão: Valesca Casa Nova Nonnig. Secretária: Luz Da Alva Moura da Silveira.

Revisão

Coordenação: Roselane Vial.

Revisores: Breno Camargo Serafini, Rosa Maria Gomes da Fonseca, Sidonia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

Editoria

Coordenação: Ezequiel Dias de Oliveira.

Composição, diagramação e arte final: Cirei Pereira da Silveira, Denize Maria Maciel, Ieda Koch Leal e Rejane Maria Lopes dos Santos.

Conferência: Elisabeth Alende Lopes, Lenoir Buss e Rejane Schmitt Hübner.

Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.